

A POUSADA EM SUNSET HARBOR — LIVRO 2

# PARA TODO *o* SEMPRE



SOPHIE LOVE

# PARA TODO O SEMPRE

( A POUSADA EM SUNSET HARBOR — LIVRO 2)

SOPHIE LOVE

traduzido por Andressa Vieira

## **Sophie Love**

Fã de longa data de romances, Sophie Love está muito feliz em publicar sua primeira série de livros, que começou com AGORA E PARA SEMPRE (A POUSADA EM SUNSET HARBOR – LIVRO 1), que pode ser [baixado gratuitamente na Amazon!](#) Sophie adoraria ouvir seus comentários, então, visite [www.sophieloveauthor.com](http://www.sophieloveauthor.com) se quiser enviar-lhe um e-mail, receber eBooks de graça, saber das novidades e manter contato!

Copyright © 2016 por Sophie Love. Todos os direitos reservados. Exceto como permitido pelo Ato de Direitos Autorais dos EUA, publicado em 1976, nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida, distribuída ou transmitida em qualquer formato ou por qualquer meio, ou armazenada num banco de dados ou sistema de recuperação, sem permissão prévia da autora. Este eBook está licenciado apenas para uso pessoal. Este eBook não pode ser revendido ou doado a outras pessoas. Se você quiser compartilhar este eBook com outra pessoa, por favor, compre uma cópia adicional para cada indivíduo. Se você está lendo este livro sem tê-lo comprado, ou se não foi adquirido apenas para seu uso, por favor, devolva-o e compre seu próprio exemplar. Obrigado por respeitar o trabalho da autora. Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, empresas, organizações, lugares, eventos e incidentes são produto da imaginação da autora ou usados de forma fictícia. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, é mera coincidência. Foto da capa: NicoElNino, todos os direitos reservados. Usada sob licença da Shutterstock.com.



<https://t.me/StarBooksDigital>  
<https://t.me/SBDLivros>

## **LIVROS DE SOPHIE LOVE**

### **A POUSADA EM SUNSET HARBOR**

**AGORA E PARA SEMPRE (Livro 1) PARA TODO O SEMPRE (Livro 2)**

## SUMÁRIO

[CAPÍTULO UM](#)  
[CAPÍTULO DOIS](#)  
[CAPÍTULO TRÊS](#)  
[CAPÍTULO QUATRO](#)  
[CAPÍTULO CINCO](#)  
[CAPÍTULO SEIS](#)  
[CAPÍTULO SETE](#)  
[CAPÍTULO OITO](#)  
[CAPÍTULO NOVE](#)  
[CAPÍTULO DEZ](#)  
[CAPÍTULO ONZE](#)  
[CAPÍTULO VINTE](#)  
[CAPÍTULO TREZE](#)  
[CAPÍTULO CATORZE](#)  
[CAPÍTULO QUINZE](#)  
[CAPÍTULO DEZESSEIS](#)  
[CAPÍTULO DEZESSETE](#)  
[CAPÍTULO DEZOITO](#)  
[CAPÍTULO DEZENOVE](#)  
[CAPÍTULO VINTE](#)  
[CAPÍTULO VINTE E UM](#)  
[CAPÍTULO VINTE DOIS](#)  
[CAPÍTULO VINTE E TRÊS](#)  
[CAPÍTULO VINTE E QUATRO](#)  
[CAPÍTULO VINTE E CINCO](#)  
[CAPÍTULO VINTE E SEIS](#)  
[CAPÍTULO VINTE E SETE](#)  
[CAPÍTULO VINTE E OITO](#)  
[CAPÍTULO VINTE E NOVE](#)  
[CAPÍTULO TRINTA](#)

# CAPÍTULO UM

“Bom dia”.

Emily se remexeu e abriu os olhos. A visão que a saudou foi a mais linda que poderia esperar: Daniel, emoldurado pelos lençóis imaculadamente brancos, uma aura de luz matinal beijando seu cabelo despenteado. Ela respirou profundamente, satisfeita, perguntando-se como sua vida se alinhara tão perfeitamente. Após anos de dificuldade, parecia que o destino havia finalmente decidido lhe dar uma trégua.

“Bom dia”. Ela sorriu de volta, bocejando.

Voltou a se aconchegar sob as cobertas, sentindo-se confortável, aquecida e mais relaxada do que nunca. A tranquilidade de uma manhã em Sunset Harbor contrastava muito com a agitação estressante de sua antiga vida em Nova York. Emily certamente poderia se acostumar com isso, com o som das ondas quebrando ao longe, com o cheiro de mar, com o homem lindo deitado ao seu lado.

Ela se levantou e foi até as grandes portas francesas que levavam até a varanda, abrindo-as para sentir o calor do sol sobre a pele. O oceano cintilava a distância, e raios de luz iluminavam a suíte atrás dela. Estava coberta de poeira e em ruínas quando Emily chegou na casa, há seis meses. Agora, era um lindo oásis de tranquilidade, com paredes e lençóis brancos, carpete macio, uma fabulosa cama com dossel, e mesinhas de cabeceira cuidadosamente restauradas, verdadeiras relíquias. Com o sol iluminando seu rosto, Emily sentiu que, para variar, tudo estava perfeito.

“Então, pronta para seu grande dia?” Daniel falou, ainda deitado na cama.

Emily franziu o cenho, ainda sonolenta demais para compreender.

“Grande dia?”

Daniel sorriu.

“Primeiro cliente. Lembra?”

Levou um momento para a ficha cair. Mas então lembrou que seu primeiro hóspede, o Sr. Kapowski, dormia no quarto do final do corredor. A casa que ela vinha restaurando por seis meses havia sido transformada em um negócio, e isso significava que tinha que preparar o café da manhã.

“Que horas são?” perguntou.

“Oito”, Daniel replicou.

Emily gelou.

“Oito?”

“Sim”.

“NÃO! Perdi a hora!” gritou, saindo da varanda correndo. Agarrou o despertador e o sacudiu com raiva. “Você deveria ter me acordado às seis, relógio estúpido!”

Jogou-o de volta na mesinha de cabeceira, e então correu para a cômoda procurar algumas roupas, espalhando suéteres e calças por todo lado. Nada parecia profissional o bastante; ela havia se desfeito de todas as suas roupas de escritório de sua antiga vida em Nova York, e tudo que possuía agora não era prático.

“Acalme-se”, Daniel riu, da cama. “Tudo bem”.

“Como assim, tudo bem?” Emily gritou, pulando enquanto vestia a calça, uma perna no ar. “O

café da manhã começa às sete!”

“E só leva cinco minutos para fazer um ovo pochê”, Daniel acrescentou.

Emily ficou parada, meio vestida, seu rosto tenso, como se tivesse visto um fantasma. “Você acha que ele vai querer ovos pochê? Não tenho a menor ideia de como prepará-los!”

Ao invés de acalmá-la, as palavras de Daniel aumentaram seu pânico. Pegou um suéter lilás amarrotado da gaveta, vestiu-o sobre a cabeça e a estática fez seus cabelos se eriçarem imediatamente.

“Onde está meu rímel?” Emily exclamou enquanto andava apressada pelo quarto. “E quer parar de rir de mim?” acrescentou, olhando para Daniel com raiva. “Isto não tem graça. Tenho um hóspede. Um hóspede pagante! E nada a não ser um par de tênis para calçar. Por que joguei todos os meus saltos altos fora?”

O riso abafado de Daniel se transformou numa gargalhada completa.

“Não estou rindo de você”, ele conseguiu dizer. “Estou rindo porque estou feliz. Porque estar com você me faz feliz”.

Emily parou, as palavras dele tocando-a profundamente. Olhou para ele, deitado preguiçosamente, como um deus, na cama dela. Era impossível para qualquer pessoa ficar com raiva daquele rosto por muito tempo.

Daniel desviou o olhar. Apesar de agora estar acostumada a essa reação dele, de se fechar sempre que entrava muito em contato com suas próprias emoções, Emily ainda se incomodava. Seus próprios sentimentos eram tão óbvios que chegavam a ser transparentes. Que ela não sabia disfarçar seus sentimentos, Emily não tinha dúvida.

Mas, às vezes, ele a deixava confusa. Quando se tratava de Daniel, ela nunca tinha certeza e isso a fazia lembrar, quase dolorosamente, de seus prévios relacionamentos, da insegurança que sentia dentro deles, como se estivesse sempre sobre um barco balançando ao sabor das ondas, destinado a nunca encontrar seu caminho seguro pelo mar. Não queria que a história se repetisse com Daniel. Queria que fosse diferente. Mas a experiência a ensinou que conseguir o que se quer na vida era um acontecimento raro.

Voltou à cômoda, em silêncio agora, e colocou dois brincos de prata nas orelhas.

“Isso vai ter que dar”, ela disse, seu olhar indo do reflexo de Daniel no espelho para si mesma, sua expressão reconfigurada de uma menina assustada para uma mulher de negócios cheia de determinação.

Emily saiu do quarto com confiança e percebeu que a casa estava em silêncio. O corredor de cima estava incrível agora, com lindas luminárias de parede e um lustre belíssimo que captava a luz da manhã e a refletia por todo lugar. O piso de madeira foi polido à perfeição, dando um toque rústico, mas glamoroso.

Emily olhou para a última porta do corredor, para o quarto que havia pertencido a ela e a Charlotte. De todos, esse havia sido o mais difícil de restaurar, porque sentiu como se estivesse apagando sua irmã. Mas todas as coisas de Charlotte estavam muito bem guardadas num cantinho especial do sótão, e Serena, uma artista local e amiga de Emily, havia criado obras de arte incríveis com as roupas de sua irmã mais nova. Ainda assim, sentia um nó no estômago ao saber que havia um estranho dormindo do outro lado daquela porta, um estranho para quem ela agora precisava servir o café da manhã. Emily nunca tinha sequer imaginado transformar a casa numa pousada, nunca havia sonhado sobre como poderia ser, como ela poderia se sentir, como aquilo poderia parecer. De repente, sentiu-se miseravelmente despreparada, como uma criança fingindo ser adulta.

Caminhando da maneira mais silenciosa possível, Emily atravessou o corredor, na direção da

escada. Seus pés sentiam a textura macia do novo carpete creme. Não pôde deixar de olhar para ele em adoração. A transformação da casa havia sido uma verdadeira maravilha. Ainda havia trabalho a ser feito — sobretudo no terceiro andar, que estava uma bagunça total, com cômodos nos quais sequer tinha entrado; sem mencionar os prédios anexos, que continham uma piscina abandonada, assim como um monte de caixas para organizar. Mas o que havia conseguido até agora, com uma ajudinha dos simpáticos moradores de Sunset Harbor, ainda a impressionava. Para ela, a casa havia se tornado uma amiga, que ainda tinha segredos a revelar. Na verdade, havia uma chave específica que era um mistério para ela. Não importava o quanto tentasse, não conseguia encontrar qual porta ela destravava. Havia conferido tudo, de gavetas a portas de guarda-roupas, sem sucesso.

Emily desceu a longa escadaria, seus balaustres agora polidos e brilhantes, o carpete fofo resplandescente, o corrimão de bronze com cores perfeitas. Mas enquanto admirava tudo, notou que havia uma mancha no carpete — uma pegada. Claramente, era do sapato de um homem.

Emily parou no último degrau. *Daniel precisa ser mais cuidadoso, pensou.*

Mas então percebeu que a pegada ia em direção à porta da frente. O que significa que vinha do andar de cima. Mas se Daniel ainda estava na cama, a única maneira daquela pegada ter chegado até ali era pelos pés de seu hóspede, o Sr. Kapowski.

Correu até a porta da frente e a abriu com força. No dia anterior, o Sr. Kapowski havia dirigido seu carro particular pelo caminho recém-construído e estacionado na garagem. Mas agora o veículo não estava lá.

Emily não podia acreditar.

Ele havia ido embora.



# CAPÍTULO DOIS

Em pânico, Emily voltou correndo para dentro da casa.

“Daniel!” gritou, na base da escada. “O Sr. Kapowski foi embora! Ele partiu porque eu não acordei a tempo de preparar o café da manhã!”

Daniel apareceu no topo da escada, usando apenas a calça de seu pijama, os ombros largos e peito musculoso à mostra. Seu cabelo estava uma bagunça, dando a ele a aparência de um garoto atrasado para a escola.

“Provavelmente, ele só foi ao Joe”, disse, descendo os degraus trotando, em direção a ela. “Você não parava de falar sobre como os waffles de lá estavam incríveis, se é que se lembra”.

“Mas *eu* é quem deveria estar preparando o café da manhã dele!” Emily falou. “É uma pousada B&B, *Bed and Breakfast*, não tem só um B!”

Daniel chegou até ela e pegou-a pela cintura, mantendo-a junto a si suavemente. “Talvez ele não tenha entendido direito o que o segundo B significava. Pensou que era B de Banho. Ou, de Bananas”, brincou. Então, beijou o pescoço dela, mas Emily o afastou, soltando-se do abraço.

“Daniel, pare de brincar!” ela exclamou. “Isso é sério. É meu primeiro hóspede e não acordei a tempo de preparar o café da manhã”.

Daniel meneou a cabeça e revirou os olhos, zombando dela com ternura.

“Não é grande coisa. Ele apenas deve estar tomando o café da manhã à beira-mar. Está de férias, lembra?”

“Mas meu terraço tem vista para o mar”, Emily balbuciou, sua voz cada vez mais fraca. Ela desabou no último degrau, sentindo-se pequena, como uma criança que tivesse sido posta de castigo, e então, segurou a cabeça com as mãos. “Sou uma péssima dona de pousada”.

Daniel abraçou-a pelos ombros. “Isso não é verdade. Você só está pegando o jeito. Tudo é estranho e novo. Mas está indo bem. Certo?”

Ele falou a última palavra num tom firme, quase paternal. Emily não pôde evitar se sentir consolada. Olhou-o nos olhos.

“Você gostaria, pelo menos, que eu lhe preparasse um ovo pochê?” perguntou.

“Isso seria delicioso”. Daniel sorriu. Segurou o rosto dela entre as mãos e a beijou.

Foram juntos para a cozinha. O ruído da porta se abrindo acordou Mogsy, a cadela, e seu filhote, Chuva, que tiravam sua soneca na área de serviço, bem ao lado das portas do celeiro. Emily sabia que manter os cães fora da cozinha e de qualquer parte da casa usada pela pousada era uma necessidade absoluta, se não queria ser fechada por razões de saúde e segurança imediatamente, mas se sentia mal ao manter os cães presos em uma parte tão pequena da casa. Lembrou a si mesma que era uma situação temporária. Conseguiu que quatro dos cinco filhotes de Mogsy fossem adotados por seus amigos na cidade, mas Chuva, o fraquinho, era mais difícil de conquistar alguém, e ninguém parecia remotamente interessado em ficar com a mamãe, que estava, para dizer de maneira gentil, meio acabada.

Assim que os cães foram alimentados do lado de fora, Emily voltou para a cozinha. No meio tempo, Daniel havia ido até a horta pegar os ovos daquela manhã postos por Lola e Lolly, as galinhas, e preparado o café. Emily pegou uma caneca com gratidão e sentiu o cheiro do café, então, voltou para o grande fogão Arga — mais uma relíquia do seu pai que ela havia restaurado — e começou a praticar como fazer ovos pochê.

De todos os cômodos da casa, a cozinha era um dos seus favoritos. Quando Emily chegou na casa, viu que a cozinha tinha sido devastada pelo tempo e pelo abandono, e então uma tempestade a castigou, causando mais danos, e *depois*, a torradeira explodiu, provocando um incêndio. A fumaça provocou muito mais estrago que o fogo em si; apenas uma prateleira e alguns livros de receitas foram queimados, enquanto que a fumaça conseguiu permear cada fresta e espaço vazio, deixando listras negras e o odor de plástico queimado por onde passou.

Em apenas seis curtos meses, tudo que podia ter dado errado com a cozinha aconteceu. Mas após algumas cansativas noites em claro trabalhando duro, finalmente estava agora re-re-restaurada e havia ficado um charme, com sua geladeira retrô e pia branca Victorian Belfast original, e superfícies de trabalho em mármore preto.

“Olha só”, Emily disse, colocando sua quinta tentativa de fazer um ovo pochê no prato de Daniel, “não sou uma cozinheira tão terrível, afinal”.

“Está vendo?” Daniel disse, cortando a clara e fazendo a gema dourada escorrer por sua torrada. “Eu lhe disse. Precisa me ouvir mais vezes”.

Emily sorriu, gostando do humor gentil dele. Ben, seu ex, nunca a fazia rir como Daniel. Também nunca conseguiu confortá-la em seus momentos de pânico. Com Daniel, parecia que nada nunca era grande demais para ser resolvido. Seja uma tempestade ou um incêndio, ele sempre a fez sentir como se tudo estivesse bem, que era gerenciável. A tranquilidade era uma de suas características mais atraentes. Assim como o mar, ele tinha a habilidade de acalmá-la. Mas ainda assim, nunca tinha certeza dos seus sentimentos, se sentia o mesmo que ela. O relacionamento deles era como uma correnteza que não podiam controlar, mesmo que quisessem.

“Então”, Daniel disse, mastigando feliz seu café da manhã, “depois de comer, provavelmente, deveríamos começar a nos preparar”.

“Para quê?” Emily perguntou, dando um gole na sua segunda caneca de café preto fumegante.

“Para o desfile do Memorial Day”, Daniel disse.

Emily lembrava-se vagamente de assistir à parada quando criança, e queria vê-la de novo, mas já havia pisado na bola hoje para ser permitir um passeio.

“Tenho muito a fazer aqui. Preciso arrumar o quarto de hóspedes”.

“Já está feito”, Daniel replicou. “Eu arrumei o quarto enquanto você estava com os cachorros”.

“Fez isso?” Emily perguntou, desconfiada. “Trocou as toalhas?”

Daniel assentiu.

“E os mini-xampus?”

“Sim”.

“E os sachêzinhos de café e açúcar?”

Daniel levantou uma sobrancelha. “Tudo o que precisava ser substituído foi substituído. Arrumei a cama, e, antes que você diga, sim, eu sei arrumar uma cama, morei sozinho por anos. Tudo está pronto para ele quando voltar. Então, você vai para o desfile?”

Emily balançou a cabeça. “Preciso estar aqui quando o Sr. Kapowski voltar”.

“Ele não precisa de babá”.

Emily mordeu o lábio. Estava nervosa em relação ao seu primeiro hóspede e desesperada para fazer um bom trabalho. Se não pudesse fazer isto funcionar, teria que voltar a Nova York com o rabo entre as pernas, provavelmente para dormir no sofá de Amy, ou, pior, no quarto sobressalente de sua mãe.

“Mas e se ele precisar de alguma coisa. Mais travesseiros? Ou...”

“... de mais bananas?” Daniel interrompeu, com um sorriso.

Emily suspirou, derrotada. Daniel tinha razão. O Sr. Kapowski não esperava que ela o estivesse aguardando como uma escrava. Provavelmente preferia que não interferisse muito. Afinal, estava de férias. A maioria das pessoas quer um pouco de paz e tranquilidade.

“Vamos”, Daniel insistiu. “Vai ser divertido”.

“Certo”, Emily disse, cedendo. “Eu vou”.

\*

Para todo lado que Emily se voltasse, via bandeiras americanas. Sua visão se tornou um caleidoscópio de estrelas e listras de perder o fôlego. Havia bandeiras penduradas na janela de todas as lojas, e fileiras de bandeirolas indo de poste em poste. Havia até algumas presas atrás dos bancos. E isso não era nada comparado ao número de bandeiras nas mãos dos transeuntes. Todo mundo que caminhava pela calçada parecia ter uma.

“Papai”, Emily disse, levantando os olhos para seu pai. “Posso ter uma bandeira também?”

O homem alto sorriu para ela. “É claro que pode, Emily Jane”.

“E eu, e eu!” uma vozinha apareceu.

Emily se virou para ver a irmã, Charlotte, com um lenço roxo enrolado no pescoço, que contrastava com suas botas de joaninha. Ela era muito pequena ainda, e quase não conseguia manter o equilíbrio ao caminhar.

Seguiram seu pai, ambas segurando forte uma de suas mãos, para atravessar a rua e entrar numa lojinha que vendia pickles caseiros e conservas em potes.

“Ora, olá, Roy”. A senhora atrás do balcão falou. Então, ela sorriu para as duas meninas. “Vieram passar o feriado?”

“Nenhum lugar do mundo comemora o Memorial Day como Sunset Harbor”, seu pai replicou, com sua simpatia natural. “Duas bandeiras para as meninas, por favor, Karen”.

A mulher pegou algumas bandeiras atrás do balcão. Por que não três?” ela disse. “Não esqueça de você!”

“Por que não quatro?” Emily disse. “Não deveríamos esquecer a mamãe também”.

Roy travou os dentes, e Emily soube na hora que havia dito algo errado. A mamãe não queria uma bandeira. A mamãe nem tinha vindo com eles para a viagem de fim de semana até Sunset Harbor. Eram apenas os três. Novamente. Parecia ser apenas os três mais e mais frequentemente nos últimos tempos.

“Duas bastam”, seu pai respondeu, um pouco tenso. “É só para as crianças mesmo”.

A mulher atrás do balcão deu uma bandeira para cada menina, sua simpatia substituída por um certo constrangimento ao perceber que, acidentalmente, havia ultrapassado alguma linha invisível, tácita.

Emily observou seu pai pagar a mulher e agradecer-lá, percebendo como seu sorriso estava forçado agora, como sua postura estava mais rígida. Ela queria não ter falado nada sobre a mamãe. Olhou para a bandeira em sua mão enluvada, subitamente menos inclinada a celebrar.

Emily engoliu em seco, voltando ao presente, na rua principal de Sunset Harbor com Daniel. Ela balançou a cabeça, afastando as lembranças rodopiantes. Essa não era a primeira vez em que vivenciava uma súbita volta de uma lembrança perdida, um *flashback*, mas a experiência ainda mexia profundamente com ela.

“Você está bem?” Daniel disse, tocando de leve seu braço, com a expressão preocupada.

“Sim”, Emily replicou, mas sua voz parecia surpresa. Tentou sorrir, mas conseguiu apenas levantar um pouco os cantos da boca. Não havia contado a Daniel sobre como suas lembranças de infância estavam voltando em fragmentos; não queria assustá-lo.

Determinada a não permitir que lembranças intrusivas arruinassem seu dia, Emily mergulhou na festa. Muitos anos haviam se passado desde a última vez em que esteve aqui, mas ela ainda ficava impressionada com o espetáculo. Era maravilhoso ver como a pequena cidade adorava celebrar. Uma das coisas que mais lhe encantava em Sunset Harbor eram suas tradições. Tinha a impressão de que o Memorial Day iria se tornar outro feriado favorito.

“Oi, Emily!” Raj Patel gritou do outro lado da rua. Ele estava caminhando com a esposa, a Dr<sup>a</sup> Sunita Patel, duas pessoas que Emily agora considerava amigas.

Emily acenou para eles e então disse a Daniel, “Ah, veja. Lá estão Birk e Bertha. E ali está a bebê Katy no carrinho, com Jason e Vanessa?” Ela apontou para o dono do posto de gasolina e sua esposa, portadora de necessidades especiais. Ao lado deles, estava o filho, o bombeiro que havia salvado a cozinha de Emily das chamas. Ele e sua mulher recentemente tiveram sua primeira filha, uma menina chamada Katy, e levaram um dos filhotinhos de Emily como presente para ela. “Vamos lá falar com eles”, Emily disse.

“Daqui a pouco”, Daniel disse, tocando nela com o ombro. “O desfile está vindo”.

Emily olhou para o início da rua, enquanto a banda marcial da escola local se alinhava, pronta para começar o desfile. O tambor começou a bater e foi rapidamente seguido pelo som dos instrumentos de sopro, tocando “*When the Saints Go Marching In*”. Emily observava, extasiada, a banda passar. Atrás dela, havia animadoras de torcida em roupas vermelhas, brancas e azuis combinando. Elas davam saltos no ar e chutes bem altos enquanto caminhavam.

Em seguida, veio uma tropa de crianças do jardim da infância com os rostos pintados, bochechudas e angelicais. Emily sentiu um leve aperto no peito ao observá-los. Ter filhos nunca havia sido uma prioridade para ela – não tinha pressa em se tornar mãe, considerando quão abismal seu relacionamento com sua própria mãe era – mas, agora, vendo as crianças no desfile, Emily percebeu que algo havia mudado dentro de si. Havia um novo desejo lá, um pequeno anseio tomando forma. Olhou para Daniel e se perguntou se era algo que ele também sentia, se a visão daqueles pequenos adoráveis o fazia sentir do mesmo modo. Como sempre, sua expressão era impossível de ler.

O desfile continuava. Em seguida, veio um grupo de mulheres que pareciam duronas, da equipe de roller derby local, pulando e correndo com seus patins, seguidas por dois pernas-de-pau e um grande carro alegórico carregando uma réplica em papel-mâché da estátua de Abraham Lincoln.

“Emily, Daniel”, disse uma voz atrás deles. Era o prefeito Hansen, acompanhado por sua assessora, Marcella, que parecia bastante aborrecida. “Estão gostando da nossa festa?” Perguntou o prefeito. “Pelo que me lembro, não é a primeira vez que participam, mas talvez seja a primeira vez da qual se lembrarão”.

Ele sorriu inocentemente, mas Emily estremeceu. Mas tentou agir de maneira calma e alegre.

“Tem razão. Infelizmente, não me lembro de vir aqui quando criança, mas certamente estou gostando agora. E quanto a você, Marcella?” acrescentou, tentando desviar a atenção de si mesma. “É a primeira vez que participa?”

Marcella assentiu uma única vez, de maneira final e eficiente, e então voltou os olhos para sua prancheta.

“Não ligue para ela”. O prefeito Hansen disse, rindo. “É viciada em trabalho”.

Marcella levantou os olhos apenas por um breve instante, mas longo o bastante para Emily ler a frustração em seu olhar. Claramente, sentia-se frustrada com a atitude relaxada do prefeito. Emily sentia empatia por Marcella. Era exatamente assim há meros seis meses; seria demais, estressada demais, movida por pouco mais do que caféina e pelo medo de fracassar. Olhar para

Marcella era como segurar um espelho em frente ao seu eu mais jovem. A única esperança de Emily para ela era que aprendesse a relaxar, que Sunset Harbor lhe ajudasse a curar, ainda que apenas um pouco, a fonte de suas feridas internas.

“Enfim”, o prefeito Hansen disse, “de volta ao trabalho. Tenho algumas medalhas a conceder, não é, Marcella? A cerimônia de premiação da corrida do ovo na colher, ou algo assim”.

“A Olimpíada para Menores de Cinco Anos”, Marcella disse, com um suspiro.

“Essa mesmo”, o prefeito Hanson replicou, e os dois desapareceram na multidão.

Daniel sorriu. “É impossível não se apaixonar por esta cidade maluca”, ele disse, passando o braço ao redor de Emily.

Ela se aconchegou nele, sentindo-se segura e protegida. Juntos, assistiram a uma fila de Conga passar, acenando para seus amigos que dançavam: Cynthia, da livraria, com seu cabelo laranja vivo e roupas berrantes, Charles e Barbara Bradshaw, da peixaria, e Parker, do hortifruti orgânico.

Foi então que Emily identificou alguém no meio da multidão que fez seu sangue gelar. Vestido com calças de golfe xadrez e com um suéter verde lima que mal cobria sua barriga saliente, estava Trevor Mann.

“Não olhe agora”, ela murmurou, agarrando a mão de Daniel em busca de apoio. “Mas o Sr. Vizinho Sarcástico chegou na festa”.

Daniel, é claro, olhou imediatamente. Como se tivesse algum tipo de sexto sentido, Trevor notou no ato. Então, olhou para ambos, seus olhos escuros instantaneamente brilhando de malícia.

Emily sorriu. “Eu lhe disse para não olhar!” ela repreendeu Daniel enquanto Trevor caminhava até eles.

“Sabe, existe uma lei não-escrita”, Daniel sussurrou de volta, “que diz que se você diz 'não olhe agora' para alguém, a pessoa vai olhar”.

Era tarde demais para escapar. Trevor Mann já havia chegado até eles, emergindo da multidão como uma terrível besta bigoduda.

“Ah, não”, Emily disse, gemendo.

“Emily”, Trevor disse, com uma voz de falsete, “você não se esqueceram daqueles impostos atrasados que devem pela casa, não? Porque eu, certamente, não esqueci”.

“O prefeito prorrogou o prazo”, Emily replicou. “Você estava na reunião, Trevor, fico surpresa por não ter ouvido”.

“Não ligo para o que o prefeito disse, não depende dele. Depende do banco. E entrei em contato com eles para contar sobre sua ocupação *ilegal* da casa e do negócio *ilegal* que está operando nela agora”.

“Você é um idiota”, Daniel disse, endireitando os ombros para proteger Emily.

“Deixe para lá”, ela disse, descansando a mão no seu braço. A última coisa de que precisava agora era que Daniel perdesse a cabeça.

Trevor sorriu. “A prorrogação do prefeito Hansen não vai durar para sempre e com certeza não se sustenta legalmente. E farei tudo em meu poder para garantir que sua pousada afunde e nunca mais volte à superfície”.

# CAPÍTULO TRÊS

Emily observou Trevor se afastar em meio à turba de gente...

Assim que sumiu de vista, Daniel se voltou para Emily, com uma expressão preocupada. “Você está bem?”

Emily não aguentou. Afundou em seu peito largo, pressionando o rosto na camiseta dele. “O que vou fazer?” falou, angustiada. “Os impostos vão arruinar minha pousada antes mesmo de começar”.

“De jeito nenhum”, Daniel disse. “Não vou deixar isso acontecer. Trevor Mann nunca demonstrou nenhum interesse em sua propriedade até você aparecer e transformar a casa em algo desejável. Ele está apenas com inveja do quanto sua casa está melhor que a dele”.

Emily tentou rir com a piada, mas só conseguiu dar um riso fraco. A ideia de deixar Daniel e voltar para Nova York como um fracasso pesava muito em sua mente.

“Mas ele está certo”, Emily disse. “Esta pousada nunca vai dar certo”.

“Não fale assim”, Daniel disse. “Vai ficar tudo bem. Eu acredito em você”.

“Acredita?” Emily disse. “Porque eu mesma quase não acredito em mim”.

“Bem, talvez agora seja a hora de começar”.

Emily olhou nos olhos de Daniel. Sua expressão sincera a fez sentir como se realmente pudesse fazer isso.

“Ei”, Daniel disse, seus olhos subitamente brilhando, como os de uma criança levada. “Quero lhe mostrar algo”.

Daniel não parecia desencorajado pela tristeza dela. Pegou sua mão e a puxou pela multidão, indo na direção da marina. Juntos, foram até as docas.

“Tcha-ran!” exclamou, apontando para o barco lindamente restaurado balançando na água.

A última vez que Emily havia visto o barco, quase não estava em condições de navegar. Agora, brilhava como novo.

“Não posso acreditar”, murmurou. “Você consertou?”

Daniel assentiu. “Sim. Custou muito suor e trabalho”.

“Imagino”, Emily disse.

Ela lembrou como Daniel havia lhe dito que encontrara algum tipo de barreira mental quanto à restauração do barco, que não sabia por que, mas não conseguia trabalhar nele. Vê-lo como novo agora deixava Emily muito orgulhosa, não apenas porque estava muito bem restaurado, mas também por Daniel ter conseguido lidar com as questões internas que o estavam impedindo. Sorriu para ele, sentindo um raio de felicidade iluminá-la por dentro.

Mas, ao mesmo tempo, também se sentia triste, porque ali estava mais um meio de transporte que poderia levá-lo para longe dela. De seus longos passeios de moto pelo alto dos penhascos, até suas voltas pelas cidades vizinhas dirigindo a caminhonete, Daniel estava sempre em movimento. Que ele queria ver e explorar o mundo era evidente para ela, não restavam dúvidas. Sabia que, cedo ou tarde, Daniel precisaria deixar Sunset Harbor. Se ela partiria com ele quando chegasse a hora era algo que Emily ainda não tinha decidido.

Daniel tocou-a de leve. “Preciso lhe agradecer”.

“Pelo quê?” Emily disse.

“Pelo motor”.

Emily havia comprado o novo motor, como agradecimento por toda a ajuda que havia lhe dado para deixar a pousada pronta, assim como numa tentativa de encorajá-lo a restaurar o barco.

“Sem problema”, Emily disse, perguntando-se agora se o presente havia sido como um tiro pela culatra para ela. Se, ao restaurar o barco, teria sido dada a partida para o desejo de Daniel ir embora.

“Então”, Daniel disse, apontando para o barco, “como agradecimento, acho que deveria me acompanhar em sua primeira viagem”.

“Ah!” Emily disse, atônita com a proposta. “Quer passear de barco? Agora?” Ela não quis parecer tão chocada.

“A não ser que você não queira”, Daniel disse, coçando o queixo, um pouco sem graça. “Achei que podíamos ter um encontro”.

“Sim, claro”, Emily disse.

Daniel saltou para dentro do barco e estendeu-lhe a mão. Emily a pegou e se deixou guiar até embaixo. A embarcação balançou sob eles, oscilante.

Daniel ligou o motor e o barco partiu do porto. Eles cruzaram o oceano cintilante sob o sol. Emily respirou profundamente o ar marinho, observando Daniel manejar o barco pela água. Ele estava tão à vontade dirigindo o barco, assim como sua moto parecia se tornar uma extensão do seu corpo. Daniel era o tipo de homem que parecia adequado ao movimento perpétuo, e enquanto olhava para ele agora, Emily via como ficava feliz e cheio de vida ao partir em busca de aventura.

O pensamento a deixou ainda mais melancólica. O desejo de Daniel de explorar o mundo era mais que apenas um sonho; era uma necessidade. Não havia como ele permanecer em Sunset Harbor por mais tempo. Ela também ainda não tinha decidido por quanto tempo ficaria. Talvez, o relacionamento deles estivesse condenado. Talvez, fosse sempre algo fugaz, um momento perfeito, parado no tempo. A ideia fez o estômago de Emily revirar de desespero.

“O que foi?” Daniel perguntou. “Não está enjoada, está?”

“Talvez, um pouco”, Emily mentiu.

“Calma, estamos quase lá”, acrescentou, apontando para a frente.

Emily levantou os olhos e viu que estavam indo na direção de uma ilha minúscula na qual havia pouco mais que algumas árvores e um farol abandonado. Emily se endireitou, subitamente surpresa.

“AI, MEU DEUS!”, gritou.

“O que foi?” Daniel perguntou, em pânico.

“Meu pai tem um quadro desta ilha em nossa casa em Nova York!”

“Tem certeza?”

“Cem por cento de certeza! Não acredito! Não sabia que era um lugar real!”

Daniel arregalou os olhos. Parecia tão surpreso com a coincidência quanto Emily.

Com as preocupações apagadas pela surpresa, ela rapidamente tirou os tênis e as meias. Quase não esperou até o barco chegar em terra antes de saltar. As ondas lambiam suas canelas. A água estava fria, mas quase não sentia. Correu até a praia de areia úmida, e então foi um pouco mais além. Parou e levantou as mãos, criando um retângulo de espaço entre os dedos e polegares, e fechou um olho. Ela se moveu um pouco, de modo que o farol ficasse à direita, o sol atrás dele, e o vasto oceano se estendendo do outro lado. Era isso! O ângulo exato do quadro que está na casa da sua família!

Emily não ficou surpresa por seu pai ter um quadro assim. Ele era obcecado por antiguidades – incluindo obras de arte –, mas o que a surpreendeu foi a pintura ter chegado à casa da família.

Sua mãe sempre tinha sido muito eficiente em manter a vida em Sunset Harbor separada da vida deles em Nova York, como se pudesse tolerar os hobbies bobos do marido por duas semanas ao ano, e desde que estivessem fora de sua vista, sem invadir de maneira alguma sua casa perfeitamente limpa, impecável. Então, como ele havia conseguido fazê-la concordar em pôr o quadro do farol na casa da família? Talvez porque estivesse camuflado como um lugar imaginário, pois ela nunca tinha imaginado que o quadro retratasse algum lugar em Sunset Harbor? Emily sorriu, perguntando-se se seu pai havia realmente sido tão astuto.

“Ei”, Daniel disse, trazendo-a de volta ao presente. Ela se virou para vê-lo arrastando uma cesta pela areia úmida até ela. “Você saiu correndo!”

“Desculpe”, Emily replicou, voltando apressada para ajudá-lo a carregá-la. “O que tem aí dentro? Pesa uma tonelada”.

Juntos, levaram a cesta até a praia e Daniel abriu as travas que fechavam a tampa. Ele removeu uma manta tartan e a forrou sobre a areia.

“Madame”, ele disse.

Emily riu e se sentou sobre o tecido. Daniel começou a tirar diferentes alimentos da cesta, incluindo queijos e frutas, e depois uma grande garrafa de champanhe e duas taças.

“Champanhe!” Emily exclamou. “O que estamos comemorando?”

Daniel deu de ombros. “Nada em particular. Só pensei que devíamos celebrar seu primeiro hóspede”.

“Nem me lembre”, Emily disse, com um gemido.

Daniel retirou a rolha da champanhe com um pop e encheu as taças.

“Ao Sr. Kapowski”.

Emily encostou sua taça contra a dele, com um sorriso meio sem graça. “Sr. Kapowski”. Ela deu um gole, deixando as bolhas fazerem cócegas em sua língua.

“Você ainda não está se sentindo confiante, está?” Daniel falou.

Emily estremeceu, seus olhos focados no líquido borbulhante. Ela girou um pouco a taça e observou a trajetória das linhas de bolhas, perturbadas pelo movimento, antes de se acomodarem novamente. “Eu não tenho muita fé em mim mesma”, falou por fim, com um grande suspiro. “Nunca realizei nada antes”.

“E quanto ao seu emprego em Nova York?”

“Quero dizer, nada que eu realmente quisesse”.

Daniel levantou as sobrancelhas. “E quanto a mim?”

Emily não pôde conter o sorriso. “Não o vejo como uma realização...”

“Pois deveria”, ele replicou, brincalhão. “Um cara estóico como eu. Não sou o cara mais falante do mundo, e é difícil puxar papo comigo”.

Emily riu, e então beijou seus lábios demoradamente, um beijo magnífico.

“Por que isso?” ele disse, depois que ela se afastou.

“Estou agradecendo. Por isto”. Ela indicou com a cabeça o pequeno piquenique na frente deles. “Por você estar aqui”.

Então, Daniel pareceu hesitar e Emily percebeu a razão: “estar aqui” não era algo com que Daniel pudesse algum dia ser capaz de se comprometer completamente. Viajar estava em seu sangue. Em algum momento, teria que partir.

Mas e ela? Também não havia feito planos concretos de permanecer em Sunset Harbor. Já morava aqui há seis meses – muito tempo para estar longe de Nova York, longe de sua casa e amigos. E, ainda assim, com o sol se pondo ao longe, lançando raios laranja e rosados no céu, não havia outro lugar em que preferisse estar. Neste exato momento, agora, tudo estava perfeito.



Sentiu que estava vivendo no paraíso. Talvez realmente pudesse tornar Sunset Harbor seu lar. Talvez, Daniel quisesse ficar ali com ela. Não havia como prever o futuro; ela só podia viver um dia de cada vez. Pelo menos, podia ficar aqui até acabar o dinheiro. E, se trabalhasse duro, se tornasse a pousada sustentável, esse dia demoraria muito a chegar.

“No que está pensando?” Daniel perguntou.

“No futuro, acho”, Emily replicou.

“Ah”, Daniel respondeu, baixando os olhos.

“Não é um bom assunto?” Emily perguntou.

Daniel deu de ombros. “Nem sempre. Não é melhor apenas aproveitar o momento?”

Emily não tinha certeza sobre como lidar com aquela frase. Era uma prova do desejo dele de deixar este lugar? Se o futuro não era um bom assunto sobre o qual conversar, era porque ele tinha alguma previsão de partir seu coração um dia?

“Acho que sim”, ela disse, em voz baixa. “Mas às vezes é impossível não pensar no futuro. Tudo bem fazer planos, não acha?” Estava tentando dar um toque sutil em Daniel, fazê-lo revelar um fiapo de informação, qualquer coisa que pudesse fazê-la sentir mais segura quanto ao relacionamento.

“Na verdade, não”, ele disse. “Eu me esforço muito para manter o foco no presente. Não me preocupo com o futuro. Não fico me lembrando do passado”.

Emily não gostou da ideia dele se preocupando com o futuro deles, e teve que parar de querer saber o que exatamente havia para se preocupar. Ao invés, perguntou, “Há muito do que se lembrar?”

Daniel não havia revelado muito sobre seu passado. Sabia que ele havia se mudado muitas vezes, que seus pais se divorciaram e que seu pai bebia, e que ele agradecia ao pai dela por ter lhe dado um futuro melhor.

“Ah, sim”, Daniel disse. “Muita coisa”.

Ficou em silêncio novamente. Emily queria que falasse mais, mas podia notar que ele não conseguia. Ela se perguntou se ele sabia o quanto ansiava ser a pessoa em quem confiasse o bastante para se abrir.

Mas, com Daniel, era preciso ter paciência. Ele falaria quando estivesse pronto, se um dia se sentisse pronto.

E se esse dia chegasse, esperava ainda estar por perto para ouvi-lo.

# CAPÍTULO QUATRO

Na manhã seguinte, Emily acordou cedo, determinada a não perder o turno do café da manhã novamente. Às sete em ponto, ouviu o som da porta do quarto de hóspedes se abrir e fechar suavemente, e depois, os passos do Sr. Kapowski, enquanto ele descia as escadas. Emily saiu de onde estava esperando-o no corredor e ficou parada no final da escada, olhando para ele.

“Bom dia, Sr. Kapowski”, disse, com um sorriso simpático no rosto.

O sr. Kapowski parou.

“Ah. Bom dia. Você está acordada?”

“Sim”, Emily disse, mantendo o tom confiante, apesar de não se sentir assim. “Quero pedir desculpas por ontem, por não estar aqui para preparar o café da manhã. O senhor dormiu bem?” ela notou as olheiras ao redor dos seus olhos.

O Sr. Kapowski hesitou por um instante. Enfiou nervosamente as mãos nos bolsos de seu terno amarrotado.

“Humm... na verdade, não”, replicou, por fim.

“Ah, não”, Emily disse, preocupada. “Não por causa do quarto, espero?”

O Sr. Kapowski parecia agitado e sem graça, esfregando o pescoço como se tivesse mais a falar, mas não soubesse como.

“Na verdade”, conseguiu finalmente dizer, “o travesseiro era meio desconfortável”.

“Sinto muito por isso”, Emily disse, frustrada consigo mesma por não tê-lo testado.

“E, bem... as toalhas são ásperas”.

“São?” Emily disse, perturbada. “Por que não vem se sentar na sala de estar”, ela disse, lutando para afastar o pânico de sua voz, “e me conta suas queixas”.

Ela o guiou para dentro da ampla sala de estar e abriu as cortinas, deixando a luz suave da manhã entrar no cômodo, realçando o arranjo de lírios de Raj, enquanto o perfume das flores permeava a sala. A superfície da longa mesa de mogno no estilo banquete brilhava. Emily adorava esta sala; era tão opulenta, tão chique e ornamentada. O lugar perfeito para exibir algumas das louças antigas de seu pai, alinhadas numa estante feita com a mesma madeira escura de mogno da mesa.

“Aqui está melhor”, ela disse, com um tom ainda vivo e alegre. “Agora, gostaria de me dizer o que há de errado com seu quarto, para que possamos melhorá-lo?”

O Sr. Kapowski parecia desconfortável, como se não quisesse realmente falar.

“Não é nada de mais. Apenas o travesseiro e as toalhas. E também, talvez o colchão seja firme demais e... hummm, um pouco fino”.

Emily assentiu, agindo como se as palavras dele não estivesse alfinetando seu coração com pontadas de angústia.

“Mas, de verdade, está tudo bem”, Sr. Kapowski acrescentou. “Eu tenho o sono leve”.

“Certo”, Emily disse, percebendo que fazê-lo falar foi pior do que deixá-lo insatisfeito com o quarto. “Bem, o que posso preparar para seu café da manhã?”

“Ovos com bacon, se não for muito incômodo”, disse. “Fritos. E torrada. Com cogumelos. E tomates”.

“Sem problema”, Emily disse, preocupada por não ter todos os ingredientes que ele listou.

Correu até a cozinha, acordando Mogsy e Chuva imediatamente. Os dois cães começaram a

latir pelo café da manhã, mas ela ignorou seus pedidos enquanto corria até a geladeira e conferia o seu interior. Ficou aliviada ao ver que tinha bacon, apesar de não ter cogumelos, nem tomates. Pelo menos, havia pão excedente que Karen, da mercearia, havia deixado outro dia, e os ovos ela podia obter, graças a Lola e a Lolly.

Arrependida pelos sapatos que havia escolhido, Emily passou pela porta dos fundos e saiu correndo pela grama úmida até o galinheiro, onde Lola e Lolly estavam caminhando de um lado a outro. Ambas inclinaram a cabeça para o lado ao ouvir os passos que se aproximavam, esperando que ela as abastecesse com milho fresco.

“Ainda não, cocoricós”, ela disse. “O Sr. Kapowski vem primeiro”.

Elas deram bicadas frustradas no chão enquanto Emily corria até o local onde punham os ovos.

“Vocês devem estar brincando”, balbuciou enquanto olhava para dentro dos ninhos, vazios. Baixou os olhos para as galinhas, com as mãos nos quadris. “Vocês escolheram justamente hoje para não pôr ovos!”

Então, ela se lembrou de toda a prática de ovos pochê que havia feito ontem. Deve ter usado pelo menos uns cinco! Jogou as mãos no ar. *Por que Daniel me preocupou com a história dos ovos pochê?* pensou, frustrada.

Emily entrou novamente na casa, desapontada por não poder oferecer o café da manhã que o Sr. Kapowski queria hoje também, e começou a grelhar o bacon. Seja por causa da ansiedade ou por sua falta de experiência, Emily parecia incapaz de realizar a mais simples tarefa. Derramou café sobre todo o balcão, e depois deixou o bacon na grelha por tempo demais, então, as bordas ficaram duras e torradas. A nova torradeira – que substituiu a que explodiu e arruinou a cozinha – parecia ter instruções muito mais sensíveis, e ela conseguiu queimar a torrada também.

Ao olhar para o que havia produzido, o café da manhã final no prato, Emily não ficou muito satisfeita. Não podia servir aquilo como se fosse uma refeição. Então, foi até a área de serviço e despejou tudo nas vasilhas dos cães. Pelo menos, ao alimentá-los, havia uma coisa a menos a fazer de sua lista de tarefas.

De volta à cozinha, Emily tentou novamente preparar a refeição que o sr. Kapowski havia pedido. Dessa vez, ficou melhor. O bacon não estava muito cozido. A torrada não estava queimada. Ela esperava apenas que ele a perdoasse pelos ingredientes que estavam faltando.

Olhou para o relógio e viu que já haviam se passado quase trinta minutos, e seu coração acelerou.

Ela correu até a sala.

“Aqui está, Sr. Kapowski”, Emily disse, emergindo novamente na sala de jantar com a bandeja de café da manhã. “Desculpe pela demora”.

Ao se aproximar da mesa, percebeu que o homem tinha adormecido. Sem saber se ficava aliviada ou aborrecida, Emily baixou a bandeja e começou a sair em silêncio da sala.

De repente, a cabeça do Sr. Kapowski se endireitou. “Ah”, ele disse, olhando para a bandeja. “Café da manhã. Obrigado”.

“Sinto muito não ter ovos, tomate ou cogumelos hoje”, ela disse.

O Sr. Kapowski pareceu desapontado.

Emily foi até o corredor e respirou fundo. Havia trabalhado intensamente naquela manhã, considerando a quantidade de dinheiro que ganharia por seus esforços. Se quisesse manter a pousada, teria que se tornar um pouco mais eficiente. E precisava de um plano de emergência no caso de Lola e Lolly decidirem passar mais um dia sem pôr ovos.

Bem nesse momento, ele surgiu da sala de jantar. Havia se passado menos de um minuto

desde que ela o entregara a comida.

“Está tudo bem?” Emily perguntou. “Precisa de algo?”

Novamente, o Sr. Kapowski pareceu reticente ao falar.

“Humm... a comida está um pouco fria”.

“Ah”, Emily disse, entrando em pânico. “Pronto, deixe-me aquecê-la para você”.

“Na verdade, tudo bem”, o Sr. Kapowski disse. “Preciso ir andando, de todo modo”.

“Certo”, Emily disse, sentindo-se murchar. “Planejou algo legal para hoje?” Ela estava tentando parecer uma dona de pousada ao invés de uma garotinha em pânico, apesar de se sentir muito mais como a última.

“Ah, não, quis dizer que preciso ir para casa”, o Sr. Kapowski corrigiu.

“Quer dizer que está indo embora?” Emily perguntou, surpresa.

Sentiu um arrepio correr pelo seu corpo.

“Mas o senhor fez reserva para três noites”.

O hóspede parecia sem graça.

“Eu, humm, só preciso voltar. Mas vou pagar pelas três noites”.

Ele parecia apressado para sair e até quando Emily sugeriu abater o preço dos dois cafés da manhã que ele não havia comido, insistiu que pagaria a conta completa e iria embora imediatamente. Emily ficou parada na porta e observou-o ir embora em seu carro, sentindo-se um fracasso total.

Não sabia por quanto tempo ficou ali, lamentando o desastre que havia sido seu primeiro hóspede, mas percebeu o toque de seu celular ecoando dentro da casa. Graças à terrível recepção que tinha na velha casa, o único lugar que Emily podia obter sinal era ao lado da porta da frente. Ela tinha uma mesa especial no hall de entrada apenas para seu celular – uma bela antiguidade que havia recuperado de um dos quartos fechados da pousada. Caminhou até o aparelho, preparando-se para saber quem era.

Não havia muitas opções. Sua mãe não havia entrado em contato desde aquela ligação emocionalmente intensa tarde da noite, na qual falaram a verdade sobre a morte de Charlotte e, mais especificamente, sobre o papel de Emily – ou ausência dele – na tragédia. Amy também não havia mais entrado em contato desde sua tentativa improvisada de “resgatar” Emily de sua nova vida, apesar de terem feito as pazes depois. Ben, seu ex, havia ligado várias vezes desde que ela havia ido embora, mas Emily não havia respondido a nenhuma de suas ligações, e agora a frequência delas parecia ter diminuído.

Ela se preparou enquanto olhava para a tela. O nome piscando era uma surpresa. Era Jayne, uma antiga colega de Nova York, de seus tempos de escola. Conhecia Jayne desde que era criança e, ao longo dos anos, haviam desenvolvido o tipo de amizade em que passavam meses sem se falar, mas, no momento em que se encontravam, era como se não tivessem se passado nenhum dia. Jayne provavelmente ficou sabendo por Amy, ou pelo boca-a-boca, sobre a nova vida de Emily, e estava ligando para sondá-la sobre a súbita e abrupta mudança que havia feito.

Emily atendeu a ligação.

“Em?” Jayne disse, com uma voz entrecortada, sem fôlego. “Acabei de esbarrar em Amy enquanto estava correndo. Ela disse que você havia *deixado* Nova York!”

Emily piscou, sua mente, agora, desacostumada com o estilo apressado de falar que todos os seus amigos nova-iorquinos compartilhavam. A ideia de correr enquanto falava ao telefone lhe parecia estranha agora.

“É, na verdade, já faz um tempinho”, ela disse.

“De quanto tempo estamos falando?” Jayne perguntou, seus passos pesados audíveis pelo

telefone.

A voz de Emily estava fraca e acanhada. “Humm, bem, uns seis meses”.

“Nossa, preciso te ligar mais vezes!” Jayne arfou.

Emily podia ouvir o tráfego ao fundo, as buzinas dos carros, o baque surdo dos tênis de Jayne enquanto ela corria ao longo da calçada. Isso evocou uma imagem muito familiar em sua mente. Costumava ser aquela pessoa há apenas alguns meses, sempre ocupada, nunca descansando, o celular grudado no ouvido.

“Então, o que há de novo?” Jayne disse. “Conte-me tudo. Imagino que Ben esteja fora do jogo?”

Jayne, assim como todos os amigos e familiares de Emily, nunca gostou de Ben. Eles conseguiam ver o que Emily não conseguiu por sete anos – que ele não era o cara certo para ela.

“Com certeza, fora do jogo”, Emily replicou.

“E há alguém novo?” Jayne perguntou.

“Talvez...” Emily disse, tímida. “Mas é novo e ainda um pouco instável, então, prefiro não correr o risco de estragar as coisas falando a respeito”.

“Mas eu quero saber de tudo!” Jayne gritou. “Ah, espere. Tem outra ligação”.

Emily aguardou na linha, que ficou muda. Alguns segundos depois, o barulho da manhã da cidade de Nova York preencheu seus ouvidos novamente, quando Jayne se reconectou.

“Desculpe, amiga”, ela disse. “Tive que atender. Era do trabalho. Então, ouça, Amy disse que você está com uma pousada aí, ou coisa assim?”

“Ah-han”, Emily replicou. Sentiu-se um pouco tensa falando sobre a pousada, já que Amy havia deixado tão claro que era uma ideia estúpida, sem mencionar que toda aquela mudança na vida de Emily era considerada uma má ideia.

“Há algum quarto disponível no momento?” Jayne perguntou.

Emily foi pega de surpresa. Não esperava a pergunta. “Sim”, disse, pensando no quarto agora abandonado pelo Sr. Kapowski. Por quê?”

“Quero ir!” Jayne exclamou. “É o final de semana do Memorial Day, afinal. E preciso desesperadamente sair da cidade. Posso fazer uma reserva?”

Emily hesitou. “Não precisa fazer isso, sabe. Pode vir e ficar como visita”.

“De jeito nenhum”, Jayne replicou. “Quero o tratamento completo. Toalhas novas todo dia. Ovos e bacon no café da manhã. Quero vê-la em ação”.

Emily riu. De todas as pessoas com as quais havia falado sobre seu novo empreendimento, Jayne foi a que demonstrou mais apoio.

“Bem, então, deixe-me fazer sua reserva”, disse. “Por quanto tempo pretende ficar?”

“Não sei, uma semana?”

“Ótimo”, Emily falou, uma pequena onda de alegria tomando conta dela. “E quando vai chegar?”

“Amanhã de manhã”, Jayne disse. “Por volta das dez”.

A onda de alegria aumentou ainda mais. “Certo, espere um momento enquanto cadastro seus dados”.

Um pouco tonta pela animação, pôs o celular na espera e correu até o computador na mesa da recepção, onde se logou no programa de reservas e digitou os dados de Jayne. Ela se sentiu orgulhosa por ter, tecnicamente, enchido a pousada todos os dias desde que abriu, ainda que só tivesse um quarto, e ainda que tivesse aberto há apenas dois dias...

Correu novamente até seu celular. “Certo, você já tem uma reserva para uma semana”.

“Muito bom”, Jayne disse. “Você me parece muito profissional”.

“Obrigada” Emily respondeu timidamente. “Ainda estou pegando o jeito. Meu último hóspede foi um desastre”.

“Você poderá me contar tudo amanhã”, Jayne disse. “Tenho que ir. Vou correr meu décimo sexto quilômetro, então, preciso poupar fôlego. Vejo você amanhã?”

“Mal posso esperar”, Emily replicou.

Emily sorriu ao encerrar a ligação. Não havia percebido o quanto sentia falta de sua amiga até falar com ela. Ver Jayne amanhã seria um antídoto maravilhoso para o desastre com o Sr. Kapowski.

# CAPÍTULO CINCO

Exausta depois da manhã longa e desastrosa, Emily afundou na tristeza. Para todo lugar que olhava, via problemas e erros; uma parede mal pintada, uma luminária mal instalada, um móvel que não combinava. Antes, havia-os visto como um toque de charme, mas agora, incomodavam.

Sabia que precisava de ajuda e conselhos de um profissional. Ela estava muito enganada, achando que podia, simplesmente, tomar conta de uma pousada.

Decidiu ligar para Cynthia, a dona da livraria que já gerenciou uma pousada quando jovem, para pedir conselhos.

“Emily”, Cynthia disse, ao atender a chamada. “Como está, querida?”

“Terrível”, Emily disse. “Estou tendo um dia péssimo”.

“Mas ainda são sete e meia da manhã!” Cynthia exclamou. “Como pode estar tão ruim?”

“Muito, muito ruim”, Emily replicou. “Meu primeiro hóspede acaba de ir embora. Perdi a hora e não pude preparar o café da manhã no primeiro dia; então, no segundo dia, não tinha ingredientes suficientes e ele disse que a comida estava fria. Não gostou dos travesseiros, nem das toalhas. Não sei o que fazer. Pode me ajudar?”

“Vou passar aí agora mesmo”, Cynthia disse, parecendo animada com a perspectiva de compartilhar um pouco de sabedoria.

Emily saiu para esperar por Cynthia e se sentou no terraço, esperando que um banho de sol pudesse animá-la um pouco, ou, pelo menos, que uma dose de vitamina D faria isso. Sua cabeça estava tão pesada que ela deixou-a cair nas mãos.

Quando ouviu o som do cascalho sendo remexido, levantou os olhos e viu Cynthia vindo em sua direção, de bicicleta.

Aquela bike enferrujada era uma visão comum e, de certo modo, inesquecível, por toda Sunset Harbor, principalmente porque a mulher sentada nela tinha cabelos frisados, tingidos de laranja, e usava roupas berrantes e que não combinavam entre si. Para tornar tudo ainda mais bizarro, Cynthia havia recentemente colocado uma cesta de vime na frente de sua bicicleta, na qual transportava Tempestade, um dos filhotes de Mogsy que havia adotado. De muitas maneiras, Cynthia Jones era uma atração turística em si.

Emily estava feliz em vê-la, apesar do grande chapéu de bolinhas vermelhas de Cynthia quase machucar seus olhos cansados. Acenou para a amiga e esperou a mulher caminhar até ela.

Elas entraram e Cynthia não perdeu tempo. Enquanto subiam as escadas, fez uma série de perguntas a Emily, sobre a pressão da água, se estava servindo alimentos orgânicos e quem era seu fornecedor. No momento em que chegaram ao quarto de hóspedes, a cabeça de Emily estava girando.

Ela levou Cynthia para dentro do quarto que, pelo menos para Emily, era lindo. Havia um mezzanino numa ponta, onde ela colocou um confortável sofá de couro, para que os hóspedes pudessem se sentar e admirar a vista para o mar. O quarto era principalmente branco, mas com toques azuis, com um tapete de pele de ovelha, e móveis de madeira de pinho envelhecido.

“Esta cama é pequena demais”, Cynthia disse imediatamente. “Uma cama de casal comum? Ficou louca? Precisa de algo grande e opulento. Algo luxuoso, além de qualquer coisa que eles possam comprar. Você fez este quarto parecer um showroom de decoração”.

“Achei que o objetivo era esse”, Emily falou timidamente.

“Absolutamente não!” Cynthia exclamou. “Você precisa fazer o quarto parecer o de um palácio!” Ela caminhou pelo cômodo, passando a mão nas cobertas amarrotadas. “Muito áspero”, falou. “Seus hóspedes merecem dormir numa cama que tenha uma textura acetinada”. Ela foi até as janelas. “Estas cortinas são escuras demais”.

“Ah”, Emily disse. “Algo mais?”

“Quantos quartos você tem?”

“Bem, este é o principal, que está pronto. Há mais dois que só precisam de alguns móveis. Então, existe mais um monte deles que ainda não consegui esvaziar. E o terceiro andar inteiro também poderia ser convertido”.

Cynthia assentiu e deu uma palmadinha no queixo. Ela parecia estar tendo algumas ideias, talvez, Emily imaginou, alguns grandes planos para a pousada que nunca conseguiria realizar.

“Mostre-me a sala de jantar”, Cynthia pediu.

“Humm...certo...”

Elas desceram as escadas e, a cada passo, o terror de Emily ficava mais forte. Estava começando a se arrepender da decisão de pedir ajuda a Cynthia. Enquanto o Sr. Kapowski havia apenas amassado seu frágil ego, Cynthia estava despedaçando-o com uma marreta.

“Não, não, não, não e não”, Cynthia disse, caminhando pela sala de jantar.

“Pensei que você adorasse esta sala”, Emily disse, perturbada. Cynthia certamente havia gostado do jantar de cinco pratos e coquetéis – preparado e pago por Emily.

“Eu adoro. Para jantares e festas!” exclamou. “Mas agora você precisa transformá-la na sala de jantar de uma pousada, com pequenas mesas, para que os hóspedes possam comer sozinhos. Não pode colocar todos numa única mesa grande, como esta!”

“Achei que iria gerar um senso de comunidade” Emily balbuciou, na defensiva. “Estava tentando fazer algo diferente”.

“Querida”, Cynthia disse, “nem tente fazer isso. Não agora. Talvez, daqui a uns dez anos, quando você estiver bem estabelecida, com dinheiro sobrando, então, pode começar a fazer experimentações. Mas agora não tem outra escolha a não ser fazer da maneira que seus hóspedes esperam. Entende?”

Emily assentiu, tristonha. Ela nem sabia se haveria dez anos à frente. Só estava pensando a curto prazo com a pousada, e agora parecia que Cynthia queria que ela realmente investisse neste lugar, transformasse-o em algo sustentável a longo prazo. Estava começando a soar caro, e caro não era algo que Emily pudesse pagar. Ainda assim, ouviu pacientemente enquanto Cynthia continuava suas críticas.

“Não coloque lírios aqui. Eles nos lembram de funerais. E, ah, por Deus, isto terá que ser movido”. Cynthia estava olhando pela janela, para o galinheiro. “Todo mundo gosta de ovos caipiras, mas certamente não gostam de ver os bichinhos sujos de onde saíram!”

Quando ela foi embora, Emily estava se sentindo pior do que nunca. Voltou a se sentar no terraço, olhando para a lista de afazeres que Cynthia havia lhe dado. Nesse momento, Daniel chegou em casa e veio pelo caminho de cascalho até ela.

“Cara, como estou feliz em ver você”, Emily disse, olhando para ele. “Meu dia foi péssimo, literalmente, a partir do momento em que acordei”.

Daniel se sentou ao seu lado. “Como assim?”

Emily o presenteou com a história do Sr. Kapowski, de Lola e Lolly falhando em fazer a única coisa que deveriam fazer, dos belos sapatos que ela havia arruinado pisando em cocô de galinha, do bacon queimado, da partida do Sr. Kapowski e das críticas de Cynthia.

“Pare para respirar”, Daniel disse, com um sorriso, assim que ela acabou.



“Não ria de mim”, Emily falou, magoada como uma criança. “Foi um dia realmente difícil e eu gostaria de um pouco do seu apoio”.

Daniel riu. “Um dia, você vai olhar para trás e ver o lado engraçado. Ou melhor, assim que isso ficar no passado e você tiver a pousada mais bem-sucedida em todo o Estado do Maine”.

“Duvido que isso vá acontecer”, Emily disse, afundando ainda mais num estado de espírito sombrio. Ela nem sabia ao certo se podia continuar com isso a curto prazo. “O pior é que eu sei que os dois estão certos”, ela acrescentou. “Não sou boa o bastante nisto. Preciso melhorar. E preciso fazer todas as mudanças que Cynthia sugeriu. A pousada que ela gerenciou quando era mais nova foi uma das melhores no Maine. Se não aceitar seus conselhos, estarei sendo uma idiota”.

“Quanto trabalho precisa ser feito?” Daniel perguntou.

“Muito. Cynthia disse que preciso aprontar os outros dois quartos imediatamente. Precisam ter esquemas de cores diferentes e preços diferentes das diárias, para que os hóspedes sintam que têm algum tipo de escolha, para fazê-los se sentir no controle. Ela disse que provavelmente as pessoas escolherão o quarto com preço médio, porque não querem parecer mesquinhos para seu parceiro ou parceira, mas que sempre haverá um tipo de pessoa que escolhe o mais barato, sempre, e outro que prefere o mais caro”.

“Uau”, Daniel disse. “Não sabia que havia tanto a pensar a respeito”.

“Nem eu”, Emily replicou. “Entrei nisso cega e ingênua. Mas quero fazer dar certo, quero mesmo”.

“Então, o que você precisa mudar?” De quanto tempo vai precisar?”

“Quase tudo”, Emily disse, desanimada. “E preciso deixar tudo pronto o quanto antes. Vai consumir o resto das minhas economias. Calculei que terei apenas o bastante para manter este lugar funcionando até o Quatro de Julho. Então, um mês”.

Imediatamente, ela notou a mudança na linguagem corporal de Daniel, uma quase imperceptível mudança, seu corpo se afastando dela. Tinha plena consciência de que ela estava pondo um limite de tempo no romance deles, assim como no seu negócio, e parecia que Daniel já estava se distanciando, ainda que fosse por apenas poucos centímetros.

“Então, o que vai fazer?” ele perguntou.

“Vou correr atrás”, ela disse, decidida.

Daniel sorriu e assentiu. “Por que fazer algo pela metade?” ele disse.

Pôs o braço ao redor dela e Emily se apoiou nele, aliviada pela distância entre os dois ter sumido. Mas aquilo era algo que não esqueceria facilmente.

Ela havia dado início a um cronômetro para contar o tempo do relacionamento deles e os segundos estavam passando rápido.

# CAPÍTULO SEIS

“Esta cômoda ficaria perfeita no quarto menor”, Emily disse, seus dedos passando pela parte de cima do móvel de pinho, enquanto olhava para Daniel...

Seu coração acelerou enquanto se apaixonava, como sempre, pelas joias escondidas na loja de antiguidades de Rico. Podia ver a animação de Daniel também, ao examinar o móvel; era um bônus saber que este também era o lugar favorito deles para um encontro.

Ambos gostavam da adrenalina de descobrir itens raros e exóticos para a pousada, mas também adoravam a infinita fonte de entretenimento que o homem velho e esquecido oferecia. Apesar da memória a curto prazo de Rico não ser confiável, sua habilidade de se lembrar do passado não tinha páreo, e ele frequentemente contava anedotas inesperadas sobre o pessoal da cidade, ou dava verdadeiras aulas de história sobre Sunset Harbor em si. Também sempre havia mais um bônus: Serena, que, apesar de ser quinze anos mais nova, era alguém que Emily considerava uma boa amiga.

Então, Emily levantou os olhos e viu um grande e requintado espelho com moldura dourada.

“Ah, e este ficaria perfeito também”.

Ela flutuava pela loja e Daniel a seguia, indo de um guarda-roupa para outro. Enquanto caminhava, anotava os preços e códigos nas etiquetas dos itens pelos quais se interessava, para dar a lista a Rico depois. Estava comprando vários itens, afinal, e era melhor não confundir o coitado.

“E este aqui?” Emily perguntou a Daniel, olhando para uma grande cama com dossel.

“Cynthia disse que as camas precisam ser maiores. Que preciso fazer os hóspedes se sentirem como a realeza”.

Daniel cruzou a loja, de onde estava examinando algumas banheiras de pedra para pássaros, e parou ao lado dela.

“Uau. Quero dizer, sim, seus hóspedes definitivamente se sentirão como a realeza dormindo nesta cama. É enorme. Você tem tanto espaço?”

Emily puxou uma fita métrica e começou a anotar as dimensões da cama, e então consultou uma tabela que vinha guardando em seu bolso. Havia anotado todas as dimensões para não comprar móveis que terminassem não cabendo muito bem nos quartos. O plano era, inicialmente, renovar os dois outros quartos principais, investindo todo o seu dinheiro reserva para torná-los o mais perfeitos possível, e então expandir rapidamente para vinte quartos – aqueles que teriam diárias mais baratas – assim que o dinheiro dos primeiros três começasse a chegar.

“Definitivamente, caberia na suíte nupcial!” Emily falou, radiante. A bela cama estava deixando-a animada; e a ideia de comprá-la e colocá-la em um dos quartos era muito empolgante.

Daniel se aproximou para ver o preço. “Já viu como é cara?”

Emily se inclinou e leu a etiqueta. “Pertenceu a um aristocrata norueguês do século 15”, ela leu. “É claro que custa caro”.

Daniel encarou-a, surpreso. “Por que não está preocupada? A Emily que eu conheço estaria hiperventilando agora”.

“Ha. Ha”, Emily falou, irônica, apesar de saber que ele estava falando a verdade. Ela era uma eterna preocupada por tudo na vida, mas, desta vez, algo havia mudado. Talvez fosse aquela

sensação de tique-taque, daquela ampulheta, da areia escoando pelo contador de tempo do relacionamento deles. A finalidade disso tudo a fez jogar a cautela pela janela. “É preciso gastar dinheiro para ganhar dinheiro, certo?” disparou, ousada. “Se eu me limitar agora, vou pagar por isso mais tarde. A pousada vai implodir”.

“Isso é um pouco dramático”, Daniel disse, rindo. “Mas sei o que quer dizer. Precisa investir agora, construir a fundação”.

Emily respirou fundo.

“Correto, bom. Agora, você está do meu lado, estou pronta para fazer isso”.

A ideia de gastar tanto dinheiro de suas reservas, de terminar se equilibrando tão precariamente na borda da falência, não era algo que Emily apreciava fazer. Nunca havia sido esse tipo de pessoa, impulsiva. Geralmente, era cautelosa e comedida, avaliando os prós e contras de cada situação antes de se comprometer – quer dizer, até dramaticamente deixar seu emprego, apartamento e namorado em Nova York e fugir para o Maine. Talvez, fosse mais impulsiva do que imaginava. Ou, talvez, essa característica estivesse surgindo em seu interior à medida que ficava mais velha. Foi assim que Cynthia havia se tornado tão excêntrica? A cada ano que passava, ela acrescentava outra cor luminosa a seu guarda-roupa, tingia seu cabelo de outra cor bizarra? Apesar de gostar muito de sua querida amiga, Emily estremeceu ao pensar em se tornar como ela.

Forçando sua mente a parar de fazer comparações entre ela e a mulher mais velha, Emily voltou o foco para a tarefa que tinha à frente.

“Acho que vou comprar”, ela disse a Daniel, quase que silenciosamente desejando que ele lhe dissesse não, para ter uma desculpa e não gastar tanto.

“Legal”, foi tudo o que ele disse.

Foi justo aí que Rico apareceu. “Ellie”, falou, com um sorriso. “Que bom ver você”. O velho nunca conseguia se lembrar do nome de Emily.

“Oi, Rico”, Emily disse. “Você teria mais camas como esta?” Ela se lembrou do cômodo oculto que Rico lhe havia mostrado, o lugar onde guardava todos os itens maiores e mais caros, que não podia mover facilmente. Estava repleto de tesouros a granel, ainda mais que os que a imensa casa do seu pai continha.

“É claro”, Rico disse, dando uma leve batidinha no braço dela com a mão enrugada. “Eles ficam lá atrás. Sabe o caminho?”

Emily assentiu. Rico havia mostrado a ela e a Daniel o cômodo secreto vários dias antes.

“Nesse caso, deem uma olhada”, Rico disse. “Confio em vocês”.

Emily sorriu, se perguntando como ele confiava nela se nem conseguia lembrar seu nome. Então, ela e Daniel caminharam pelo corredor escuro, sinuoso, e entraram no amplo cômodo dos fundos. Assim como da última vez em que esteve aqui, Emily ficou quase sem fôlego por causa do frio, e surpresa com a vastidão do lugar. Era como entrar numa caverna. Estremeceu e abraçou o próprio corpo. Daniel notou que ela tremia e a puxou para perto de si. O calor que vinha dele confortou Emily.

Eles penetraram ainda mais no salão, passando por armários suspensos e balcões, mesas e guarda-roupas.

“Nárnia, aqui vou eu”, Emily brincou, abrindo a porta de um guarda-roupa de madeira particularmente ornamentado, antes de anotar o preço e código em sua lista de compras.

Finalmente, localizaram o lugar onde todas as camas eram guardadas.

“Aqui”, Emily disse, olhando para a cama de madeira escura, antiga, de dossel. Cada um dos mastros era feito para se parecer com os troncos de árvores dos quais haviam sido entalhados.

Parecia quase de outro mundo. “Isto é exatamente do que preciso. Só mais uma como esta e os quartos mais caros parecerão bem luxuosos, não acha?”

Daniel parecia particularmente impressionado pela cama. “Ela é incrivelmente bem-feita. Quero dizer, dá para notar como suportou bem o passar do tempo, mas também pelo acabamento, a maneira como usaram um verniz que combinava com o efeito natural da madeira”. Ele parecia enamorado, apesar de que, mal havia terminado de dizer essas palavras, imediatamente se distraiu com outra. “Emily, rápido, veja esta cama!”

Emily riu enquanto ele puxava sua mão para mostrar outra cama ornamentada. Esta tinha um verniz mais claro, e quase parecia ter vindo de uma choupana de madeira da Islândia. Os padrões foram entalhados na cabeceira e nos postes. Era linda, realmente valiosa.

“É uma em um milhão, Emily!” Daniel disse, com entusiasmo. “Entalhada à mão. Uma carpintaria incrível. Você tornaria a pousada famosa se comprasse esta!”

Emily sentiu um calor percorrer seu corpo. Era verdade. As camas que encontrou na loja de Rico eram incríveis e únicas. Agora entendia o que Cynthia estava tentando lhe dizer, sobre tratar seus hóspedes como a realeza. *Ela* certamente se sentiria como uma princesa dormindo em uma destas.

“Sabe”, Emily disse, os dedos se demorando pela madeira de um dos postes. “Se comprarmos estas camas, há uma condição”.

“Ah?” Daniel disse, franzindo o cenho.

Emily fez cara de séria e levantou uma sobrancelha. “Teríamos que testar cada cama. Para avaliar a qualidade, é claro”.

“Quer dizer... Ah!” Daniel entendeu o que Emily estava sugerindo. Ele franziu o cenho, pensando. A ideia de comprar as camas subitamente parecia ainda mais tentadora. “Ah, bem, é claro...” ele murmurou, envolvendo Emily nos braços. “Você não conseguiria dormir à noite se não soubesse, em primeira mão, a experiência pela qual seus hóspedes estão pagando”.

Ele beijou o pescoço dela sedutoramente e Emily riu.

“Vou dar a minha lista a Rico”, ela disse, retirando-se do abraço. “E dizer adeus a todo o meu dinheiro”.

Daniel assoviou. “Ele vai ficar feliz. Provavelmente, você vai render o lucro de um mês em apenas uma compra!”

“Não estou pensando nisso”, Emily disse, fingindo cobrir os olhos com as mãos para evitar olhar para os preços nas etiquetas.

Ela deixou Daniel no grande salão e foi encontrar Rico.

“Evie”, ele disse, quando ela reapareceu. “Encontrou o que queria?”

“Sim”, Emily disse. “Gostaria de comprar três guarda-roupas, uma penteadeira, duas mesas, seis criados-mudos, uma estante, duas cômodas, três tapetes e três camas antigas”.

“Ah”, Rico disse, um pouco surpreso enquanto ela lhe dava a lista de itens e seus preços. “Isso é bastante coisa”. Ele começou a somá-las lentamente em sua velha caixa registradora.

“Estou mobiliando mais dois quartos na pousada e remodelando outro”.

“Ah, sim, você é a garota da pousada”, Rico disse, assentindo. “Seu pai ficaria muito orgulhoso do que já conseguiu, sabe”.

Emily estremeceu. Ainda que estivesse grata por suas palavras gentis, pensar em seu pai deixava-a desconfortável.

“Obrigada”, disse baixinho.

“Agora”, Rico disse, com sua voz de idoso, “já que você é uma cliente tão especial, e está fazendo algo que beneficiará a cidade inteira, vou lhe dar um desconto”. Apertou alguns botões e

um valor apareceu na tela empoeirada.

Emily espremeu os olhos, sem saber se estava vendo direito. “Rico, este é um desconto de cinquenta por cento”. Ela não podia dizer se o cavalheiro idoso havia digitado por engano o valor menor; a última coisa que queria era explorá-lo acidentalmente.

“Está tudo certo. Você conseguiu um desconto especial do Memorial Day em Sunset Harbor”, e deu uma piscadela.

Emily balbuciou, dando-lhe seu cartão. Quase não acreditava em tanta generosidade.

“Tem certeza?”

Rico levantou uma mão para fazê-la parar. A compra foi realizada e Emily ficou ali, muda, um pouco atônita.

“Obrigada, Rico”, ela disse, sem fôlego, e deu um beijo na pele fina do rosto.

Ele deu um largo sorriso, que dizia tudo.

Ela se sentia alegre como uma criança ao correr de volta até os fundos da loja de antiguidades, para encontrar Daniel.

“Rico me deu um desconto de cinquenta por cento!” exclamou ao alcançá-lo.

Ele parecia surpreso.

“Isso é incrível”, Daniel replicou.

“Vamos”, Emily disse, subitamente impaciente. “Vamos tirar estas coisas daqui e começar as melhorias na pousada”.

Daniel riu. “Nunca vi alguém tão animada para terminar um encontro”.

“Desculpe”, Emily disse, enrubescendo. “É só que há muito a fazer antes de Jayne chegar”.

“Quem é Jayne?” Daniel perguntou. “Não me disse que havia feito reserva para outro hóspede”. Ele parecia animado por ela, se não um pouco surpreso.

Emily riu. “Ah, não é isso. Jayne é uma velha amiga, de Nova York”.

Daniel se sentiu subitamente desconfortável. Havia se sentido julgado por Amy quando ela veio visitar e estava bem reticente em conhecer mais uma amiga de Emily.

“Certo”, ele disse, quase num murmúrio.

“Ela é legal”, Emily o tranquilizou. “E vai adorar você”. Então, beijou-o no rosto.

“Não dá para ter certeza”, Daniel disse. “Nunca se sabe – as pessoas se julgam da maneira errada o tempo todo. E eu não sou o cara mais simpático do mundo”.

Emily passou os braços ao redor do pescoço dele e se aconchegou. “Prometo. Ela vai amar você porque eu amo você. É assim que funciona com melhores amigas”.

Emily percebeu, depois de falar, que havia dito a palavra que começa com “A”. Havia dito a Daniel que o amava. Havia escapulado, mas não se sentia estranha ou ansiosa sobre isso, de jeito nenhum. Na verdade, dizer isso parecia a coisa mais natural do mundo. Mas notou que Daniel não disse nada de volta e ela se perguntou se havia cruzado aquela linha cedo demais.

Os dois ficaram assim por um momento, abraçados em silêncio na loja de antiguidades às escuras, enquanto Emily refletia sobre o significado do silêncio de Daniel.

\*

O céu estava escurecendo enquanto descarregavam as pesadas camas com dossel da caminhonete de Daniel e as levavam para cima, até os quartos. Passaram as próximas horas montando-as e organizando os cômodos, sem nenhum comentário sobre o que havia sido dito na loja de Rico.

Enquanto anoitecia, Emily começou a sentir que a casa estava se tornando mais parecida com uma pousada de verdade, como se ela tivesse se comprometido mais com a ideia. De várias

maneiras, havia chegado num ponto sem volta. Não só com a pousada, mas em relação a seus sentimentos por Daniel. Ela o amava. Amava a pousada. E não tinha dúvidas sobre ambos.

“Acho que deveríamos dormir na minha casa”, Daniel anunciou, quando o relógio indicou meia-noite.

“Claro”, Emily disse, um pouco surpresa. Nunca havia passado a noite na casa de Daniel e se perguntou se era alguma tentativa dele de demonstrar seu compromisso com ela, por não ter conseguido dizer aquelas três palavrinhas mais cedo.

Eles trancaram a pousada e atravessaram o gramado em direção a onde a pequena casa de Daniel ficava, às escuras. Ele abriu a porta e fez sinal para Emily entrar.

Ela sempre se sentiu tão mais nova sempre que ia à casa de Daniel. Algo em sua vasta coleção de discos e livros a intimidava. Escaneou as prateleiras, olhando para todos os volumes acadêmicos que ele tinha. Psicologia. Fotografia. Havia livros sobre tantos assuntos diferentes. E, para surpresa de Emily, esses textos acadêmicos intimidantes pareciam o recheio de um sanduíche, cujos “pães” eram livros sobre detetives e crime.

“Fala sério!” ela exclamou. “Você lê Agatha Christie?”

Daniel apenas deu de ombros. “Não há nada de errado em ler um livro de Agatha de vez em quando. Ela é uma grande contadora de histórias”.

“Mas os livros dela não são para mulheres de meia idade?”

“Por que não lê um e me diz?” ele rebateu, atrevido.

Emily o golpeou com um travesseiro. “Como ousa. Trinta e cinco não é meia-idade!”

Eles riram enquanto brincavam de luta sobre o sofá. Ele fez cosquinhas nela sem dó, fazendo-a gritar e socar as costas dele com os punhos fechados. Então, ambos caíram, exaustos pela luta de brincadeira, num emaranhado de pernas e braços. As risadas de Emily foram diminuindo. Ela arfou, tentando recuperar o fôlego, seus braços em volta de Daniel, passando os dedos pelo seu cabelo. Seu ar de brincadeira esmaeceu, tornando-se mais sério.

Daniel recuou um pouco, para poder ver o rosto dela. “Você é linda, sabia?”, ele disse. “Não sei se lhe digo isso o bastante”.

Emily notou as entrelinhas do que ele estava dizendo. Referia-se àquele momento na loja, quando não lhe disse que a amava também. Estava tentando consertar as coisas agora, elogiando-a. Não era exatamente a mesma coisa, mas ela ficou feliz em ouvir, de todo modo.

“Obrigada”, murmurou. “Você também não é de se jogar fora”.

Daniel sorriu, com o sorriso torto que Emily amava tanto.

“Estou feliz por tê-la conhecido”, ele continuou. “Minha vida agora, comparada ao que era antes de você, é quase incompreensível. Você virou tudo de cabeça para baixo”.

“De um jeito bom, espero”, Emily disse.

“Da melhor maneira”, Daniel garantiu.

Emily sentiu o rosto ficar rosado. Apesar de gostar de ouvir Daniel dizer essas palavras, ainda estava tímida, ainda um pouco insegura sobre em que pé eles estavam, e sem saber ao certo o quanto podia se aproximar, considerando toda a instabilidade em relação à pousada.

Daniel parecia estar lutando para dizer as próximas palavras. Emily o observava impaciente, com um olhar encorajador.

“Se você fosse embora, não sei o que eu faria”, Daniel disse. “Na verdade, sei. Dirigiria até Nova York para estar com você novamente”. Ele pegou a mão dela. “O que estou dizendo é, fique comigo. Certo? Seja lá onde for, que seja comigo”.

As palavras de Daniel tocaram Emily profundamente. Havia tanta sinceridade nelas, tanta ternura. Não era amor que ele estava comunicando, mas outra coisa, algo parecido ou ao menos

tão importante quanto. Era um desejo de estar com ela, não importa o que acontecesse com a pousada. Ele estava abolindo o cronômetro, dizendo que não se importava se ela não tivesse sucesso até o Quatro de Julho, que ele ainda estaria lá para ela.

“Farei isso”, Emily disse, levantando os olhos para ele, em adoração. “Podemos permanecer juntos. Haja o que houver”.

Daniel beijou Emily profundamente. Ela sentiu seu corpo se aquecer em resposta a ele, e o calor entre os dois aumentou. Então, Daniel se levantou e estendeu-lhe a mão. Ela mordeu o lábio e pegou a mão dele, seguindo-o com ardente expectativa enquanto a levava até o quarto.

## CAPÍTULO SETE

A noite passada foi exatamente o que tanto Emily quanto Daniel precisavam. Às vezes, ambos ficavam tão exaustos com todo o trabalho duro na pousada que era fácil deixar coisas assim escaparem. Então, não foi surpresa quando continuaram dormindo depois que o despertador tocou, alertando que já eram oito horas da manhã. Emily, em particular, tinha muito sono acumulado.

Quando os dois finalmente acordaram – num horário que agora parecia absurdamente tarde: 9 horas – decidiram que seria melhor aproveitar um pouco mais de tempo na cama, já que havia sido tão bom sob os lençóis na noite anterior.

Finalmente, acordaram por volta das dez, mas ainda então, degustaram um longo e preguiçoso café da manhã antes de finalmente admitir que tinham que retornar para a casa principal e continuar o trabalho nos quartos novos.

“Ei, olhe”, Daniel disse, enquanto fechava a porta da casa atrás deles. “Tem um carro na entrada”.

“Outro hóspede?” Emily perguntou.

Começaram a caminhar juntos, de mãos dadas, pelo caminho de cascalho. Emily olhou para a casa, onde podia ver uma mulher com cabelos negros brilhantes de pé no terraço, com várias malas ao seu lado, tocando a campainha.

“Acho que você tem razão”, Daniel disse.

Emily engoliu em seco, subitamente percebendo quem estava ali parada.

“Ah, não, me esqueci de Jayne!” ela gritou. Conferiu o relógio. Onze horas. Jayne havia dito que chegaria às dez. Ela esperava que sua pobre amiga não tivesse passado uma hora inteira ali tocando a campainha.

“Jayne!” ela chamou, correndo pelo caminho de cascalho. “Sinto tanto! Estou aqui!”

Jayne virou-se ao ouvir seu nome. “Em!” gritou, acenando. Quando notou Daniel se aproximando, apenas alguns passos atrás, suas sobranceiras se levantaram, como para dizer, “Quem é este cara?”

Emily chegou até ela e as duas se abraçaram.

“Você está aí de pé há uma hora?” perguntou, preocupada.

“Ah, para com isso, Emily. Você não me conhece? É claro que não cheguei aqui na hora. Cheguei uns 45 minutos atrasada!”

“Ainda assim”, Emily disse, desculpando-se. “Quinze minutos ainda é muito tempo para ficar parada em pé no terraço de alguém.

Jayne bateu no piso com o salto da sua bota. “Um terraço robusto, sólido. Fez um bom trabalho”.

Emily riu. Nesse momento, Daniel se aproximou.

“Jayne, este é Daniel”, Emily disse apressadamente, sabendo que não tinha outra escolha a não ser apresentá-lo agora.

Daniel apertou educadamente a mão de Jayne, mesmo enquanto ela o olhava de cima a baixo como se fosse um pedaço de carne.

“Prazer em conhecê-la”, ele disse. “Emily me falou tudo sobre você”.

“Falou?” Jayne disse, suas sobranceiras levantando-se. “Porque ela não me contou nada sobre você. É um segredo bem guardado, Daniel”.

Emily ficou vermelha. Jayne não era de sutilezas e não costumava manter a boca fechada, quando realmente deveria. Só esperava que Daniel não procurasse um significado naquelas palavras e tirasse conclusões equivocadas.



“Quer que lhe ajude com as malas?” ele perguntou.

“Sim, por favor”, Jayne replicou.

No momento em que Daniel se abaixou para pegar as malas, ela esticou o pescoço para dar uma conferida nas suas costas. Então, olhou para Emily e fez um ar de aprovação. Emily se encolheu.

“Deixe-me pegar estas”, Emily disse rápido, tirando Daniel do caminho e pegando as malas.

“Uau, Jayne, como estão pesadas! O que você trouxe?”

“Ah, você sabe”, Jayne disse. “Dois *looks* por dia – um para o dia e outro para a noite – mais um extra para um jantar formal, só para garantir. Lingerie, é claro. Máscaras faciais, hidratantes, bolsa de maquiagem e pinceis, esmalte, secador, modelador de cachos...”

“Você realmente precisava trazer um secador de cabelo e um modelador?” Emily questionou, arrastando as malas pelo limiar da porta.

“... e chapinha”, Jayne acrescentou. “Nunca se sabe qual será a vibe”. Ela riu maliciosamente para Emily.

“Emily”, Daniel disse, “você parece estar sofrendo. Por que não me deixa levar as malas até o quarto de Jayne, lá em cima?”

“Obrigada, Daniel”, Emily disse, bloqueando estrategicamente a visão de Jayne do traseiro dele enquanto se abaixava. “Por que não as coloca no Quarto Um, por favor?”

O quarto de hóspedes original, o Quarto Um, foi carinhosamente apelidado de quarto Sr. Kapowski por Daniel e Emily, mas, no momento, ela não sentiu vontade de mergulhar naquela história em especial. Sabia que soava estranho, rígido e formal pedir para ele colocar as malas no Quarto Um, mas, naquele momento, não ligava; seu único foco era colocar Daniel em segurança e longe de Jayne o mais rápido possível, de preferência evitando que ela comesse com os olhos a bunda dele enquanto subia as escadas. O quarto mais afastado da casa parecia estar a uma boa distância.

Emily se virou para Jayne. “Deixe-me mostrar a pousada a você”; Ela levou a amiga até a sala de estar.

“Ah, meu Deus!” Jayne exclamou antes que a porta sequer se fechasse atrás delas. “*Esse* é o cara novo em sua vida? Diga que não é! Sério? Por que não falou nada? Por que não está telefonando para todo mundo que já conheceu, incluindo sua professora do maternal e o carteiro, para dizer que está namorando um lenhador gostoso?”

Jayne falava incrivelmente rápido, e alto, de uma maneira que podia dar dor de cabeça em qualquer pessoa após cinco minutos de conversa.

“Ele não é lenhador”, Emily sussurrou, sentindo-se envergonhada. Como havia se esquecido do quão impertinente Jayne podia ser? Como pensou que era uma boa ideia convidar sua amiga para a pousada, se fazer isso poderia significar que seu namoro passaria por esse escrutínio? Ela não queria assustar Daniel; já havia se saído muito bem sozinha deixando escapar ontem que o amava.

“Mas, amiga”, Jayne acrescentou, “ele é muito gostoso. Percebe isso, certo? Quero dizer, sei que seu gosto ficou meio maluco nos últimos meses, mas ainda pode reconhecer um cara lindo quando está na sua frente, não é?”

“Sim”, Emily sussurrou, revirando os olhos. “Por favor, não aja de maneira estranha com ele. Ainda está no início. Realmente”.

“O que quer dizer com estranha?”

“Tipo, não fale nada sobre bebês ou casamento. E não mencione Ben, ou nenhum de meus ex. Ou minha mãe. Por Deus, não diga nada sobre as maluquices da minha mãe”.

Jayne riu. “Você gosta mesmo dele, não é? Não lhe via tão nervosa assim há muito tempo”. Emily estremeceu. “Na verdade, sim, gosto. Acho que estou apaixonada”.

“De-jeito-nenhum!” Jayne exclamou, o volume de sua voz aumentando mil vezes. “Está apaixonada?”

Nesse exato momento, Daniel entrou na sala. Emily ficou petrificada e os olhos de Jayne se arregalaram, com o choque. Ela apertou os lábios.

“Oops”, falou, alto, olhando de um rosto mortificado para o outro. “Então, Daniel”, Jayne acrescentou, quebrando o iceberg de tensão que havia tomado conta da sala, “fale-me sobre você”.

Daniel olhou de Emily para Jayne e engoliu em seco. “Humm, na verdade, acho que deixarei isso para as duas damas. Preciso passear com os cães”. E saiu apressado da sala.

Emily suspirou, sentindo-se murchar. Magoava-lhe ver que Daniel estava tão sem graça sobre o fato dela estar apaixonada por ele. Virou-se para Jayne.

“Podemos sair um pouco? Poderia lhe mostrar Sunset Harbor. Você nunca esteve aqui e foi aqui que passei a maior parte dos meus verões quando criança, então, seria legal mostrar-lhe os principais pontos”.

“Flor, diga-me de qual sapato eu preciso e estou dentro. Estamos falando de botas de trilha? Ou de tênis de corrida?”

Com certeza, Jayne havia trazido todo tipo de sapato possível com ela.

“Na verdade, sabe, não corro desde que saí de Nova York”, Emily disse. “Podia ser divertido fazer isso. Está um dia lindo demais para desperdiçar no carro, e certamente poderíamos ver mais coisas a pé. Podemos ir pelo calçadão à beira-mar”.

“Parece ótimo”, Jayne disse. “Recebi tantas ligações ontem depois que terminei de falar com você que tive que parar nos 32 quilômetros. Seria bom fazer uma corrida de verdade”.

Emily engoliu em seco. Uma corrida de verdade, para ela, nunca passou dos oito quilômetros. No momento, após seis meses de preguiça, ficaria feliz em conseguir apenas três.

“Só vou me trocar”, ela disse.

Subiu as escadas correndo, deixando a pousada à mercê de Jayne. Quando chegou no quarto, encontrou Daniel deitado na cama, olhando para o teto.

“Está tudo bem?” ela perguntou, hesitante. “Pensei que ia levar os cachorros para passear”.

“Eu só tinha que sair daquela sala”, Daniel disse.

“Ah”, Emily replicou, tristonha. A ideia dela estar apaixonada por ele é tão repulsiva que ele tinha que sair correndo?

Daniel se sentou, parecendo atônito. “Quero dizer, por que ela precisa falar tão rápido? E alto? E por que tem que dizer cinco palavras quando uma só basta?”

Emily percebeu então que Daniel havia saído tão rápido não por causa dela, mas por causa de Jayne, por causa do jeito nova-iorquino apressado dela falar. Então riu, liberando um pouco da tensão que havia crescido dentro de si.

“Sabe, eu costumava ser assim”.

Daniel balançou a cabeça. “Mentira. Não acredito”.

“Sim, verdade”, Emily replicou, insistindo. “Só espere. Daqui a cinco dias, não poderá distinguir entre nós duas”.

“Bom Deus”, Daniel disse, caindo novamente sobre o colchão.

# CAPÍTULO OITO

Jayne parecia uma super modelo correndo ao lado das ondas cintilantes, os cabelos flutuando atrás de si, suas pernas longas e esbeltas. Ao contrário de Emily, Jayne quase não havia suado. Todo mundo que passava olhava para ela, arrastado por sua beleza, ao ver alguém tão incrivelmente atraente em sua sonolenta e pacata cidade.

“Nem me lembro da última vez que vi o mar”, Jayne disse. “Quer dizer, a não ser durante a viagem de carro até aqui. Às vezes, Nova York lhe faz esquecer que há mais do que ruas e prédios lá fora”.

“É verdade” Emily replicou, arfando, achando difícil formar até as frases mais curtas.

Quando elas estavam passando pela floricultura de Raj, ele estava terminando de colocar alguns vasos de plantas do lado de fora da loja.

“Oi, Emily”, gritou.

Ela acenou de volta, mantendo o fôlego. Então, viu Parker Black em sua van, vendendo seus produtos a granel. Parker era bem jovem, tinha apenas 23 ou 24 anos, e fartos cabelos loiros encaracolados. Havia herdado a van com apenas 16 anos, quando seu pai morreu, e vinha fazendo um excelente trabalho, mantendo o negócio da família funcionando. Quando Emily abriu a pousada, imediatamente quis que fosse seu fornecedor.

Ele buzinou e acenou.

“Cai fora, esquisito!” Jayne gritou.

“Não, não, ele não está buzinando por isso”, Emily falou sem fôlego, balançando a cabeça. “Este é Parker, meu fornecedor. Está buzinando para dizer oi”. Ela acenou de volta.

“Ah”, Jayne disse. “Todo mundo se conhece aqui, então?”

Havia um leve desdém na sua voz. Emily reconheceu porque havia compartilhado o mesmo ponto de vista quando chegou – de Sunset Harbor ser uma cidadezinha chata, cheia de fofoqueiros que se metiam nas vidas uns dos outros.

“Quase isso”, ela arfou, mas falou com um sorriso, porque agora considerava isso uma das melhores coisas da cidade, pois tinha feito tantos amigos desde sua chegada, mudando de opinião sobre tanta coisa, que era quase impossível de compreender.

Elas chegaram na ponte que ligava a ilha ao continente.

“Foi aqui que meu carro quebrou”, Emily disse, lembrando o momento em que ficara presa na ponte quando entrava em Sunset Harbor, assim que começou uma nevasca. Birk a resgatou naquela noite. Apesar de ter sido horrível na época, Emily agora se lembrava daquele momento com carinho.

“An-han”, Jayne disse, desinteressada. Seu entusiasmo pelo oceano parecia já ter sumido. “Ai, meu Deus”, falou, subitamente radiante. “Você assistiu à última temporada do The Voice?”

“Não”, Emily disse. “Não tenho mais TV”.

Jayne pareceu horrorizada. “Ah. Certo. Bem, enfim, tinha um participante que era, literalmente, o ser humano mais gostoso do universo inteiro”.

Emily ouviu pacientemente enquanto Jayne falava sobre coisas que agora ela não considerava importantes. Houve um tempo em que parecia tão chata para outras pessoas? Ela realmente se importava com coisas tão triviais? A única vantagem de Jayne liderar a conversa é que Emily podia focar em respirar, algo que se tornava cada vez mais difícil quanto mais corriam.

“Mas como vai sua vida?” Emily perguntou, assim que surgiu um momento de silêncio. Esperava saber sobre as coisas reais, não sobre fofocas de TV sem sentido.

“Está tudo bem”, Jayne disse. “Terminei com Harry. Você sabia, não? Então, procurei Brandon por um tempo. Ainda estou nessa. Mais ou menos. Estamos num relacionamento casual no momento”.

Emily assentiu e focou em manter um pé pisando na frente do outro. “E o trabalho?” ela perguntou, quando percebeu que Jayne havia parado de falar.

“Um fluxo constante de bobagem sem fim”, Jayne replicou. “Tenho tanta inveja de você. Adoraria não ter nada para fazer o dia todo”.

Emily franziu o cenho. “Eu trabalho”, falou, apesar de sua respiração curta não lhe permitir elaborar.

“Ah, qual é”, Jayne disse. “Não dá para comparar, né? Um expediente de doze horas num escritório de Nova York comparado a ficar de pernas pro ar numa pousada na praia!”

“Eu trabalho”, Emily disse, com mais firmeza. “E não fico de pernas pro ar”.

Jayne olhou para a amiga. “Está vermelha de raiva de mim ou por causa da corrida?”

“As duas coisas”, Emily balbuciou.

Jayne parou. Emily fez o mesmo. Ela se inclinou e agarrou os joelhos, respirando fundo.

“Não quis dizer que você não trabalha”, Jayne disse, seu tom parecia um revirar de olhos audível. “Só quis dizer que a vida aqui tem, claramente, um ritmo mais lento. Estou dizendo que tenho inveja de você. Isso é uma coisa boa!”

Emily se endireitou. Era assim que ela e suas amigas costumavam expressar afeto, tendo inveja umas das outras? O que havia de errado em apenas apoiar os planos da amiga, ao invés de se comparar constantemente para ver quem estava no topo a cada momento?

“Talvez seja a hora de voltar”, Emily disse.

“Porque está chateada comigo?” Jayne disse, dessa vez, realmente revirando os olhos.

Emily balançou a cabeça, apesar disso ser ao menos cinquenta por cento da razão. “Porque estou exausta”, falou. “Vamos fazer mais 3 km, então, vamos voltar”.

Emily balançou a cabeça. “Não posso correr 16 km, Jayne. Vai me matar. Estou feliz por ter chegado até aqui”.

Jayne pareceu chateada por ela estar encurtando a corrida. “Tudo bem. Vamos voltar. Almoçamos numa cafeteria?”

Emily pensou no restaurante de Joe, um dos poucos da cidade abertos durante o dia. “Claro”, falou, desconfortável com a ideia de levar Jayne para um lugar que ela sabia que a amiga iria odiar, um que iria apenas solidificar sua visão de Sunset Harbor como uma cidade pequena e chata.

Enquanto corriam de volta por onde vieram, Jayne falou o tempo todo: sobre o último editorial da *Vogue*, um novo filme de suspense que havia visto no cinema, a nova coleção de verão de seu estilista favorito...

Emily apenas deixou-a falar. Percebeu que não era necessário responder, de toda forma.

\*

Mais tarde naquela noite, enquanto as duas estava sentadas lado a lado na sala de estar bebendo vinho, Jayne parecia inquieta. Havia comido waffles e tomado café na lanchonete de Joe – apesar de Jayne ter inicialmente pedido um *cortado*, deixando o velho homem confuso –

então, comprou uma cesta cheia de vegetais verdes folhosos no mercadinho de Karen para preparar suco verde em casa, porque não havia nenhum lugar na cidade que os vendesse. “Você deveria abrir uma casa de sucos!” Jayne exclamou. “Iria bombar!” Emily nem se importou em explicar que uma cidade como Sunset Harbor tinha muito pouca demanda por uma casa de sucos.

Depois, Emily preparou omeletes espanholas para o jantar, usando ovos frescos de Lola e Lolly, percebendo o quanto Cynthia tinha toda razão sobre as pessoas adorarem a ideia de terem ovos orgânicos, mas não gostassem de ver as aves que os produziam.

Jayne havia mudado de roupa duas vezes durante o dia. Uma vez para pôr sua roupa de corrida, e novamente para o jantar. Agora, estava usando um lindo vestido preto, que lembrava muito o vestido que Emily estava usando na noite em que terminou com Ben. Ela mesma estava vestida casualmente com jeans e um suéter; não lhe ocorreu mudar de roupa para o jantar.

“Então, o que posso fazer enquanto estou aqui?” Jayne perguntou assim que se sentaram na sala, com sua garrafa de vinho. “Onde ficam os melhores clubs? Lounges? Shows?”

Emily começou a rir. “Tem um barzinho na cidade, mas fecha às oito da noite”.

O queixo de Jayne caiu com o choque. “Está me dizendo que não há nada para fazer à noite aqui?”

“Há muitas coisas para fazer”, Emily replicou. “Mas não tem balada. Pode-se fazer trilha, andar de bote, esse tipo de coisa”.

“Trilhas? Botes? É disso que você gosta agora?”

Emily ficou tensa. Jayne estava começando a falar como Amy.

“O que importa do que gosto agora?” falou, na defensiva. “Estou feliz. Isso não importa nada?”

Jayne tocou o joelho da amiga. “Não quero ser maldosa”, ela disse. “É só que você mudou tanto que não consigo deixar de pensar que é por causa do cara novo que arranjou. Conheço você durante toda a sua vida amorosa e precisa admitir que tem o hábito de mudar para os homens...”

“Não é isso!” Emily rebateu. “Eu não mudei por Daniel. Posso ter mudado por causa dele, mas isso é inteiramente diferente. E se algo me mudou mais, foi esta pousada. Não vê que tenho muito mais propósito na vida agora, pois tenho algo pelo qual trabalhar duro?”

Jayne recuou. “Posso”, admitiu. “Você parece bem. Saudável. Mas, da nossa perspectiva, sabe, as amigas que abandonou, parece muito que está simplesmente fugindo de seus problemas”.

Emily ficou séria. Não podia negar que foi realmente assim que tudo começou. Havia fugido do apartamento que compartilhava com Ben e passado os dias mais horrendos da vida na casa decadente sob um inverno difícil, apenas para não ter que enfrentar nenhum de seus problemas. Mas tudo havia mudado desde então. A casa não era mais uma fuga para ela, era seu futuro. E não queria mais nada no mundo a não ser ver o seu sucesso.

“Por que não volta um pouco para Nova York?” Jayne perguntou, gentil. “Passe um tempinho na cidade novamente. Ver como se sente agora”.

Emily cruzou os braços. “Minha mãe armou para você fazer isso?”

“Não!” Jayne suspirou. “Só quero minha amiga de volta, Em. É tão difícil de entender?”

Não era. Mas o que Jayne parecia não entender era que sua velha amiga não existia mais. A antiga Emily havia mudado, se transformado nesta nova mulher sentada na frente dela.

“Veja”, falou, com um suspiro. “Estou feliz aqui. Tenho um objetivo, uma paixão, pelo menos. Estou determinada a fazer isto dar certo”.

“Dá para ver”, Jayne replicou. “Mas você nunca teve uma pousada antes. Não tem nenhuma experiência e...”

“Ah, aqui vamos nós”, Emily interrompeu. “Pensei que tivesse vindo aqui me dar apoio. Mas está apenas duvidando de mim como todo mundo fez minha vida inteira”.

“Em”, Jayne disse, com um tom persistente, “eu me preocupo com você. É só isso. Acha mesmo que vai dar certo?”

Algo nas palavras dela fez Emily hesitar. Só conseguia expressar suas dúvidas para Daniel. Para todas as outras pessoas, ela se mostrava sempre animada, projetando a imagem de uma mulher determinada, imbatível.

“Para ser sincera, não. Não acho que posso fazer isto dar certo. O mundo está contra mim e não tenho o talento, nem a força da convicção. Mas não vou cair sem lutar, Jayne. Se houver um por cento de chance de eu fazer isto dar certo, tenho que tentar. Tenho que saber que fiz absolutamente tudo em meu poder para ser bem-sucedida. É a única forma de poder caminhar de cabeça erguida novamente”.

Janey levantou as sobrancelhas. “Uau”, ela falou. “Nunca lhe vi falar assim sobre nada. Nem mesmo sobre Ben, e você era muito determinada a fazê-lo casar com você.”

Emily apenas deu de ombros. “Como eu disse, finalmente, tenho uma paixão”.

“Posso ver”, Jayne replicou. Parecia momentaneamente derrotada, ou pelo menos, como se seus medos tivessem sido, de algum modo, apaziguados.

“Vamos”, Emily disse. “Deveríamos estar aproveitando a noite, não discutindo. Vamos preparar coquetéis. Sentar no terraço e admirar o pôr-do-sol. O que me diz?”

“Você quer dizer que não preciso ir para um club para me divertir?” Jayne brincou.

Emily riu, aliviada por aquela conversa sem graça finalmente ter acabado. Preparou uma jarra de mojitos e as duas foram se sentar no terraço. À medida que a noite avançava, falaram sobre coisas mais alegres, a jarra de mojitos entre elas se esvaziando cada vez mais, enquanto suas risadas se tornavam cada vez mais altas.

Emily estava com o corpo dobrado, rindo histericamente de uma piada que Jayne havia acabado de contar quando sentiu a mão da amiga subitamente agarrar seu braço. Olhou para ela. O rosto de Jayne havia se transformado e estava, subitamente, pálido.

“O quê?” Emily perguntou. “O que foi?”

Jayne apontou para o final do caminho que dava para a casa. Quando Emily olhou para onde ela apontava, notou faróis iluminando o cascalho. Então, seu olhar finalmente parou no carro de polícia e nos dois policiais caminhando lentamente em sua direção.

# CAPÍTULO NOVE

Uma onda de náusea subiu até a garganta de Emily. A primeira coisa que pensou foi em Daniel, temendo que ele tivesse entrado numa briga durante um de seus passeios pelos penhascos. Quando tentou pôr o drinque na mesa, percebeu que sua mão tremia...

Mas então notou que os policiais não estavam sozinhos. Havia alguém caminhando ao lado deles, que era muito familiar para Emily. Trevor Mann.

Emily lamentou-se alto. “É só meu vizinho”, falou para Jayne, com um imenso suspiro de alívio. “Provavelmente, reclamou do barulho”.

Jayne levantou uma sobrancelha. “Está brincando? Os tiras vieram porque um velho não gosta do som de duas mulheres cacarejando?”

Emily riu, sentindo a ansiedade se dissipar. “Vamos apenas sorrir com doçura, pedir desculpas, e então terminar nossos drinques dentro da casa”.

Jayne balançou a cabeça. “Sunset Harbor é um lugar esquisito! Você precisa sempre obedecer aos caprichos de seus vizinhos?”

“No momento”, Emily explicou. “Não tenho energia para brigar com Trevor, assim como para tentar manter a pousada funcionando. Ele tem muitos contatos. O melhor é simplesmente tentar acalmá-lo”.

Emily observou enquanto as três figuras se aproximavam da casa. Mas então franziu o cenho quando notou outro carro estacionar, um carro muito familiar para ela. Era o carro do prefeito. Quando parou, o prefeito Hansen e Marcella saíram.

“O que ele está fazendo aqui?” Emily disse em voz alta enquanto assistia aos cinco se reunirem.

Juntos, como um grupo, caminharam até a casa. Trevor ia na frente, parecendo orgulhoso, com o peito estufado. As expressões dos outros poderiam ser descritas apenas como envergonhadas.

“O que está havendo?” Emily disparou, de pé, dirigindo a pergunta sobre a cabeça de Trevor e na direção do prefeito Hansen.

É claro que não fez diferença para quem ela havia se dirigido; foi Trevor quem respondeu.

“O que está havendo, Srta. Mitchell, é que você está violando as normas que regulam o uso de placas nesta cidade”.

Atrás, Jayne cuspiu seu drinque, com uma risada. Emily se virou e mandou-a fazer silêncio.

Trevor continuou, sua voz ainda mais séria e pomposa graças à gozação de Jayne. “Sua placa precisa ser retirada imediatamente ou você pagará uma multa de cem dólares por dia em que permanecer no lugar”.

Os dois policiais avançaram, como para remover a placa.

“Mas, espera um pouco”, Emily disse, levantando as mãos para detê-los. “Do que está falando? Prefeito Hansen?”

O prefeito estremeceu, constrangido. “Temo que ele tenha razão, Emily. Você precisa de uma permissão especial para a placa. A menos que seja removida, você será multada”.

Marcella puxou rapidamente um pedaço de papel de sua prancheta e o empurrou na direção de Emily. “Esta é sua notificação para remoção da placa”. Então, acrescentou rapidamente, “E eu também lhe trouxe um formulário para fazer o pedido para recuperá-la”.

“Obrigada”, Emily disse, atônita, pegando os dois papéis. Ela deu uma lida no formulário. “Aqui diz que leva um mês para o pedido ser aprovado. Quer dizer que vão remover minha placa por trinta dias?”

“Ou levará uma multa de três mil dólares”, Trevor acrescentou, arrogante. “Deveria ter feito seu dever de casa antes de decidir abrir este lugar”.

“Ah, é isso”, Emily disparou. “Você passou o final de semana inteiro procurando maneiras de me ferrar. Isto foi a única coisa que encontrou, não foi? Você é um homenzinho mesquinho, Trevor. Um miserável triste e patético”.

“U-huu!” Jayne gritou, rindo. “Diga a ele, Em!”

Trevor parecia ter chupado um limão. Mas pôs as mãos nos quadris, permanecendo firme. Emily olhou suplicante para o prefeito Hansen.

“Não vai deixá-lo fazer isso, vai?” implorou.

Ao invés do prefeito, foi Marcella quem falou. “Ele não pode driblar a lei por você, Emily. Sinto muito, mas regras são regras”.

“Jesus!” Jayne gritou, do terraço. “Você precisa tirar esse pau do rabo, moça. Tome, beba um mojito”. Ela ofereceu o copo na direção de Marcella, deixando cair a maior parte do conteúdo ao fazer isso. Marcella pareceu indignada e nem se preocupou em responder.

Nesse momento, Emily notou as luzes acenderem na casa anexa. Daniel deve ter sido perturbado pelo barulho. Os dois policiais começaram o trabalho de remover a placa e Emily observava, sua atenção dividida entre eles e Daniel, que já estava se aproximando.

“Que diabo é isto?” Daniel disse, ao chegar até eles. Parecia furioso.

“Eles estão removendo minha placa”, Emily disse, com um suspiro. “Quebrei algum tipo de norma”.

“As normas de sinalização do código municipal”. Trevor Mann sibilou.

Daniel olhou para ele com frieza, e então focou sua atenção, como Emily havia feito, no prefeito, que parecia impotente. “Por que está deixando-o fazer isso, Derek?” perguntou.

O prefeito Hansen pareceu ainda mais desconfortável.

“Ele não pode mudar as regras”, Marcella disse, repetindo as próprias palavras.

“Não perguntei a você”, Daniel disparou. “Estou perguntando a ele”. Então encarou Derek Hansen novamente.

“Quer recuar um pouco, senhor?” um dos policiais disse, aproximando-se de Daniel.

“Daniel”, Emily avisou. Podia notar pela postura dele que estava parecendo ameaçador, e que, com sua ficha criminal, tinha realmente que tomar cuidado. Ameaçar o prefeito da cidade não ficaria nada bem.

Daniel deu um passo para trás, mas ainda estava fumegante. “E você, cretino”, disse, apontando para Trevor. “Tem muita coragem. Vem aqui pelo quê, uns dois meses por ano, e decidiu usá-los para derrubar alguém? Espero que esteja orgulhoso de si mesmo!”

“Na verdade, decidi me mudar de vez para cá”, Trevor disse, cruzando os braços. “Percebi que esta querida cidadezinha precisava de uma vigilância mais consistente para garantir que tais regras e normas sejam cumpridas”.

Até os policiais pareciam irritados com Trevor. Mas fizeram seu trabalho de toda forma, mantendo uma distância de segurança entre Trevor e Daniel.

A raiva de Daniel estava começando a chegar no ponto de ebulição. Emily ficou preocupada que a polícia pegasse pesado com ele, o que era a última coisa que queria que acontecesse.

“Venha”, disse a ele, suavemente. “Vamos entrar”. Pôs a mão nas suas costas e subiu com ele os degraus do terraço.



“Não acredito nisso”, Daniel rosnou sobre o ombro. “Você é um covarde, Derek. Sabia disso?”

“Shhh”, Emily disse. “Jayne”, acrescentou, voltando-se para a amiga, “vamos continuar aqui dentro”.

Jayne pegou a jarra e os copos de mojito e seguiu Emily e Daniel para dentro da casa, cambaleando.

Assim que se viu dentro da pousada, Emily se voltou para Daniel, precisando do conforto dele agora mais do que nunca. Daniel já sabia exatamente o que fazer. Envolveu-a em seus braços fortes e a abraçou. Emily pressionou o rosto em seu peito e apertou os braços ao redor do torso dele. Podia ouvir seu coração batendo com raiva, e podia sentir o calor que emanava do seu corpo.

“Não acredito nisso”, ela murmurou. “Como vou conseguir clientes sem uma placa? Ninguém poderá me encontrar”.

Daniel deu um beijo protetor, firme, no topo da cabeça dela. “É apenas por um mês. Você consegue”.

“Não, não consigo”, Emily balbuciou. “Um mês sem nenhuma forma de divulgação é tempo demais para a pousada”.

“Você só precisa usar a criatividade. Faça anúncios online. Dê instruções bem claras sobre como chegar. Vai ficar tudo bem. Confie em mim”.

“Talvez, eu devesse ir”, Jayne subitamente entrou na conversa. Estava de pé, imóvel, parecendo sem graça. “Parece que você tem muitas coisas a resolver aqui”.

“Não”, Emily disse, tocando no braço da amiga, subitamente percebendo que Jayne havia sido deixada de fora. “Está tudo bem. Estou apenas chateada com meu vizinho. Vou me acalmar um pouco e preparar outra jarra de mojitos”.

Jayne deu um sorriso amarelo. “Sinceramente, Em, está tudo bem se não tem tempo para mim com todo esse drama sobre a placa acontecendo. Posso voltar para Nova York”.

Agora, era Daniel que parecia sem graça.

“Não é 'drama'”, Emily disse. “É meu negócio. Meu meio de vida”.

“Claro, claro”, Jayne disse, parecendo mais desinteressada do que nunca. “Só quero dizer que pareço estar atrapalhando. E nem existe um bar ou clube para onde eu possa fugir”.

“Você quer fugir?” Emily disse.

“Não quis dizer isso”, Jayne suspirou. “Quero dizer que sinto como se você precisasse de seu próprio espaço para fazer as coisas da pousada. Não preciso ir a lugar nenhum. Poderia apenas ficar por aqui e assistir TV, mas não tem, então, não sei aonde ir para me ocupar enquanto você está resolvendo essas coisas”.

“Não dê para trás agora”, Emily disse. “Posso ler nas entrelinhas, não que suas opiniões não fossem bem claras, para começar. Isto não tem nada a ver com você querendo me dar espaço. Só está entediada”.

“Não foi o que eu disse”, Jayne começou a protestar.

“Mas foi o que quis dizer”, Emily disparou de volta.

Jayne ficou parada, atônita. Por fim, falou, “Vou dormir. Não se preocupe com o café da manhã. Vou partir cedo”.

Subiu as escadas enquanto Emily observava, sentindo um buraco no estômago, enquanto ela desaparecia.

Daniel veio atrás dela e tocou de leve seu ombro. Emily segurou a mão que ele havia posto lá, precisando dela para equilibrá-la agora mais do que nunca.

“Você está bem?” ele disse, suavemente, em sua orelha.

Ela balançou a cabeça, ainda olhando para a escada. “Na verdade, não”, murmurou de volta.

“Vai ficar tudo bem”, ele acrescentou, muito calmo, como a voz da razão acalmando a tempestade de pensamentos e emoções que tomaram conta da mente dela.

“Vai?” ela sussurrou, tão baixo que era quase inaudível.

Mais do tudo, Emily queria acreditar em Daniel, mas desta vez, sentia-se pior. Podia sentir em seus ossos, aquela sensação de que tudo estava terminando, como se tudo desabasse sobre ela. Havia investido tudo que tinha na pousada e não podia nem mesmo fazer sua velha amiga ficar mais do que uma noite. Com o coração pesado, Emily percebeu que estava na beira do fracasso, e que seu sonho estava se transformando num pesadelo.

# CAPÍTULO DEZ

## *TRÊS SEMANAS DEPOIS*

Emily estava sentada na cozinha com Mogsy e Chuva, quando ouviu a campainha. As orelhas dos cães se levantaram e Emily ficou alerta. Desde que a placa havia sido removida, não havia tido um único hóspede. As pessoas não confiavam numa pousada sem placa, e ela não podia compreender perfeitamente por quê. Sua casa se parecia com qualquer outra casa da rua. É... ela também não confiaria.

Esta era a primeira vez que alguém tocava a campainha desde que a placa havia sido removida. Correu animada até a porta e a abriu. Dois rapazes usando camisas alvas muito bem bem passadas estavam de pé no batente. Sorriram para ela.

“Oi”, Emily disse. “Estão procurando um quarto?”

O sorriso impecavelmente branco dos dois ficou mais largo. “Na verdade”, um disse, com um sotaque canadense, “estamos aqui para falar com você sobre fê”.

“Ah”, Emily disse. Ela notou então os panfletos nas mãos deles. “Eu, hum... bem, estou contente com minha... crença atual”. Ela queria ser educada, mas estava muito desapontada pelos dois rapazes não estarem ali procurando um quarto. Queria que fossem embora o mais rápido possível. “Quero dizer, não estou buscando... me tornar um... outro... ser superior. Tudo bem?”

Os rapazes pareceram confusos. Eles trocaram um olhar. “Podemos deixar alguns panfletos?”

“Claro”, Emily disse. Ela pegou os papeis coloridos e ilustrados das mãos deles.

“Podemos voltar outro dia para falar com você?” o segundo garoto acrescentou.

“Humm... não”. Emily não queria ser tão ríspida, mas não podia ter pessoas solicitando sua atenção o tempo todo, poderia perturbar o negócio. “Desculpe”.

Mesmo quando fechou a porta na cara dos rapazes, o sorriso deles não diminuiu.

Ela se sentiu mal por dispensá-los e subiu para o andar de cima, onde Daniel estava dando os toques finais no mais novo quarto redecorado. Estava ótimo. Se pelo menos pudese conseguir alguns hóspedes para encher o lugar.

“Quem estava chamando?” Daniel perguntou, enquanto afofava os travesseiros.

“Era um chamado religioso”, Emily disse, melancólica, apoiando o ombro contra a moldura da porta.

“Ah”, Daniel falou. “Pensei que podia ser o fotógrafo”.

“Ele vai vir amanhã”, Emily replicou.

Agora, a pousada tem três quartos mais caros e sete com um preço mediano. Cynthia explicou que cada um precisava de uma foto para o site e uma descrição do que oferecia. Emily estava reticente sobre contratar alguém para criar o site e pagar para um fotógrafo tirar fotografias profissionais, quando não estava entrando dinheiro, mas lembrou a si mesma que tinha que fazer esse esforço agora se queria ser recompensada a longo prazo.

Ainda assim, o Quatro de Julho estava cada vez mais perto e não havia sinal dos hóspedes de que precisava para encher a casa e manter o negócio funcionando.

“Acho que precisamos começar os outros quartos, agora que estes estão prontos”, Emily disse.

“No terceiro andar?” Daniel perguntou.

“No terceiro andar”, Emily disse, assentindo com decisão.

Ela quase não tinha estado no terceiro andar da casa. Ninguém havia, nem mesmo quando sua família passava as férias. Emily estava evitando-o porque sabia que encontraria tudo do mesmo jeito que a casa estava quando chegou aqui; decadente, coberta de teias de aranha e repleta de lembranças.

“Quer que eu ajude?” Daniel perguntou.

“Claro”, Emily disse. A ajuda de Daniel era muito valiosa para ela. Não sabia se teria chegado tão longe se não fosse por ele e seu otimismo inabalável, sem mencionar sua habilidade de levantá-la todas as vezes em que caía. “Exceto que acho que vai ter muita coisa para separar. Coisas de família, sabe?”

Daniel assentiu. O processo de desentulhar o térreo foi demorado, ainda mais quando Emily descobria uma foto ou documento, ou uma antiga relíquia de família. Que também havia tais tesouros no terceiro andar não restava dúvida.

Daniel beijou Emily demoradamente. “Vejo você esta noite?” perguntou.

“Pode apostar” Emily replicou.

A única coisa boa em não ter hóspedes era que Daniel e Emily podiam passar tempo em cada um dos quartos. De algum modo, em meio a todo o trabalho, conseguiram encontrar tempo para encontros à noite e manhãs preguiçosas na casa. E, apesar do saldo bancário de Emily estar diminuindo, e da crescente sensação que o tempo da pousada estava se esgotando, o namoro deles parecia cada dia mais forte.

Daniel saiu e Emily foi para o terceiro andar, para começar a dolorosa tarefa de separar as antiguidades das meras bugigangas cobertas de pó, o lado sentimental da acumulação.

Os quartos no topo da casa devem ter sido, originalmente, projetados para empregados. Eram do tamanho perfeito para transformá-los nos quartos mais baratos, aconchegantes, pitorescos, que Cynthia havia dito que a pousada tinha que ter. Barry devia chegar no final da semana para começar a trabalhar no encanamento das suítes, então, era essencial que ela organizasse os quartos e os limpassem antes.

O primeiro quarto que Emily entrou estava vazio, exceto por uma mesa perto da janela e uma cadeira. As persianas estavam quebradas, o papel de parede, descascando, e uma colônia inteira de aranhas havia transformado o cômodo em seu lar. Ela estremeceu e fechou a porta novamente. O quarto seguinte estava num estado parecido de abandono. Não tinha nada dentro, exceto um poltrona de couro rasgado de frente para a janela, com um banquinho para os pés na frente e uma mesinha ao lado. Podia imaginar alguém subindo aqui em cima para ler o jornal. A mancha amarelada no teto, logo acima da poltrona, revelava que o leitor de jornal também era fumante.

No terceiro quarto, Emily descobriu uma caixa com os jornais do pai. Seu pai, ela estava percebendo quanto mais explorava a casa, era um homem incrivelmente desorganizado. Parecia ter guardado todo pedaço de papel, carta e documento em algum lugar da casa. E, pior, as coisas que eram realmente valiosas ou preciosas, de algum modo, estavam trancadas em gavetas. Tornou-se algo frequente para Emily tentar abrir uma gaveta e perceber que estava trancada, e então descobrir que nenhuma das várias chaves no chaveiro que encontrou no cofre do escritório dele entravam na fechadura. Provavelmente, havia outro cofre em outro lugar, Emily pensou, com outro molho de chaves, com mais uma centena delas que não abriam nada.

Enquanto remexia na caixa de extratos bancários de décadas atrás, Emily pensou como não havia percebido esse comportamento do pai. Quando ele estava por perto, ela não notava nada dissimulado. Mas quanto mais explorava a casa e separava seus vários pertences, a imagem do

homem que se formava em sua mente era de alguém que se apegava a tudo. Apesar dele parecer lúcido na carta que deixou para ela, encontrada há meses, perguntou-se se seu pai tinha tido alguma doença mental, e que talvez por isso tenha desaparecido. Afinal, encontrou uma prescrição de antidepressivos entre as coisas dele.

Emily afastou esses pensamentos. Ficava desconfortável ao pensar em seu pai dessa maneira, como se, de alguma forma, estivesse desonrando sua memória. E, de todo modo, pensar tais coisas não levava a lugar nenhum. Não havia como saber o que se passava na mente dele sem que o homem em pessoa estivesse ali para explicar. Ruminar sobre isso não a levaria a lugar nenhum.

Emily pôs a caixa de velhos extratos bancários na pilha de itens a serem jogados fora e então foi até o quarto cômodo.

Ele continha mais caixas do seu pai. Algumas estavam rotuladas – Livros de Roy; Jogos de tabuleiro; Jornais 1997-1998 – mas outros eram apenas pilhas de itens aleatórios. Uma caixa estava repleta de vários itens, de uma corrente de bicicleta a alfinetes de roupa. De um candelabro ornamental a um feixe de cabos de computador. Mas então Emily viu algo entre as pilhas de lixo que atçou sua curiosidade.

Não havia luzes no quarto, mas, apesar disso, ela notou algo do outro lado do cômodo que lhe era familiar. Ficou de pé e caminhou até lá, inclinando a cabeça para ver mais claramente.

Enquanto se aproximava, percebeu que estava certa; estava olhando para outro quadro do farol.

Pegou o quadro emoldurado, gemendo com o esforço, então o apoiou contra a parede, do lado certo, de modo que pudesse ver melhor. Neste quadro, o artista tinha pintado o outro lado da ilha, de modo que Sunset Harbor podia ser vista a distância – uma linha fina de luzes e telhados. Ela voltou ao ponto em que tinha achado o quadro e procurou entre todas as molduras. Então, bem atrás, encontrou outro. O mesmo farol, só que este fora pintado à noite, tendo como única fonte de luz o farol em si.

Emily se perguntou quem tinha tanto afeto pela ilha a ponto de pintá-la de tantas formas diferentes. A assinatura parecia R. Wetherby. Ou era A. Westerly? Não dava para saber.

Ela colocou os dois quadros junto aos demais itens que iria manter, o tempo inteiro se perguntando por que seu pai havia comprado tantos quadros quase iguais. Seriam mais evidências de uma mente perturbada, ou era apenas parte de seu comportamento acumulador – para que ter um quadro, quando poderia ter seis? Ou podia ser outra coisa? O artista deve ser local. Talvez, fosse um amigo? Talvez, uma amante?

Nesse momento, Emily ouviu a campainha lá embaixo. Conferiu o relógio, surpresa com a rapidez com que o tempo havia passado. Ela devia ter preparado o jantar!

Correu os dois lances de escadas e abriu a porta para Daniel.

“Oi!” Ela sorriu para ele, beijando-o na bochecha. “Tenho uma confissão a fazer”.

Ele deu a ela duas sacolas de comida pronta. “Ficou tão absorta em separar as coisas no terceiro andar que perdeu a noção do tempo?” ele perguntou, rindo.

“Você me conhece tão bem”.

Emily recuou um pouco para ele poder entrar. Daniel ainda estava usando sua roupa de couro de motoqueiro depois de ter dirigido de moto até a cidade vizinha para comprar comida, e ele começou a pôr tudo sobre a mesa enquanto Emily servia a comida. Então, levaram seus pratos até a sala de estar e se sentaram na mesa oval ao lado da janela.

“Você conhece alguém chamado R. Wetherby?” Emily perguntou, enquanto usava seus hashis para colocar macarrão em sua tigela. “Ou A. Westerly?”

“Nunca ouvi falar deles”, Daniel replicou. “Deveria?”

Emily deu de ombros. “Não. É só que encontrei mais quadros do farol. Imaginei que o artista devia ser local, para ter voltado e pintado a mesma coisa tantas vezes. Pensei que você pudesse conhecê-lo, se fossem locais”.

“Não, desculpe”, Daniel disse, franzindo o cenho. “Se alguém souber, deve ser o Rico”.

“Isso é verdade”, Emily disse. “Perguntarei a ele da próxima vez que o vir. Apesar de eu esperar que não seja por muito tempo, para ser honesta. Acho que dei boa parte do meu dinheiro àquele homem”.

Daniel riu. “Então, como está lá em cima?”

“No momento, só limpei três quartos completamente. Um quarto tem coisas para vender. O outro tem coisas para guardar. E o outro tem todas as decorações antigas que compramos”.

“Isso parece bem organizado”, Daniel disse.

Neste momento, a atenção de Emily foi atraída por uma luz brilhante do lado de fora da janela. Ao mesmo tempo, os cães começaram a latir com raiva.

“Viu aquilo?” Emily perguntou a Daniel, dando um pulo de sua cadeira e olhando para o céu escuro.

Um momento depois, veio o ribombar do trovão.

“Tempestade de verão”, Daniel disse. “Minha favorita. Por que não nos sentamos no terraço para assistir?”

“Que ideia romântica”, Emily sorriu.

Eles saíram, Mogsy e Chuva seguindo-os de perto em busca de conforto e se acomodando no terraço para terminar o jantar. Toda vez que havia um trovão, Mogsy uivava.

“Você não é um lobo”, Emily disse a ela.

Chuva era ainda mais patético. Subiu no colo de Emily e ficou lá, tremendo.

“Você nasceu numa tempestade como esta”, ela contou para o pequeno filhote, com doçura. “Foi resgatado por esta linda donzela e por um homem forte e corajoso”.

Daniel fingiu flexionar os músculos do braço. Emily riu.

Outro raio rasgou o céu e a chuva começou a cair mais pesadamente. Chuva, o filhote, começou a tremer ainda mais.

“Devíamos levar estes dois para dentro”, Emily disse. “Um dos quartos lá de cima tem uma bela vista do oceano. Poderíamos assistir à tempestade de lá”.

Eles colocaram os cães em sua cesta na área de serviço, e então subiram para o terceiro andar. Emily levou Daniel até o quarto com o teto manchado, a poltrona de couro e o banco para os pés. Daniel sentou na cadeira e puxou Emily para seu colo. Juntos, eles olhavam para a grande janela fustigada pela chuva enquanto flashes de luz explodiam pelo céu.

“Isso me faz querer tirar fotografias novamente”, Daniel falou.

“Talvez devesse”, Emily replicou.

“Nada. Isso ficou para trás”, ele disse. “Acho que nem tenho mais uma câmera de verdade. E, de todo modo, tenho coisas mais importantes sobre as quais pensar agora”. Ele a beijou suavemente.

Outro raio luminoso explodiu sobre o mar. A chuva que castigava a janela se tornou ainda mais forte.

“O céu está mesmo vindo abaixo”, Emily disse, sentando-se, subitamente preocupada. “Acha que vai se transformar numa tempestade como aquela que destruiu o prédio anexo?”

Daniel beijou o nariz dela. “Tenho quase certeza que alguém da cidade teria me dito se uma tempestade estivesse a caminho. Você sabe como eles são”.

Emily se acomodou, descansando contra o peito dele. Mas não pôde relaxar. Sentou-se

novamente e virou-se para olhar para Daniel com uma expressão preocupada.

“Ouviu isso?” perguntou, esforçando-se para ouvir sobre o barulho de chuva.

“Provavelmente, são apenas os cães arranhando a porta”, Daniel disse.

“Não, é constante demais, ritmado demais”, Emily replicou. Ouviu com atenção, tentando distinguir se podia captar o som fraco, rítmico. “Parece uma goteira”.

Ela saiu do colo de Daniel e ficou de pé, então, entrou no longo corredor escuro. O barulho ficou mais alto no instante em que saiu do quarto. Estava vindo do final do corredor.

Daniel seguiu Emily enquanto caminhava na direção do barulho. Enquanto isso, o som se tornou claro, até que ficar bem distinto.

“MERDA!” Emily gritou enquanto abria a porta do quarto no qual havia guardado inúmeras antiguidades. A água estava descendo em cascata pela parede, do canto do teto. “Um vazamento!”

Daniel e Emily não perderam um segundo, correndo para dentro e tirando os itens do quarto. Tudo que tocavam estava encharcado. Emily tentou não pensar sobre os danos, mas sabia que a maior parte dos itens estava completamente arruinada. Todo aquele dinheiro. Desperdiçado. E, pior, havia um vazamento no telhado. Ela não poderia ter um único hóspede se a casa não estivesse completamente isolada e à prova d'água.

Assim que tudo estava fora do quarto, Daniel não perdeu tempo e foi até o sótão para remendar o teto. Enquanto ele estava lá em cima, Emily foi checar o quarto embaixo daquele em que houve o vazamento. Agora, havia uma mancha marrom-amarelada horrível no teto e descendo pelo canto do novo papel de parede. Emily sentiu seus olhos encherem de lágrimas.

Daniel a encontrou no quarto do segundo andar, um dos mais caros, em que havia investido muito dinheiro.

“Fiz um remendo temporário”, ele disse, quando entrou. “Então, vai segurar durante a noite. Isso vai lhe dar tempo suficiente para chamar um profissional”.

Mas sua voz se tornou mais fraca, baixa, ao perceber o quanto Emily estava devastada.

A tempestada havia arruinado a noite romântica deles, junto com as esperanças de Emily para o futuro.

# CAPÍTULO ONZE

No dia seguinte, o amanhecer revelou aquele tipo de manhã linda que sempre vem depois de uma tempestade. Era tão serena que parecia que o caos e a destruição da noite anterior nunca havia acontecido. De fato, a única evidência de que uma tempestade tinha ocorrido era o especialista em telhados que cobrava cinquenta-dólares-por-hora no alto de uma escada, inspecionando os danos.

“Custa cinco mil dólares para pôr um remendo”, o homem disse, assim que desceu. “Mas não vai segurar por muito tempo, porque as vigas embaixo estão fracas e algumas estão podres. Então, recomendo substituir o telhado todo”.

“Meu Deus”, Emily balbuciou. “E quanto custaria?”

“Cinquenta mil pelo telhado inteiro. Mas você ganha uma garantia de trinta anos”.

“Uma garantia de trinta anos”, Emily falou para si mesma. “Graças a Deus por isso”. Para o homem, ela acrescentou, “há algo que eu possa fazer? Poderia me dar um desconto?”

Ele repuxou os lábios. “Bem, você pode procurar os materiais por conta própria, e então pagar apenas pela mão de obra. São as telhas de ardósia que custam mais, sabe. Não é fácil conseguilas. É claro que você poderia usar um tipo de material diferente, mas não combinaria com o estilo da propriedade”.

“Que outro tipo de material?”

“Poderíamos usar telhas *shingle* ou betume. São muito mais baratos. Tome”. Ele lhe passou um panfleto. “Estas são todas as opções e preços”. Então, virou o papel. “Este é meu número direto. Basta ligar quando quiser fazer o trabalho”.

Emily pegou o panfleto sem muita vontade. “Obrigada por vir”, murmurou. “Entrarei em contato”.

Com isso, levou-o até sua van. Enquanto o homem ia embora, ela notou Trevor Mann no jardim dele, observando-a com um sorriso sinistro nos lábios.

Emily voltou rapidamente para dentro da casa, sem querer lidar com nenhuma das perguntas de Trevor no momento. No segundo em que a porta se fechou, liberou sua tensão respirando fundo. Enquanto sua máscara de profissionalismo caía, o terror e a depressão que Emily sentia se intensificavam.

Nesse momento, alguém bateu na porta da frente. Emily trincou os dentes. Não estava com humor de aguentar Trevor.

Bateram novamente.

“Emily?” ela ouviu Daniel chamar, do outro lado. “Está aí?”

Ela se virou e abriu a porta. “Desculpe, pensei que fosse Trevor”.

“Não vou perguntar por quê”, Daniel disse, franzindo o cenho. “Foi o especialista em telhados que acabou de ir embora?” Ele apontou com o polegar sobre o ombro.

“Ah-han”, Emily disse, seu lábio inferior começando a tremer.

“Acho que não tem boas notícias”, Daniel disse.

“Não”, foi tudo que Emily conseguiu responder. Ela podia sentir lágrimas quentes encherem seus olhos, ameaçando se derramar.

“Venha se sentar”, Daniel disse, levando-a até o sofá.

Há apenas três curtas semanas, ela estava cheia de esperança sobre o futuro da



pousada. Pensar que houve uma época em que sua maior preocupação era que seu hóspede havia ido embora antes do café da manhã! Ela daria qualquer coisa para ter o Sr. Kapowski de volta, se isso significasse um pouco de fluxo de caixa.

“De quanto estamos falando?” Daniel perguntou suavemente, sua mão ainda envolvendo a dela.

“Cinco mil por um remendo. Cinquenta mil pelo telhado inteiro, vigas e tudo”.

Daniel assoviou. “Uau. Certo. É tão ruim assim?”

Emily pressionou os lábios e assentiu. Era uma dia quente, mas ela se sentia fria como gelo.

“Por que isso tinha que acontecer logo depois de eu ter despejado todo o meu dinheiro naqueles móveis antigos?” ela perguntou.

“Bem”, Daniel disse, “porque o destino é cruel. E a vida seria fácil demais de outro modo”. O gracejo dele não fez efeito. Emily estava deprimida demais para rir.

“Podemos lidar com isso”, ele disse. “E se vendêssemos a casa onde moro?”

“Não podemos fazer isso”, Emily refutou imediatamente. “É sua casa”.

“Eu venho morar com você”.

Emily balançou a cabeça. Não porque não quisesse morar com Daniel – queria muito – mas porque desejava fazer isso sob circunstâncias mais felizes, por escolha, ao invés de por necessidade.

“Estou emocionada”, disse a ele. “Estou mesmo. Seria um imenso sacrifício de sua parte. Mas tenho que recusar”.

Daniel não a pressionou. “Bem, então, por que eu não arrumo um segundo emprego? Poderia usar o dinheiro para pagar pelo conserto”.

Emily estava profundamente tocada pelas sugestões de Daniel, mas não queria que ele se sacrificasse tanto por ela. Queria que ele continuasse a viver sua vida como bem entendesse, e não para satisfazer suas necessidades. Aquilo com certeza iria criar ressentimento e ela não queria correr o risco, ainda mais agora, quando tudo entre eles estava tão perfeito.

Apesar de estar mais preocupada do que nunca com seu negócio, Emily recusou a oferta de Daniel.

“Vamos achar outro jeito”, disse a ele, apertando sua mão.

Mas o que seria, Emily não tinha ideia.

Nesse momento, a campainha tocou.

“Certo, desta vez, definitivamente, é Trevor”, Emily disse, com um gemido, enquanto se levantava do sofá.

Ela se dirigiu à porta da frente. Mas quando a abriu, não foi Trevor que encontrou de pé no batente.

Foi sua mãe.

# CAPÍTULO DOZEE

Emily estava frente a frente com sua mãe pela primeira vez em quase um ano. Piscou, atônita, como se estivesse vendo um fantasma. Apesar das dificuldades em seu relacionamento, Emily amava sua mãe e sempre ficava feliz em vê-la. Sorriu...

“Então é verdade”, sua mãe disse, sem se importar com nenhum tipo de saudação. “Tive que saber de um dos caipiras que minha filha estava aqui. Você sabe que eu sabia que você havia deixado Nova York, mas vir para cá, dentre todos os lugares do mundo!”

Emily se sentiu murchar. Sua mãe estava na ofensiva. Ela tinha buscado refúgio justo na casa que pertencia a seu pai, o homem que abandonou a família sem uma palavra. Devia ter imaginado que sua mãe ficaria lívida quando descobrisse, que essa visita surpresa não era a lazer.

“Eu... Desculpe, não deu para contar”, Emily começou, tentando ser diplomática.

“Não deu para contar?” Sua mãe falou com ar de reprovação, incrédula. “Diga-me, Emily, quando esperava me dizer? No ano que vem? Um ano depois?”

“Mãe...” Emily disse, com um grande suspiro, mantendo a voz calma, mesmo que, por dentro, se sentisse numa montanha-russa. “Posso explicar, se me der uma chance”.

“Adoraria que você me explicasse”, sua mãe disse, ríspida. “Nada me agradaria mais do que você me dizer o que diabos está fazendo aqui”.

Emily sentia a raiva e a frustração crescendo dentro dela. Permaneceu no limiar da porta, mantendo uma barreira entre a casa e sua mãe.

De cima do ombro, Emily ouviu Daniel chamar, “Quem é?”

“Ninguém”, ela gritou de volta. “Deixe comigo”. Mas quando olhou novamente para a mãe, sua expressão estava mais furiosa do que nunca.

“Não é 'ninguém’”, ela disparou. “É a mãe dela!”

Gritou a última frase na direção do interior da casa. Emily estremeceu.

“Quem está aí com você?” sua mãe acrescentou, curiosa.

“Não é da sua conta, mãe”, Emily disse, sem paciência. “Veja, não quero ser grosseira, mas está tarde e quero dormir. Desculpe por não ter mantido contato, mas ligo para você amanhã de manhã bem cedo e explico tudo, certo?”

“Ah, não”, sua mãe replicou. “Não vou engolir essa. Quero que me deixe entrar. Faz quase um ano que não nos vemos e você parece ter criado uma vidazinha secreta neste lugar horrível que seu pai amava tanto. Daqui a pouco, vai me dizer que ele está morando aqui também!”

Emily balançou a cabeça, magoada por sua mãe ser tão insensível ao ponto de arrancar a casca daquela ferida em especial.

“Estranho”, Emily disse, “papai ainda é considerado uma pessoa desaparecida”.

Sua mãe apertou os lábios. “Vai me deixar entrar ou não?”

Emily vacilou, sentindo que não tinha escolha. Não queria deixar sua mãe raivosa e caótica entrar no mundo aconchegante e feliz que havia criado. Não queria que Daniel tivesse uma má impressão ao conhecê-la. Mas era sua mãe, estava tarde, e não podia deixá-la parada no batente da porta.

“Tudo bem. Entre. Imagino que temos muito para conversar”.

Emily guiou sua mãe até a sala de estar. Daniel se levantou imediatamente do sofá quando elas entraram, passando as mãos sobre o tecido do jeans, sem graça.

“Daniel”, Emily disse, “esta é minha mãe”.

“Patricia”, sua mãe falou, apresentando-se e esticando a mão. “Quem é você?”

“Eu sou... humm...” Daniel olhou suplicante para Emily, sem saber direito o que devia dizer.

“É meu namorado, mãe”, Emily falou, por fim. Era a primeira vez que se referia a ele dessa forma. Esperava que não se assustasse. Afinal, já tinha dito que o amava e ele não saiu correndo para as montanhas. Além do mais, se algo iria assustá-lo, seria este encontro com sua mãe.

“Devo ir embora?” Daniel sussurrou apressadamente para Emily.

“Posso ouvir você”, Patricia disse. “E não, não vai embora. Vai ficar e me dizer o que diabos está acontecendo na vida da minha filha, já que ela mesma não é capaz disso. Emily Jane, você vai pegar um pouco de gim e tônica para nós, não vai?”

Emily hesitou, sem querer deixar Daniel sozinho numa sala com sua mãe psicologicamente frágil. Mas ele lhe deu um olhar de que estava tudo bem, um que parecia dizer, “posso lidar com isto”.

Ela saiu e preparou o gim, surpresa por notar que suas mãos estavam tremendo. Esse tempo todo, pensou que Sunset Harbor a estava mudando, mas ali estava ela, ainda tremendo como uma criança só por causa da língua afiada da mãe. Tentou não se censurar demais enquanto levava a bandeja de drinques para a sala de estar; sua mãe provavelmente iria censurá-la por duas.

“Então, agora você tem cachorros, não é?” sua mãe disse, assim que Emily voltou.

Da porta, ela olhou para Daniel. Ele mexeu os lábios para dizer *desculpe*.

Emily colocou a bandeja sobre a mesa. “Sim”, disse, tentando parecer animada. “Dois. Mogsy era uma cadelinha de rua que resgatamos e Chuva foi o menor de sua ninhada. Gostaria de conhecê-los?”

“De jeito nenhum”, sua mãe replicou, pegando o drinque. “Sabe que odeio cães. Criaturas nojentas”.

Emily se sentou ao lado de Daniel e pegou a gim com tônica mais forte antes de beber rapidamente. Precisaria de muita coragem para enfrentar as próximas horas.

“Então”, sua mãe começou, inclinando-se para a frente, “o que pude extrair de Daniel é que você se considera uma empresária agora. Transformou minha casa numa pousada”.

Emily engoliu em seco. “Tcha-ran”, ela disse, fazendo um gesto com os braços.

“Não está conseguindo muitos hóspedes, pelo que vejo”, sua mãe disparou, sem perder um segundo.

Emily podia sentir suas vísceras dando um nó. O desejo familiar de socar sua mãe se acumulou dentro de si, mas lutou contra ele, assim como havia feito todos aqueles anos em que conviveu com a terrível mulher.

“Presumo, a partir do seu silêncio”, sua mãe acrescentou, “que não está indo bem”.

“Os negócios estão um pouco lentos agora”, Emily replicou, tentando manter a voz calma. Parecia que tinha ficado mais aguda. “Estou esperando a licença para colocar uma placa e assim que conseguir, não tenho dúvida de que as coisas vão melhorar”.

Sua mãe apenas deu de ombros, parecendo tão insatisfeita como sempre. Ela bebeu um grande gole de gim. “Sabe que este lugar é meu, não seu”.

Falou isso de maneira tão indiferente que Emily ficou completamente atônita.

“Não, não é”, finalmente conseguiu balbuciar. “Mãe, sempre odiou esta casa. Nem vinha conosco passar férias aqui. Mas agora que está reformada, a quer?”

“Nada disso importa”, Patricia disse com frieza. “Seu pai deixou-a para mim”.

“Está errada” Emily rebateu. “Esta casa estava primeiro na família do papai. Foi deixada para ele. Depois que vocês se divorciaram, foi deixada para mim, não para você. Ele tem documentos

aqui comprovando isso”. Ela os havia encontrado em um dos cofres do pai e rezado para que tivessem sobrevivido ao vazamento recente.

“Ah, mesmo?” sua mãe disse, rindo. “Posso ver esses documentos?”

“Sim”, Emily disse. “Assim que localizá-los”.

Sua mãe levantou uma sobrancelha. “Você perdeu os documentos legais que dizem que esta casa é sua?”

“Não perdi”, Emily disse, sentindo-se sem chão, “só não sei onde coloquei. Estamos reorganizando muita coisa por aqui. Mas sei que estão seguros em algum lugar”. Podia sentir os olhos enchendo de lágrimas. Não queria colapsar ali, especialmente não na frente de Daniel, mas estava furiosa.

“Certo”, sua mãe disse, ficando de pé. “Acho que vou dormir aqui”.

“Dormir aqui?” Emily disse. “Você quer dizer...”

“Bem, eu não dirigi oito horas de Nova York por um mísero copo de gim com tônica, dirigi?” sua mãe replicou.

“Mas estamos no meio da reforma dos quartos para a pousada! Está tudo bagunçado!”

Sua mãe fez um ar de escárnio. “Você não vai me colocar em um de seus quatinhos de pousada idiotas. Vou ficar na suíte principal, fique sabendo”.

“Não pode”, Emily refutou. “É meu quarto agora”.

Sua mãe olhou para ela friamente. “Você pegou meu quarto?”

“Não era seu!” Emily mordeu de volta. A raiva estava crescendo dentro dela. Realmente estava prestes a perder o controle. “Você se divorciou, lembra? Aquele quarto era do papai, e ele não está mais aqui, então agora é meu. Por que isso não faz sentido para você?”

Sentiu a mão de Daniel sobre seu braço, contendo-a, como ela havia feito com ele várias vezes antes.

“Nós dormimos na minha casa”, ele disse, diplomaticamente. “Deixe sua mãe com a suíte principal, se ela quiser”.

“Obrigada, Daniel”, sua mãe disse, suavemente. “Fico feliz em ver que alguém aqui respeita os mais velhos”. E com isso ela subiu as escadas pisando forte, deixando Emily fumaçando no andar de baixo.

Emily tapou a boca para abafar o gemido que estava quase explodindo de dentro dela. Felizmente, Daniel a segurou antes que seus joelhos tocassem o chão. Ele a segurou forte em seus braços enquanto ela procurava por ar, hiperventilando.

“Olhe para mim”, ele disse, pegando seu rosto em suas mãos. “Emily, olhe para mim”.

Ela quase não podia focar, sua mente girando, a respiração curta, arquejante.

“Minha vida...” ela balbuciou. “Está colapsando”.

“Não”, Daniel disse, sério. “Não, não está. Emily. Fique comigo. Não vou deixá-la *apagar* novamente”.

As palavras a pegaram de surpresa. “O quê?” conseguiu dizer. Seus olhos estavam tão embaçados pelas lágrimas que nem podia distinguir os traços de Daniel.

“Apagar. Quando fica perdida no passado e fica parada, em silêncio. Ficou assim no desfile do Memorial Day. E também aconteceu outra vez antes, durante a tempestade. Eu me assustei. Não quero que você desapareça daquele jeito. Não quero que saia da realidade”.

Ele sabia. Daniel sabia o segredo dela.

“Eu tenho flashbacks”, balbuciou. “Do passado. De coisas que bloqueei”.

O rosto dela ainda estava nas mãos dele, seus polegares trabalhando rapidamente para enxugar as lágrimas que caíam pelo seu rosto.

“Você reprimiu o passado e agora ele está voltando”, ele falou, gentil.

Emily se lembrou dos livros de psicologia que havia em sua prateleira, ao lado dos livros de fotografia e de suspense.

“Freud?” ela disse, conseguindo sorrir.

“Ah-hã”, Daniel disse, suavemente. “E agora, com sua mãe aqui, está trazendo tudo à tona. Mas tudo bem. Apenas fique comigo”.

Emily pôs suas mãos sobre as dele.

“Farei isso”, ela disse, sua voz calma agora, quando as lágrimas cessaram. “Vou ficar”.

# CAPÍTULO TREZE

Emily não tinha certeza se conseguiria dormir naquela noite, nem por uma hora. Sua mente estava a mil, pensando sem parar. Ela se sentia hiper, super alerta, sobressaltando-se ao menor ruído.

Assim que o despertador tocou, às 6h da manhã, ela pulou da cama. A última coisa que queria era sua mãe vagando pela casa sem supervisão. Se insistia em estar ali, pelo menos precisava ficar de olho nela.

Vestiu-se rápido e em silêncio, sem querer acordar Daniel. Mas ele se mexeu, de todo modo.

“Está indo?” perguntou, sonolento.

“Preciso alimentar os cães”, ela disse abotoando a blusa. “E as galinhas. E o dragão”.

Daniel sorriu. “Quer que vá com você, para lhe dar cobertura?”

“Sabe de uma coisa?” Emily disse. “Na verdade, seria muito útil se você ficasse de fora disso. Não gosto que veja essa parte da minha vida”.

“Posso lidar com isso”, Daniel replicou. “Minha família é maluca também”.

“Eu sei. E provavelmente você vai evitar ao máximo que eu os encontre”.

“É justo”, ele replicou.

“Vamos”, Emily disse, arrumando os lençóis ao redor dele. “Volte a dormir”. Ela o beijou com ternura.

Emily saiu da casa e se arrastou pelo gramado, abraçando seu próprio corpo com força. Só em saber que sua mãe estava ali parecia macular tudo. As flores silvestres estavam menos coloridas. O tom cintilante e prateado do mar ao fundo não despertou nada nela. Até o canto do pássaros a fez estremecer.

Chegou na casa principal e entrou, caminhando ao longo do corredor até a cozinha, para preparar o café.

“Ai, Jesus!” exclamou ao entrar, pois encontrou sua mãe de pé. “Você acordou de que horas?”

As mãos da sua mãe estavam em volta de uma caneca de café. “Há muito tempo”, ela disse. “Café?”

Emily olhou para ela desconfiada, mas aceitou a caneca. Ela se sentou na mesa da cozinha, quebrando a cabeça, tentando pensar em algo a dizer.

“Eu não quero a casa, Emily”, sua mãe disse, de repente.

Emily levantou os olhos do tampo da mesa.

“Não quer?”

“Não. Eu estava magoada. Profundamente magoada porque este era o pior lugar para onde você poderia ir”.

Emily engoliu em seco.

“Eu sei. Mas não fiz isso para machucar você”.

“Não”, sua mãe disse. “Tenho certeza de que não fez. Mas me machucou. E eu não deveria ficar surpresa por você ter vindo para cá. Devia ter descoberto há séculos. Você idolatrava seu pai”.

Emily segurou a caneca com firmeza. Não sabia aonde essa conversa ia dar, mas rezava para que não fosse uma daquelas em que sua mãe censurava seu pai, em um longo e raivoso fluxo de consciência.

“Ele sempre me fez parecer a mãe ruim”, ela continuou. “Mas você não se lembra dessas coisas, lembra? Tudo que lembra sobre ele é esta casa de praia. E os presentes que lhe dava. Você não se lembra das semanas em que ele fugia para Barcelona”.

Ela estava certa. Emily não se lembrava disso de jeito nenhum. Mas suspeitava que não era algo que havia apagado, mas que, ao invés, sua mãe havia tentado lhe proteger.

“E eu aqui pensando que ele só tinha olhos para Sunset Harbor”, Emily brincou, com uma voz cautelosa, sem saber como sua mãe reagiria.

Para sua surpresa, ela riu. Emily arriscou levantar os olhos para fitá-la. A fúria que havia visto nos olhos da mãe na noite passada havia desaparecido.

“Tenho medo que você fique como ele”, Patricia disse, com um suspiro. “Desaparecendo. Fugindo”.

“Eu não faria isso!” Emily protestou.

“Mas já fez!” sua mãe argumentou de volta. “Fugiu para cá sem me dizer. Sou sua mãe. Preciso saber onde está, mesmo que não queira me ver”.

“Eu sei”. Emily voltou a fitar a caneca. “Desculpe”.

Patricia se aproximou e sentou de frente para Emily. “Imagino que encontrou muitas coisas das quais lhe protegia quando criança desde que chegou aqui. Mexendo nas coisas do seu pai”.

“Algumas”, Emily disse, numa voz fraca. Ela parecia como a criança que sua mãe conseguia lhe fazer sentir. “Sei que ele tomava anti-depressivos”.

“Certo”, sua mãe disse. “Então, você sabe que puxou isso dos dois lados, agora”.

Emily levantou os olhos e franziu o cenho. “Acha que estou deprimida?”

“Acho que você tem uma maior tendência a ter problemas de saúde mental. Não os ignore, como seu pai fez”. Ela envolveu a mão de Emily nas suas.

Lutando contra seu instinto de esquivar-se, Emily ficou de mãos dadas com a mãe. Era incrivelmente desconfortável fazer isso; não podia se lembrar da última vez que haviam se tocado daquela forma. Ela não queria falar sobre essas coisas. Queria seguir em frente com sua vida. Estava feliz. Pelo menos, estava, antes de sua mãe aparecer e arruinar tudo.

“Vou embora hoje”, sua mãe disse. “Voltar para Nova York”.

Emily levantou a cabeça, atenta. “Vai?”

Patricia assentiu. “Nunca planejei ficar. Só precisava vê-la. E quando me ocorreu onde você poderia estar, eu desenterrei um número de telefone de uma das moradoras daqui, Karen, acho que era esse o nome dela. Só fui ficando cada vez mais furiosa no caminho e, quando cheguei e vi você, tudo explodiu.

Isso, Emily percebeu, era a tentativa de sua mãe de pedir desculpas. A probabilidade dela realmente dizer “desculpe” era pouca, mas, de sua maneira particular, estava se explicando e, ao fazer isso, desculpando-se pelo seu comportamento.

“Você sabe quanto acho difícil controlar meu humor”, sua mãe continuou. “Estou tentando uma nova medicação no momento. Sempre fico meio instável quando mudo a dose ou o tipo”.

Emily mudou de posição na cadeira, sentindo desconforto. Sua mãe sempre lhe fazia se sentir culpada e depois justificava seu comportamento assim – ou eram os remédios, ou era porque não os havia tomado, ou a dose havia mudado, ou o tipo havia mudado. Era a mesma história toda vez, e Emily não tinha mais paciência de ouvi-la novamente.

“Preciso seguir em frente”, falou, ficando de pé. “As galinhas precisam ser alimentadas e tenho que passear com os cachorros”.

Sua mãe assentiu e deixou a mão de Emily deslizar para fora das suas.

“Há algo que eu possa fazer?” sua mãe perguntou enquanto se afastava. “Antes de ir

embora?”

“Na verdade”, Emily disse, quando algo lhe ocorreu subitamente, “espere um instante”. Subiu as escadas correndo e procurou na cômoda do seu quarto a chave que não se encaixava em fechadura nenhuma. Encontrou-a, sentiu o ferro frio sobre a palma da mão, e então desceu correndo novamente até sua mãe. “Sabe de onde é esta chave?” Ela abriu a mão, mostrando o objeto.

Patricia apertou os olhos. “Seu pai tem muitas chaves”.

“Eu sei”, Emily falou. “Descobri para que servia a maioria delas. Mas não esta”.

Patricia olhou mais de perto. “Parece uma das chaves do cofre. Eram longas e prateadas, como esta”.

“Cofre?” Emily perguntou.

Sua mãe assentiu. “Sim, na adega, no porão, há alguns cofres. Seu pai os usava para documentos, para algumas joias também, acho”.

Emily lembrou do colar de pérolas e da carta que havia encontrado no cofre do escritório de seu pai. Talvez, houvesse mais coisas nos cofres citados por sua mãe.

Patricia levantou os olhos. “Eu tentaria a adega, se ainda não fez isso”.

Emily não queria admitir para sua mãe que nem sabia da existência da adega no porão; que, após mais de seis meses na casa, só havia posto os pés lá embaixo uma vez, para fazer a caldeira funcionar.

“Obrigada, mãe, farei isso”.

Emily levou-a até a porta. No batente, ela se demorou por um momento.

“Estou orgulhosa de você, Emily Jane”, disse, por fim.

“Obrigada, mãe”, Emily murmurou.

Nunca pensou que ouviria sua mãe dizer essas palavras. Ouvi-las agora, quando estava no fundo do poço, era um presente que guardaria para o resto da vida.

Fechou a porta e virou-se, com a respiração curta, entrecortada. Ver sua mãe havia sido uma provação, mas ela pode ter dado a Emily outra dica sobre o mistério de seu pai. A chave parecia queimar no bolso do jeans.

Não perdeu tempo e desceu correndo até o porão úmido. Seguiu pelos corredores, procurando pela adega, e finalmente a encontrou, bem nos fundos, quase escondida, como o salão de baile.

Havia fileiras de garrafas empoeiradas dentro da adega, mas Emily estava mais interessada nos pequenos cofres enferrujados que ficavam ao lado. Sentou-se no piso de cimento e puxou a chave do bolso. Tentou abrir o primeiro cofre e, para sua alegria suprema, a chave encaixou.

A porta do cofre se abriu com um rangido e Emily olhou para seu interior. Assim como o cofre do andar de cima, viu algo brilhando e o que parecia ser um pedaço de papel. Puxou o papel, seu coração batendo forte com a expectativa de que pudesse ser outra carta do pai. Mas não era. Era o esboço de um farol.

“Aquele maldito farol novamente”, Emily murmurou. Estava ficando meio enjoada de tanto vê-lo.

Colocou o desenho de volta e pegou o que estava brilhando. Emily retirou a mão do cofre e descobriu que, sobre a palma de sua mão, estava um grande diamante. Ela prendeu a respiração, sabendo imediatamente que era verdadeiro, um tesouro que seu pai havia escondido. Para ela? Para mantê-lo seguro e longe das garras da sua mãe durante o divórcio? Ou era mais uma evidência de sua mente confusa, colocar um diamante caríssimo num cofre, trancá-lo e esquecer?

Emily levantou o diamante contra a luz com uma das mãos. Incrédula, cobria a boca com a outra. Sabia que o que estava segurando era valioso, mas imaginava o quanto.



Subiu as escadas correndo e pulou no computador, buscando diamantes e avaliadores locais. Seu coração bateu em descompasso quando leu que o preço poderia ir de US\$ 3 mil a US\$27 mil por quilate.

Animada, Emily quis ligar imediatamente para algum avaliador, mas era cedo demais. Começou a pesquisar, lendo tudo sobre qualidade e lapidação, e como a cor afetava o preço. Então, leu sobre certificação de diamantes e estremeceu.

Desceu correndo novamente para o porão, ainda desacostumada com a disposição dos cômodos e com a localização da adega. Quando a encontrou, entrou correndo. O cofre ainda estava com a porta aberta. Emily pegou o esboço do farol. No verso, estavam as informações de certificação do diamante.

Subiu as escadas correndo e começou a digitar os dados no campo de busca. Apertou enter e o valor que apareceu diante de seus olhos a fez dar um pequeno grito de alegria. O diamante valia 10 mil dólares. O bastante para pagar parte do conserto do telhado, apesar de não poder substituí-lo completamente, e ainda haveria uma sobra para adquirir os itens destruídos pela tempestade.

Emily recostou-se na cadeira. Sentia que seu pai estava se comunicando com ela de onde quer que estivesse – de Barcelona ou do paraíso, ou de qualquer outro lugar. Ele havia deixado este presente para ela e o escondido, para que pudesse encontrá-lo apenas quando mais precisasse.

“Obrigada”, sussurrou para o ar.

# CAPÍTULO CATORZE

Nos lençóis brancos da cama de Emily, o diamante cintilava sob a luz do abajur. Ao lado dele estava o certificado de autenticidade, o esboço do farol visível no verso, através do papel.

Emily se sentou na ponta da cama, com o telefone apoiado no ombro, ouvindo a voz robótica de um vendedor de diamantes do outro lado. Enquanto ouvia, sua atenção estava completamente voltada para o diamante. Não podia tirar os olhos dele. Ela o girou em círculos devagar, com a ponta do dedo, ouvindo a conversa ao telefone apenas parcialmente.

Foi então que Emily percebeu que a linha ficou muda.

“Certo, obrigada”, falou com pressa. “Entrarei em contato”.

Desligou o telefone e se encostou na cabeceira da cama, imaginando qual seria o mistério do diamante. Por que seu pai teria algo assim? Apesar de querer muito acreditar que era um investimento que ele havia feito para garantir que a filha tivesse uma herança quando chegasse o momento, ela também não podia deixar de se perguntar se havia uma conexão entre o diamante e a imagem do farol no certificado. Certamente, significava que seu pai conhecia a artista pessoalmente, já que deviam estar juntos quando ele ou ela fez aquele esboço. Havia só mais duas explicações possíveis. A primeira era que o diamante e os quadros do farol não tinham nada a ver com seu pai, e que eram relíquias de seus avós, os primeiros donos da casa. A outra era que o diamante e seu certificado pertenciam originalmente ao artista e seu pai havia comprado a gema para obter o esboço do farol. A primeira hipótese parecia improvável, e a última menos plausível para ela que a ideia de que a artista e seu pai eram ligados por um relacionamento pessoal.

Emily sentiu aquela dor familiar no estômago que aparecia sempre que tentava decifrar o enigma do pai. Odiava especular sobre ele, apesar de fazer isso frequentemente. Mas todo cenário possível que imaginava sobre seu desaparecimento a fazia sentir terrível, e esse novo – que ele havia fugido com sua amante pintora – a fez sentir pior que nunca.

Tentou focar no positivo ao invés de no negativo. Encontrar o diamante era um tremendo golpe de sorte. Desde que o descobriu, Emily havia ligado para vários vendedores de joias e leiloeiros no Maine, todos que pôde encontrar, tentando obter informações sobre a venda dessas pedras preciosas. Também se sentia dolorosamente mal-informada; a última coisa que queria era fazer uma venda apressada e ser enrolada por alguém que notasse seu ar de noviça a quilômetros de distância, deixando-a com menos dinheiro do que o diamante valia. Esperava apenas que Daniel estivesse certo, que o fato de ser verão no momento significava que não haveria mais nenhuma chuva forte porque, se o telhado suportasse tempo bastante, ela poderia ter um tempinho para vender o diamante bem antes do remendo ser feito.

Pegou a pedra preciosa, chocada demais pela sua beleza e grandiosidade para aceitar que era realmente dela. Em outro mundo – um em que ela era rica e a pousada fazia um imenso sucesso – não teria que vender o lindo diamante de jeito nenhum. Ela o transformaria num par de brincos e num colar combinando. Ou talvez até o guardasse para seu futuro anel de casamento. Seria uma maneira de se sentir perto de seu pai novamente, ou de tê-lo levando-a até o altar, já que não estaria lá pessoalmente. Mas este não era um mundo perfeito. Este era um mundo com telhas quebradas e vigas podres que precisavam ser substituídas.

Emily foi retirada de seus pensamentos pelo som do celular tocando.

“Aqui é Anne Maroney, da Maroney & Stone”, a voz do outro lado explicou.

Emily esperava que fosse um possível hóspede para fazer uma reserva e suas esperanças se despedaçaram, ao perceber que era apenas mais uma compradora de diamantes.

A mulher continuou. “Achei a mensagem que você me deixou bem interessante! Um diamante esquecido e descoberto num cofre após vinte anos. A história realmente chamou minha atenção”.

Emily sentiu-se mais animada. De todas as pessoas com quem havia falado até agora, Anne Maroney lhe dava a melhor impressão. Ela parecia gentil, ao invés de apenas interessada no dinheiro, e isso importava para Emily. Se iria se separar de algo tão precioso do seu pai, queria fazer do jeito certo, e que o diamante fosse parar nas mãos de uma boa pessoa.

“Gostaria de marcar uma reunião”, Anne disse. “Poderia ser no meu escritório, no Maine, ou eu poderia ir até você. Dei uma olhada no site e achei sua pousada absolutamente incrível. Então, prefiro ir até você”.

“Ah!” Emily disse, feliz. “Bem, isso seria ótimo, se não se importar de dirigir até aqui. Ficarei feliz em encontrá-la”.

“Maravilha!” Anne replicou.

Elas marcaram uma reunião para daqui a vários dias, logo após o Quatro de Julho, que Emily determinou como um marco para o futuro da pousada. A agenda de Anne não permitia um encontro mais cedo, e apesar de Emily saber que seria uma espera agonizante, achou Anne tão simpática que teve certeza de que era a melhor maneira de agir. Ainda assim, um prazo tão longo era um risco. Se houvesse outra tempestade durante o final de semana que causasse outro vazamento na pousada, seria um desastre para Emily, não apenas financeiramente, mas emocionalmente também. Não estava certa de quantos reveses ainda podia suportar.

Emily pegou uma pequena caixa de mogno – mais uma buginganga do seu pai – e colocou o diamante dentro, e então o acomodou numa gaveta do criado-mudo. Apesar do alívio de saber que chegaria dinheiro da venda do diamante num futuro não muito distante, Emily também sabia que o valor obtido nunca seria suficiente para o conserto do telhado. Substituir as vigas podres custaria muito mais, e conseguir dinheiro suficiente para isso era muito mais difícil. Com o Quatro de Julho se aproximando, e com cada dia em que a pousada permanecia vazia, Emily estava começando a aceitar a realidade muito concreta e aterradora de deixar tudo isso para trás – a pousada, Sunset Harbor, os amigos que havia feito... e Daniel.

Então, começou a tarefa de se preparar mentalmente. Levantou-se e pegou uma das malas vazias que havia escondido sob a cama. Já tinha secretamente enchido uma mala inteira com suas coisas e agora se movia para a segunda. Tinha a esperança de que, se ela se preparasse para o pior, o destino iria intervir e mandar algo em seu caminho, algum tipo de salva-vidas, assim como havia feito com o diamante. Emily não era uma pessoa supersticiosa mas, por mais que sentisse que não deveria tentar o destino, estava fazendo as malas para ver no que ia dar.

Enquanto dobrava alguns suéteres, riu para si mesma ao perceber como esse processo de pensamento não tinha lógica. Mas seu riso rapidamente se transformou em lágrimas, ao pensar em realmente deixar este lugar. Havia se apegado à casa, à cidade e às pessoas. Agora, não se sentia em casa em nenhum outro lugar.

Emily não pôde se conter. Havia passado por várias provações e tribulações recentemente. Quase não tinha tido tempo para processar a visita da sua mãe outro dia e toda a poeira emocional que havia levantado. Incapaz de se conter, começou a chorar com amargura.

Nesse momento, ouviu Daniel subindo as escadas. Rapidamente, enxugou as lágrimas, e então jogou a mala meio-cheia no guarda-roupa. Daniel ia pensar que ela estava louca se lhe dissesse

que estava fazendo as malas para tentar confundir o destino, e provavelmente pensaria que ela estava apenas fugindo.

Ouviu Daniel bater na porta e sentou inocentemente na ponta da cama.

“Entre”, falou, lutando para manter a voz calma.

Daniel entrou pela porta do quarto, com os braços cheios de rolos de papel de parede para cobrir a marca amarelada de água que o vazamento causara no Quarto Dois.

“O que há de errado?” ele perguntou.

Emily percebeu que seu rosto ainda estava marcado pelas lágrimas e que o choro provavelmente tornou seus olhos vermelhos e inchados. Enxugou o rosto rapidamente, enquanto Daniel apoiava os rolos contra a parede e vinha se sentar ao seu lado. Quando se aproximou, passou o braço pelos ombros da namorada.

“Desculpe”, Emily choramingou, sentindo os olhos se encherem de lágrimas novamente, ao sentir contato humano e ternura.

“Não peça desculpas”, Daniel a tranquilizou. “Pode chorar, se precisar. É por causa de sua mãe?”

Emily balançou a cabeça. “Não. É a pousada. Só tenho poucos dias para conseguir hóspedes pagantes ou tudo está acabado”.

Daniel pegou o rosto molhado dela nas mãos. “Você é muito melodramática, sabia disso, Emily Mitchell?” ele disse. “Não está nada acabado. Tenho que lembrá-la que acaba de descobrir um diamante de dez mil dólares em seu porão?”

Ela riu, apesar de tudo. “Ainda assim, não acho que há nada melodramático sobre a perspectiva muito real de alguém perder sua empresa”.

“Você não vai perder a empresa”, Daniel insistiu. “Vai ficar tudo bem”.

“Mas não tenho uma reserva há semanas”, Emily contestou. “E o Quatro de Julho está quase chegando. O dinheiro do diamante será suficiente apenas para remendar o telhado, não para manter o negócio funcionando. E para que um telhado consertado, de todo modo, se não haverá hóspedes para aproveitá-lo?” Ela não pôde evitar franzir o cenho. “Como você pode estar tão seguro de que ficará tudo bem?”

Daniel suspirou e a abraçou mais forte. “Porque a vida é assim mesmo, Emily. Essas coisas aparecem no seu caminho para manter tudo interessante. Às vezes, você está para baixo, às vezes, tem uma namorada linda”. Ele piscou para ela. “Acho que algo vai aparecer. Espere e verá”.

Emily instantaneamente tapou os ouvidos com os dedos. “Não desafie o destino!” gritou.

Daniel riu e meneou a cabeça. Suavemente, ele retirou os dedos dela dos ouvidos.

“Acho que você precisa sair um pouco”, ele falou. “Passou o dia inteiro aqui, falando ao telefone”.

Emily levantou os olhos imediatamente. “Você quer sair à noite?”

Daniel assentiu. “Já passou da hora, não acha?”

Emily concordou. “Tem algo em mente?”

Ele não disse nada. Ao invés, seus olhos brilharam maliciosamente enquanto se levantava e estendia sua mão para ela.

“Talvez”, falou. “Se vier comigo, pode descobrir”.

“Que misterioso”, Emily disse, pegando a mão dele.

Daniel a levou pelas escadas até o andar de baixo e para fora da casa. O céu estava escuro e a lua emitia uma pálida luz prateada. Eles foram pelo caminho do jardim de mãos dadas. Com tão pouca luz, as folhas das plantas ao redor estavam negras e com jogos de sombras ao redor.

“Aonde estamos indo?” Emily perguntou, estremecendo, sentindo-se um pouco assustada pelo silêncio e pela escuridão.

“Espere e verá”, Daniel disse.

“Você restaurou outro barco?” ela perguntou, desconfiada.

Daniel riu. “Não. Mas continue tentando adivinhar. É engraçado”.

Ao invés de ir até o fim da calçada e seguir na direção do centro da cidade, eles atravessaram a rua e passaram por um espaço na vegetação até uma trilha, criada por pés humanos. Um atalho até a beira do mar.

“Curioso”, Emily disse, quebrando a cabeça para descobrir o que a estava esperando. “Outro jardim de rosas?” ela disse, pensando na vez em que Daniel lhe havia mostrado seu jardim secreto.

“Não. Tente de novo”.

Emily pensou que poderia haver outra toalha de piquenique e cesta à vista, mas quando chegaram na praia, viu que não havia nada esperando por ela. Perguntou-se então se o encontro seria um romântico passeio à luz da lua. O mar parecia calmo, e tão escuro que quase não podia distinguir onde terminava e começava o céu. As ondas quebravam suavemente, criando um suave fundo para seus passos na areia.

“Devagar!” Emily riu enquanto Daniel caminhava. “Passeios ao luar devem ser lentos”.

Daniel balançou a cabeça. “Ainda está errada. Tente adivinhar, senhorita Mitchell”.

Emily estava perplexa. Permitiu que Daniel a dirigisse para o oeste, ao longo da praia. Nunca haviam vindo por esse caminho, já que o centro da cidade ficava na direção contrária. Nessa parte, a estrada que passava ao lado da praia começava a subir numa ladeira, por causa da falésia. Daniel havia levado Emily na garupa de sua moto pelos penhascos algumas vezes, em passeios de tirar o fôlego e um tanto assustadores, mas nunca haviam caminhado sob eles.

Enquanto andavam, Emily se perguntou por que não. Os penhascos eram bem impressionantes desse ângulo, e sorriu ao pensar sobre como após vários meses em Sunset Harbor, a cidade ainda tinha segredos a revelar. Lugares para explorar. Esperava ficar tempo bastante para conhecê-los todos.

“Aonde estamos indo, Daniel?” Emily perguntou, com um suspiro exasperado.

“Se não tem mais palpites, então, terá que ser paciente!” Daniel replicou.

À distância, Emily podia ver algumas luzes. Pareciam vir do lugar onde ela sabia que ficava um iate clube. Era muito chique, à beira-mar, provavelmente exclusivo para membros, um lugar frequentado por pessoas do conselho de zoneamento municipal, como Trevor Mann e o prefeito Hansen, e certamente não incluía pessoas como ela e Daniel.

“Não vai me levar ao iate clube, vai?” ela perguntou, franzindo o cenho.

Daniel apenas deu de ombros.

“Ai, meu Deus”, Emily murmurou. “Você vai, não é?”

Não sabia se Daniel estava apenas provocando-a, dando a entender que estavam indo ao lugar mais sofisticado de Sunset Harbor. Mas estavam cada vez mais perto, e já podiam ouvir a música vindo do clube.

“Certo, Daniel”, Emily riu ao ver dois homens de terno preto olhando para eles enquanto se aproximavam. “A piada acabou”.

Daniel riu. “Não é uma piada, Emily”.

O queixo dela caiu. “Vamos mesmo entrar?”

“Sim. Estão dando uma festa aberta hoje à noite, para os locais. Todo mundo da cidade veio”.

“Deveria ter me dito!” Emily disse, batendo no peito dele. “Não estou vestida para isto!”

“Essa roupa está legal”.

“Ah, sim, obrigada então”, Emily disse, com sarcasmo na voz. “Já que eu estou 'legal'”.

Daniel parou e pôs as mãos sobre os ombros dela. “Quero dizer: você é linda do jeito que é”.

Emily deu um sorriso tímido e aceitou o suave beijo sobre seus lábios. Então, eles entraram.

O iate clube ficava à beira-mar e tinha imensas janelas que iam do teto ao chão, com vista panorâmica. O teto era alto, com beirais de madeira que davam quase a sensação de estarem numa igreja. Luzes em forma de globo pendiam em longos fios, cada uma emitindo um suave brilho amarelado que lembrava a Emily de vaga-lumes em pleno voo. O piso era de madeira, envernizado com o mesmo verniz cor de mogno que o da pousada. O bar tomava um lado inteiro do salão. Tinha um balcão de mármore e era iluminado por velas amarelas.

Em um dos lados do clube ficava um mezanino; no lado oposto, uma grande chaminé de tijolos e uma lareira. A decoração consistia em colecionáveis náuticos, como pequenas réplicas de embarcações, navios em garrafas e bússolas de aparência antiga.

Quando entrou, Emily quase perde o fôlego. Estava tudo tão lindo que se sentiu imediatamente desconfortável. A decoração parecia com a dos restaurantes para onde Ben a levava, lugares elegantes para onde tinha que ir bem arrumada. Adorava ir para lugares assim quando morava em Nova York, mas agora sentia que se destacava como uma unha encravada, como se fosse óbvio que não pertencia mais a esse tipo de lugar.

Olhou para os convidados ao redor, em seus ternos e vestidos elegantes. Ela e Daniel estavam mal vestidos para um lugar daqueles, mas Daniel não parecia ligar para isso de jeito nenhum. Estava usando seu jeans e camisa xadrez habitual, com uma sobrelanceira levantada ao absorver o esplendor do lugar. O fato dele estar tão calmo e confiante fez Emily relaxar um pouco. Ao menos, estavam mal vestidos juntos.

“Quer uma cerveja?” Daniel perguntou.

“Humm, não acho que este lugar combine com cerveja”, Emily disse, olhando para as pessoas segurando taças de champanhe e de vinho, ou copos cheios de um líquido âmbar e cubos de gelo.

“Ah, certo”, Daniel disse, ainda sem se abalar. “Acho que é uma noite do tipo brandy com gelo. O que vai beber?”

Emily não estava muito com vontade de beber, ou de dançar *ou* de se alegrar. Mas enquanto olhava ao redor e identificava muitos de seus amigos na multidão, percebeu que podia usar esta noite como outra oportunidade de despistar o destino. Esta noite seria seu último grito de batalha, como uma despedida de tudo que ela havia aprendido a amar aqui.

Estava tão perto do fim, de todo modo, que realmente não tinha nada a perder se relaxasse por uma noite.

“Vinho”, falou, por fim. “Branco. Grande”.

“Claro”, Daniel disse, olhando para o bar, onde bandejas prata de canapés estavam alinhadas em fila. “Acha que são de graça?” acrescentou.

“Duvido”.

“Vou trazer o que eu puder pagar”, ele disse.

Emily riu e observou-o abrir caminho pela turba de gente.

“Emily!” uma voz chamou vivamente, e ela se virou. Então, viu Karen, do mercadinho, se aproximar. As duas mulheres haviam começado com o pé esquerdo quando Emily chegou em Sunset Harbor, por causa de sua atitude antipática e hostil, mas agora se davam muito bem. Karen estava linda num vestido de seda longo vermelho. Com os cabelos arrumados no topo da cabeça, parecia dez anos mais nova.

“Ora, olhe para você!” Emily disse, saudando a amiga, com beijos no rosto.

“Ah”, Karen disse, corando e fazendo um gesto de modéstia com a mão, como para apagar o elogio. “Não a vejo há séculos. Como estão as coisas com a pousada?”

“Bem”, Emily começou, sem esconder nada, “Trevor conseguiu remover minha placa, então, não consigo hóspedes há semanas. E, para ser sincera, se eu não encher o lugar durante o feriado de Quatro de Julho, provavelmente, é o fim da linha”.

“Ah”, Karen disse, com uma expressão triste. “Não tinha ideia. Não está pensando em sair de Sunset Harbor, está?”

“Não teria escolha mesmo”, Emily replicou. “São muitas despesas imprevistas e eu ainda tenho todos aqueles impostos atrasados para resolver, em algum momento”.

Karen sacudiu um pouco a cabeça e franziu o nariz. “Não me preocuparia com isso. O prefeito Hansen ampliou o prazo”.

Como muitos de seus amigos em Sunset Harbor, Karen havia lhe apoiado na reunião municipal e havia testemunhado a generosa oferta do prefeito para estender o prazo de pagamento para Emily, de modo que ela pudesse se estabelecer primeiro. Emily engoliu em seco, percebendo então que o fracasso de seu negócio não seria apenas dela; que iria decepcionar todas as pessoas que a haviam apoiado, incluindo o prefeito, que até quebrou as regras em seu benefício. Ele havia feito isso apenas porque a pousada seria um ganho para a cidade. Mas, se fracassasse, ela decepcionaria todo mundo.

“Ele ampliou”, Emily disse. “Mas agora Trevor está mostrando suas garras com Marcella, e ela parece muito boa em fazer o prefeito andar na linha. Estavam todos lá quando minha placa foi removida. Acho que o prefeito Hansen me fez mais favores do que mereço”.

“Sinto muito ouvir isso, Emily. Realmente. Trevor é uma peste. Todos nós, do conselho de zoneamento, estamos mais do que frustrados com ele”. Karen também fazia parte do conselho, apesar de nunca estar de acordo com as demandas mesquinhas de Trevor sobre o visual da cidade e, especificamente, com a obsessão dele com a pousada de Emily. “E agora ele vai morar aqui de vez!” Karen exclamou, secamente. “Bem, sei que posso falar em nome de todo mundo aqui em Sunset Harbor quando digo que adoramos tê-la conosco. Agora, você faz parte da família. E não vou deixar que Trevor Mann ponha seu negócio em risco. Deixe-me falar com outros membros do conselho. Ver se consigo uma reunião para reinstalar sua placa”.

Era uma oferta generosa, e Emily ficou comovida. “Faria isso?”

“É claro”, Karen exclamou.

“E você acha que uma reunião vai ajudar? Quero dizer, eu já preenchi toda a papelada necessária e li que pode levar até 30 dias para o pedido ser aprovado e a permissão concedida. Já se passaram 21 dias”.

Karen deu uma batidinha de leve no braço de Emily. “Até 30 dias, contanto que ninguém tenha dado queixa ou apresentado uma reclamação”.

“Deixe-me adivinhar”, Emily falou, entre dentes. “Trevor deu queixa”.

Karen assentiu, solene. “Veja, deixe isso comigo. Vou fazer uma reunião para fazer a coisa andar. Certo?”

Emily assentiu, apesar de sua esperança ter diminuído ao saber da novidade: Trevor havia atrasado a concessão da licença. Talvez tivesse que deixar Sunset Harbor antes que uma solução fosse encontrada.

“Enquanto isso”, Karen acrescentou, “se houver algo mais que possa fazer para ajudá-la, é só pedir”.

“Você poderia me enviar mais vinte Sr. Kapowskis”, Emily disse timidamente.

Karen deu uma batidinha no ombro dela. “Vou mandar-lhe o máximo de pessoas que puder”.

Emily agradeceu, mas sabia em seu coração que seria quase tarde demais agora. Karen lhe havia mandado seu primeiro hóspede, e ela sabia que, se outras pessoas estivessem perguntado, ela imediatamente já as teria enviado. Mas a verdade era que ninguém queria um quarto na pousada. E agora a licença da placa também iria atrasar. O coração de Emily ficou ainda mais pesado.

Foi então que Daniel reapareceu, segurando uma bandeja inteira de petiscos de salmão.

“Eles *são* de graça”. Ele sorriu, dando a ela uma taça de vinho.

Emily bebeu um pouco do vinho, mas não estava com vontade de beber e jantar.

“Encontrou alguém interessante no bar?” ela perguntou. “Acabo de falar com Karen. Ela disse que Trevor está tentando atrasar a reinstalação da minha placa”.

“Ah”, Daniel disse. “Isso explica por que o prefeito Hansen e Marcella estavam me evitando no bar”. Ele fez carinho no ombro de Emily. “Sinto muito mesmo, Emily. Você está bem?”

Ela assentiu, apesar de, na realidade, não estar nada bem. “Acho que alguém precisa de ar fresco”.

“Claro”, Daniel disse. “Há uma varanda que vale a pena conferir. É preciso subir por uma escada em espiral para chegar lá”. Ele apontou para a escada de ferro trabalhado no canto mais extremo do bar. “Quer que eu vá com você?”

Emily balançou a cabeça. “Quero ficar um pouco sozinha, se você não se importar”.

Daniel assentiu e redirecionou sua atenção para a bandeja de canapés. “Tenho muito com o que me ocupar aqui, de todo modo”.

Emily sorriu. “Divirta-se. Volto logo”.

Ela deixou Daniel comer seus petiscos e foi abrindo caminho pelas pessoas, acenando para os rostos conhecidos que via, antes de subir a escada. Era linda e ela podia imaginar o quão incrível uma escada daquelas ficaria na pousada. Sentiu uma pontada de tristeza ao pensar que talvez nunca tivesse a chance de instalar uma ou que nunca tivesse nenhum hóspede para admirá-la.

Na varanda, a brisa do oceano balançava seus cabelos. Emily respirou fundo; o cheiro familiar de sal a confortava. A ideia de voltar para o cheiro de fumaça e poluição de Nova York não era nem um pouco atraente agora.

Emily caminhou até a cerca de vidro da varanda e apoiou os braços no parapeito. Olhou para o mar e para as ondas escuras e calmas, sentindo-se melancólica.

Então, notou um senhor de cabelos brancos sentado sozinho em uma das mesas, seu rosto triste virado para o mar de maneira parecida com a dela. Emily decidiu então que, se não podia se animar naquela noite, pelo menos, poderia animar outra pessoa. Foi até ele.

“Oi”, falou. “Desculpe interrompê-lo, mas talvez possa lhe fazer companhia”.

O rosto do homem se iluminou quando levantou os olhos para vê-la. Ele parecia estar no início dos setenta anos. Estava bem vestido, usando um terno creme, e tinha uma bengala encostada na perna. “Bem, isso seria esplêndido. Por favor, sente-se, querida. Eu sou Gus Havenshaw. Quem é você?”

Ele tinha um sotaque que denotava privilégio, e Emily suspeitou imediatamente que havia ido para uma das universidades da *Ivy League* na Costa Leste.

“Meu nome é Emily”, ela disse.

Eles apertaram as mãos e ela se sentou.

“O que lhe traz aqui hoje, Emily?” Gus perguntou. “Você mora em Sunset Harbor?”

“Sim”, Emily disse, e percebeu que aquela afirmação era mais verdadeira agora do que nunca. Sentia-se como uma local, como parte da família. “E você? É daqui?”

Gus assentiu. “Cresci aqui. Fui para a escola aqui. Frequentei o St. Matthew, o colégio



católico. Conhece?

“Sim”, Emily disse, assentindo. O filho de Cynthia frequentou esse colégio privado, exclusivo, e o prefeito Hansen também estudou lá quando jovem.

“Gosto de vir aqui de tempos em tempos”, Gus continuou. “Não dá para se esquecer de Sunset Harbor. Não dá para ficar longe por muito tempo”.

Emily sorriu, percebendo o quanto concordava com ele. Mas podia notar a tristeza nos olhos de Gus enquanto ele falava. Perguntou-se se sempre visitava Sunset Harbor sozinho, ou se tinha família para vir junto. Não parecia certo que estivesse só.

“Então, o que lhe traz à festa?” Gus perguntou. “É membro do clube?”

Emily fez um gesto apontando para seu jeans e camiseta. “Pareço um membro?” ela brincou.

Gus deu uma gargalhada. “Bem, não, acho que não. Mas existem membros de todos os formatos e tamanhos”.

Emily levantou uma sobrancelha. “Difícilmente. Se hoje não fosse de graça, não haveria como vir. Este lugar é apenas para a elite. Por que, você é um membro?”

Gus assentiu. “Pode me chamar disso”. Seus olhos brilharam. “Sou um dos primeiros fundadores. E ainda sou parceiro do clube”.

“Ah!” Emily disse, subitamente envergonhada pelo seu comentário.

Gus apenas riu. Parecia se divertir mais do que tudo e Emily ficou feliz por não tê-lo ofendido.

“Sabe, você tem sido uma ótima companhia para este velho”, ele disse. “Mas tenho certeza de que deseja voltar e aproveitar a festa agora. Não pense que precisa ficar aqui sentada por minha causa. Estou apenas terminando minha taça de porto e então vou embora”.

“Na verdade” Emily disse, “aqui entre nós, Gus, tenho uma confissão a fazer. Não estou realmente me divertindo”.

Gus parecia chocado. “E por que isso? Uma jovem como você deveria estar no salão de baile, dançando até meia-noite. Eu certamente estaria, na sua idade!”

Emily suspirou. Gus estava mais ou menos dizendo a mesma coisa que seus amigos nova-iorquinos, que ao vir para este lugar sonolento ela estava se fazendo de velha antes do tempo. Talvez, *devesse* passar a noite toda na pista de dança .

“A questão é”, Emily disse, remexendo na sua pulseira, “estou tendo alguns problemas com um sonho. Todo mundo está me dizendo que foi uma ideia estúpida, para começar. Por um segundo, parecia que eu estava mostrando a todos que estavam errados, que o sonho pelo menos estava se tornando realidade. Mas agora acho que está prestes a se despedaçar”.

Gus parecia interessado. “Se não se importa que eu pergunte, senhorita Emily, qual era o sonho?”

Emily sorriu então, enquanto a imagem da pousada aparecia em sua mente. Podia visualizar o amplo terraço com a mesa em estilo piquenique e seus bancos, o longo corredor com o assoalho lindamente polido e o maravilhoso carpete creme, a sala de estar com a lareira e estantes de madeira escura, a sala de estar que levava ao incrível salão de baile escondido com seus vitrais da Tiffany, que lançavam facho de luz num arco-íris dançando pelas paredes, e a cozinha, com seus traços retrô originais. Havia posto sua alma e coração na reforma da casa que seu pai havia amado e percebia agora o quanto a amava também.

“Meu sonho”, concluiu, sorrindo, “era restaurar essa bela casa antiga que estava abandonada e trazê-la de volta à vida”.

Gus parecia interessado. “Posso dizer, pelos seus olhos, que esse sonho significava muito para você. Até onde conseguiu torná-lo realidade?”

“Cheguei bem perto”, Emily admitiu. “Consegui a casa. Limpei. Salvei o que pude. Restaurei o que pude”. Sorriu novamente com as lembranças. “Mas, então... bem... é uma longa história”.

Gus riu. “Não tenho outro lugar para ir, se você não tiver”.

Emily começou a gostar da companhia dele, tanto que continuou. Era bom desabafar um pouco com alguém que estava distante de sua situação. Ela disse, “Aconteceram alguns contratempos.”

“Alguns?”

“Muitos”.

Ele assentiu. “Ah”.

“Sim”, Emily disse. “Primeiro, há impostos atrasados a pagar. Então, houve um incêndio. E uma tempestade. E um vazamento no telhado. Até agora, usei cada centavo de minhas economias na casa e ainda preciso de mais dinheiro”.

Emily terminou sua história e ambos ficaram em silêncio. Ela olhou para Gus e descobriu que ele era um ouvinte muito ativo. Seus olhos estavam arregalados e seu queixo havia caído com a surpresa.

“Você nunca me disse”, falou, por fim, “que estava transformando a casa numa pousada”.

Ela deu de ombros.

“Esqueci esse pedaço?” ela disse. “Acho que não é tão importante para a história”.

Ele balançou a cabeça.

“Nunca vai acreditar no que tenho para lhe dizer”.

Emily se sentia cada vez mais curiosa. Ela se perguntou o que ele poderia ter para dizer.

“Você veio e se sentou ao meu lado porque eu parecia triste, não foi?” Gus começou.

Ela concordou com a cabeça.

“Bem, gostaria de saber a razão pela qual eu estava assim? Estou admirado pela incrível coincidência de tudo isso. Estava abatido porque tive que cancelar um evento que estava organizando”, ele explicou. “O 55º encontro de ex-alunos da St. Matthew”.

“Certo...” Emily disse, refletindo.

“Não vê?” Gus exclamou. “Foi a reserva do hotel que deu errado! Eles fizeram reservas no mesmo dia para nós e para uma festa de casamento, então, naturalmente, nossas reservas foram canceladas. Já dirigi por todo lado procurando por uma pousada que pudesse ao menos acolher alguns de nós mas não encontrei nenhuma. Então, pensei em parar para um drinque rápido no iate clube para me dar a coragem de ligar para todos os meus amigos e dizer a eles que não haveria mais festa!”

Os olhos de Emily se arregalaram quando percebeu o que estava acontecendo. “Você quer dizer...”

Gus bateu em sua coxa e riu alto. “Sim, quero! Seu sonho é a solução para meu problema! Quero reservar sua pousada!”

Emily estava tão chocada que não sabia o que dizer. Sua garganta subitamente ficou seca. Não conseguia sequer começar a formular palavras, então, simplesmente começou a rir com Gus.

Os dois ficaram ali sentados, gargalhando, lágrimas escorrendo pelos seus rostos com a improvável coincidência, com o encontro do destino que era uma resposta para suas dificuldades.

“Não acredito que isso está acontecendo”, Emily conseguiu dizer, em meio à crise de riso.

*Obrigada, destino!* pensou.

A risada de Gus era contagiante. Ela não podia deixar de rir junto com ele. Para o observador casual, eles deveriam parecer um par estranho de Gatos de Cheshire.

“Bem, Emily, devíamos passar aos negócios então”, Gus disse. Ele pigarreou em seu punho e

se recompôs, falando com uma voz sóbria e profissional. “Gostaria de reservar sua pousada para vinte pessoas”.

Emily sentiu que podia desmaiar a qualquer segundo. A festa de Gus iria lotar a pousada!

E em apenas um milésimo de segundo.

Apesar do choque que sentia, conseguiu participar da atuação, falando com sua melhor voz de recepcionista. “Não há problema, Sr. Havenshaw. E por quanto tempo?”

“Pelas quatro noites do final de semana prolongado”.

Aquilo soava como música para os ouvidos de Emily. Saber que a pousada estaria cheia durante o Quatro de Julho inteiro era, além de uma alegria, um sonho tornado realidade.

“Isso é maravilhoso”, ela disse, mantendo a voz o mais normal possível. “Vou só anotar alguns detalhes”.

Já que Emily estava bem longe do computador, no qual digitaria os detalhes dele, ela apenas anotou tudo num guardanapo amassado que estava sobre a mesa. Levantou os olhos para Gus, meio envergonhada, e foi sincera. “Matemática não é o meu forte. Não sei o valor total no momento. Poderíamos resolver isso quando chegarem?” Ela mordeu o lábio na expectativa, subitamente imaginando se havia comemorado antes do tempo.

Gus não pareceu preocupado. “Nosso orçamento é de 250 por noite. Pelo menos, era o que pagaríamos no outro hotel. Então, podemos fechar em vinte mil dólares?”

A garganta de Emily estava tão seca que ela quase não conseguia engolir. Talvez, para um homem como Gus, gastar 20 mil dólares numa única transação fosse completamente normal, mas, para Emily, aquela era uma soma de dinheiro fenomenal. Quase não podia acreditar que havia passado de estar quebrada ontem para subitamente ter quase trinta mil dólares vindo do negócio e de diamantes! Daniel estava certo – a vida realmente surpreendia só pela diversão.

Finalmente, ela falou numa voz meio estridente, “Vinte mil está muito bom, com certeza”.

“Maravilha!” Gus disse, apresentando-lhe a mão para ela apertar. “Acho que fechamos negócio”.

Naquele momento, Emily finalmente perdeu a capacidade de falar. Apertou a mão de Gus vigorosamente, com um sorriso largo, emitindo ruídos alegres.

“Bem, certo, então”, Gus disse, por fim. Removeu a mão da dela, apesar de Emily continuar apertando-a, talvez por tempo demais, como se não quisesse largar a boia salva-vidas que ele lhe havia jogado. “Acho que esta é a parte em que trocamos cartões de visita”.

Cartões de visita! Aquela era uma das coisas na lista de exigências de Cynthia e que Emily ainda não havia conseguido fazer.

“Ah, não estou com um aqui”, ela confessou. “Mas, tome”, acrescentou, procurando na bolsa a caneta que acabara de guardar. “Vou lhe dar meu número de celular”.

“O toque pessoal”, Gus disse, parecendo impressionado.

Emily sorriu meio sem graça, mas tentou fingir que era intencional, já que ele parecia pensar assim, de todo modo. Ao passar para ele o pedaço de papel com seu número, a eterna preocupada dentro dela queria perguntar se ele tinha certeza, se verdadeiramente queria ficar na sua pousada, se queria pagar vinte mil dólares pelo privilégio. Teve que segurar a língua para não deixar escapar que ela estava apenas fingindo ser uma dona de pousada e que sua pousada era uma fantasia, que ela era, na verdade, uma garota tola de Nova York que havia começado algo que agora estava se tornando cada vez mais impossível de realizar.

Mas não disse nada disso. Manteve-se calma.

“Ficarei feliz em dar as boas-vindas a você e a seus amigos na pousada em Sunset Harbor amanhã à noite”, ela conseguiu falar, cordial.

“Muito obrigado”, Gus disse. “Você salvou meu dia”.

*E você salvou o meu*, Emily pensou.

“Mal posso esperar para ligar para os outros”, Gus disse, usando sua bengala como apoio para ficar de pé.

“Quer ajuda?” Emily disse, levantando-se também.

“Não, obrigado”, Gus disse. “Na verdade, não preciso de uma bengala. É apenas um acessório. Acho que me dá um ar de seriedade, não acha?”

“Acho que sim”, Emily disse. Gus parecia bem excêntrico. Ela se perguntou se os outros ex-alunos da St Matthew seriam como ele.

“Vejo você amanhã!” Gus disse.

Emily o observou caminhar pela varanda com o ânimo renovado antes de descer pela escada em espiral e desaparecer de vista. No instante em que ele foi embora, ela desabou novamente na cadeira e deixou cair o queixo. Aquilo realmente aconteceu? Parecia um sonho.

De repente, Emily se lembrou de que deixara Daniel sozinho por muito mais tempo do que havia previsto. Levantou-se de um salto e desceu correndo a escada em espiral para procurá-lo.

“Aí está você”, ele falou enquanto ela cruzava o salão de baile apressadamente em sua direção. “Estava preocupado, achando que algum solteirão bonito tinha raptado minha garota”.

“Quase isso”, Emily falou, sorrindo. “A não ser pelo fato dele ter uns setenta anos de idade”. Ela pegou na mão de Daniel. “Não vai acreditar no que acabou de acontecer”.

Daniel franziu o cenho. “Um cara *velho* vai te raptar?”

Ela sacudiu a cabeça e não conseguiu mais esconder o segredo.

“Melhor! Ele vai ficar na minha pousada durante todo o feriado de Quatro de Julho. Ele e dezenove de seus antigos amigos do colégio!”

Os olhos de Daniel quase saltaram fora. “Está brincando?”

Emily sacudiu a cabeça, impossível de conter a própria animação.

“Isso é incrível”, Daniel exclamou. “Venha aqui!” Ele a envolveu nos braços e girou-a enquanto ela dava gritinhos de prazer. “Estou tão feliz por você. Isso é incrível, Emily. Sabia que ia dar tudo certo no final”.

“Certo, tenho que ir agora”, Emily exclamou. “Temos um monte de trabalho a fazer!”

Daniel a pôs de volta no chão. Eles se entreolharam mais uma vez, animados, e então saíram correndo da festa no iate club e correram pela praia, chutando a areia em sua pressa de chegar em casa.

O sonho ainda estava vivo, Emily pensou enquanto corria. E, no momento, era só isso que importava.

# CAPÍTULO QUINZE

Gus e seus amigos deveriam chegar às 20h da noite seguinte, o que significava que Emily tinha menos de 24h para preparar a pousada. Sabia que a única maneira de deixar tudo pronto a tempo seria aceitar todos os favores que pudesse. Então, assim que o sol raiou, incentivados pela comida de graça, todos os amigos de Emily em Sunset Harbor passaram pela porta da frente como um colônia de abelhas.

O primeiro a chegar foi George, o amigo de Daniel que havia restaurado o vitral Tiffany. Chegou vestido para um dia de trabalho duro em um macacão manchado de tinta. Birk também apareceu rapidamente, seguido por Karen.

“Estou tão feliz por tudo ter dado certo para você”, Karen disse, sorrindo jovial para Emily. “Nem posso acreditar que conseguiu lotar a pousada menos de uma hora depois de ter me dito que talvez tivesse que fechá-la!”

“Eu sei”, Emily disse. “Essa foi por pouco. Mas, sem minha placa, as coisas ainda estão meio que suspensas”.

Karen assentiu. “Sobre isso... Tenho ligado para alguns dos outros membros do comitê de zoneamento. A queixa de Trevor vai atrasar a permissão por, pelo menos, mais um mês”.

“Um mês?” Emily quase gritou, exasperada. Era a última coisa que queria ouvir. Já vinha se segurando na ponta dos dedos por três semanas inteiras sem sua placa; não tinha certeza se teria a resiliência ou força de vontade para se aguentar por mais um mês. O mundo não estava cheio de senhores ricos como Gus, esperando para reservar todos os quartos de sua pousada.

“Eu sei”, Karen disse, mordendo o lábio. “Não ajuda o fato de Derek ter arrumado Marcella como sua ajudante agora. Ela segue as regras estritamente. Nem acho que goste de Trevor, mas ainda garante que tudo seja feito ao pé da letra”. Ela apertou o braço de Emily. “Vai ficar tudo bem. Estou fazendo tudo o que posso”.

Emily assentiu. Mas apesar de saber que Karen daria seu melhor para ajudar, também sabia que Trevor Mann era um oponente formidável. Se tivesse Marcella ao seu lado para garantir que tudo fosse feito impecavelmente, podia levar semanas antes da permissão ser dada.

Quando Karen saiu, Emily decidiu que tinha que tirar tudo aquilo da cabeça e focar nas demandas atuais – organizar a pousada, garantir que tudo estivesse perfeito para Gus e seus amigos. Estava determinada a aproveitar esse final de semana e torná-lo perfeito para todos. Pelo menos, se tudo desmoronasse, ela teria a lembrança deste final de semana para guardar.

Nesse momento, Emily notou Cynthia em sua bicicleta, vindo pelo caminho de cascalho até a casa – a última ajudante a chegar. A mulher mais velha saltou da bike e subiu os degraus do terraço, onde Emily a esperava.

“Achei que acordar cedo fosse coisa do passado”, ela murmurou. “Fazem anos que não tenho que acordar a essa hora da manhã para uma pousada”.

Emily riu e a levou até a cozinha, onde os outros estavam reunidos. Daniel serviu café fresco e bagels para todos.

“Certo”, Emily disse, voltando-se para o grupo. “Temos até as 20h para aprontar tudo. Isso só nos dá 12 horas! Daniel, pode supervisionar a reforma no terceiro andar? Chamei profissionais para polir o assoalho. George, você vai substituir as molduras e o vidro das janelas em três dos quartos de cima. Karen e Birk, se puderem, por favor, levem todos os móveis para os quartos do

segundo andar, então, assim que o piso estiver pronto, poderemos levar todos os tapetes, móveis e camas até o terceiro andar”. Então, ela se virou para Cynthia. “Espero que ainda tenha alguns contatos de quando era gerente de pousada, porque ainda não consegui encontrar um encanador que queira instalar pias, chuveiros e vasos sanitários em vinte banheiros de suítes!”

“Parece que você precisa de um exército inteiro de encanadores”, Cynthia replicou. Então, sorriu. “Deixe comigo. Conheço os caras”.

Tarefas designadas, todo mundo desapareceu para os andares de cima, para começar o trabalho. Logo, a casa parecia um enxame, com todo aquele barulho e movimentação, com os gemidos de Karen e Birk enquanto subiam com dificuldade guarda-roupas e penteadeiras pelas escadas, o constante barulho de fundo de máquinas polidoras enquanto os profissionais faziam seu trabalho, o martelar de George substituindo algumas das molduras das janelas, e o tagarelar de Cynthia ao telefone enquanto ligava para todos os contatos que conseguia, tentando resolver a questão dos encanadores.

Apesar do caos, Emily se sentia muito animada por ver tudo se organizando tão rápido. Barry e seu exército de encanadores chegou às 10h da manhã. O limpador de janelas chegou meia hora depois. Às 11h, havia tantas pessoas perambulando pela casa que Emily perdeu as contas! Estava tão caótico que quase não teve tempo de pensar no fato de que, às 20h, teria vinte quartos e suítes funcionais e que cada um deles estaria acolhendo um hóspede!

Ao meio-dia, Emily chamou todos para uma pausa, e seus amigos se reuniram na cozinha para comer sanduíches e salgadinhos, deixando os profissionais continuarem seu trabalho.

“Como está o piso?” Emily perguntou a Daniel enquanto preparava uma garrafa nova de café.

“Está quase pronto”, Daniel replicou, dando uma mordida num sanduíche de queijo. “Estou feliz por você ter contratado profissionais. Estão levando metade do tempo que nós levamos para aprontar o salão de baile”.

Emily sorriu ao lembrar da época em que ela e Daniel trabalharam juntos para reformar a casa. Se tivesse mais tempo, teria preferido que os dois fizessem tudo sozinhos. Era mais romântico... e, certamente, mais barato!

Ela terminou de preparar o café e distribuiu as canecas. Mas nem teve a chance de sentar para almoçar, porque Raj Patel, da loja de flores e jardinagem, chegou no mesmo instante com dois imensos buquês de flores nos braços.

“Ai, meu Deus”, Emily gritou, correndo da cozinha para o corredor. “Elas são maravilhosas!” Pegou as lindas flores em cores vivas que Raj havia trazido. “Mas como você sabia que eu precisava delas? Não faço uma encomenda há semanas”. Com tudo o mais que tinha que organizar, tinha-lhe escapado completamente encomendar flores.

“É uma cidade pequena”, Raj disse, como explicação. “Todo mundo sabe que a pousada estará cheia neste final de semana. Quanto tempo até que cheguem?”

Emily consultou seu relógio e engoliu em seco. “Oito horas!”

Raj sorriu. “Você dá conta”, ele disse, encorajando-a. “Estas são para o corredor”, explicou, apontando para o buquê de verão que continha girassóis e narcisos, “e estas são para a sala de jantar”, falou, sobre o buquê mais elegante, com petúnias brancas, jasmims e magnólias. “Se alguém se interessar, informe que eu faço decorações de casamentos, batizados, funerais, a coisa toda. Tome, tenho alguns cartões de visita se não se importar em deixá-los à mostra”.

Emily certamente não se importava. Se Raj iria fornecer flores grátis, o mínimo que podia fazer era enviar-lhe o máximo de clientes que pudesse.

“Ah, eu realmente preciso encomendar cartões de visita em algum momento”, ela disse, mordendo o lábio, lembrando-se do constrangimento por não ter nada para dar a Gus na noite

anterior. Nem todo mundo seria tão condescendente com a desorganização dela. Além disso, não queria perder clientes pagantes só porque não havia conseguido imprimir seu número e endereço num cartão de papel brilhante! Mas coisas mais importantes a fazer, como garantir que os hóspedes tivessem uma cama onde dormir e vasos sanitários com a descarga funcionando.

Assim que Raj saiu, ele passou por Serena, que estava voando pelo corredor pela porta da frente, carregando vários sacos de papel marrom que pareciam mais pesados que ela.

“O que está fazendo aqui?” Emily exclamou. Não havia pedido a ajuda de Serena porque sua jovem amiga universitária vivia a duas horas de carro.

“Bem, fui naquela loja de departamentos”, Serena falou, animada. “E peguei tudo o que você queria”. Ela listou tudo em seus dedos enquanto falava. “Edredons, conjuntos de fronhas em azul-marinho, verde, carmim e amarelo-mostarda, e até consegui mantas combinando”.

Emily havia perguntado a Serena, há muito tempo, sobre a possibilidade dela passar algum dia numa lojinha independente na cidade onde estudava, para escolher jogos de cama luxuosos, feitos sob medida, e deixá-los na pousada na próxima vez que dirigisse até Sunset Harbor. Apesar dela ter jogos de cama suficientes para vinte convidados, esses eram os jogos de cama específicos que Cynthia sugeriu que utilizasse. Mas não esperava que a Serena chegasse tão rápido, ou fizesse todo esse esforço apenas para ajudar Emily. Era uma verdadeira amiga, Emily percebeu, e estava além de grata por seu apoio e ajuda.

“Agora sei por que as sacolas estão tão pesadas!” Emily exclamou, olhando maravilhada para as lindas cores e tecidos. “Mas eu não esperava que você fizesse isso por mim. Você é incrível. Realmente”.

“Não há problema”, Serena disse, massageando as câimbras em seus ombros, após carregar as pesadas sacolas. Deu a Emily o recibo. “Aliás, a vendedora estava muito animada. Falou que não via um pedido tão grande há anos. Acho que quer vir e se hospedar em algum momento ao longo do verão”.

“Uau”, Emily disse, surpresa. “Não apenas conseguiu comprar todos os jogos de cama que eu preciso, também me conseguiu uma cliente em potencial? Deveria lhe mandar fazer compras para mim o tempo inteiro. Quer comprar algumas meias novas da próxima vez que estiver na cidade?”

Serena riu. “Ah, antes que me esqueça”, ela falou, procurando pela sacola e pegando um pequeno maço de algo preso com um eslastico. “Cartões de visita!”

“Ai, meu Deus!” Emily gritou enquanto pegava os cartões das mãos de Serena. “Você fez o design?” Eles eram num delicado tom de azul-céu e a fonte combinava com a da (atualmente, ausente) placa da pousada, assim como com a logo no site.

Serena deu de ombros. “Não é grande coisa. Só usei um dos programas de computador da faculdade para fazê-los, e então, meu amigo, que trabalha numa gráfica, fez um punhado para mim. Imaginei que você iria querer alguns na recepção no caso das pessoas quererem levá-los”.

“Quero. Ficaram incríveis! Obrigada”. Emily abraçou a amiga, tomada por gratidão e emocionada por sua gentileza, mesmo que Serena fizesse parecer que não era grande coisa.

“Certo, então, o que é preciso fazer em seguida?” Serena perguntou, super profissional.

“Não há mais nada para você fazer. Sinceramente. Já fez muito, comprando os jogos de cama e cartões de visita. Apenas vá para a cozinha, beba um café e coma alguns salgadinhos”.

Nesse momento, um homem apareceu na porta da frente. “Tenho uma entrega para a senhorita Mitchell. Salmão fresco”.

Mas assim que Emily foi até a porta assinar pela entrega, o telefone da recepção começou a tocar.

“Eu atendo”, Serena respondeu vivamente.

Emily correu até a porta e recebeu a encomenda de uma peixaria local, a duas cidades dali.

“Os salgadinhos são para qualquer pessoa?” o vendedor de salmão perguntou, com um sorriso maroto.

Emily riu, surpresa. “Vou lhe dizer uma coisa. Se colocar todo o salmão no freezer para mim, então, pode se servir”.

Ela sorriu e o homem do salmão parecia deliciado enquanto caminhava para dentro da casa, procurando por guloseimas. Quando ele passou, Emily notou a van de Parker Black estacionando ao lado do caminhão do fornecedor de salmão. Parker parecia desconfiado ao passar pela parte de trás de sua van e trazer as caixas de frutas e vegetais orgânicos que Emily havia encomendado.

“Espero que não tenha encomendado salmão de outra pessoa, que não eu”, ele disse, com um tom de alerta. “Pensei que *eu* era seu fornecedor”.

Emily pegou a caixa. “Você é o meu fornecedor de frutas e vegetais, não para salmão fresco”.

“Por que não posso ser os dois?” Parker perguntou, parecendo magoado.

Emily deu a ele o dinheiro pela entrega. “Bem, não pesca salmão fresco diariamente, pesca? Porque você sabe que só posso ter o melhor na minha pousada. E se não estiver pescando o salmão no dia, não me interessa. Mas estou muito satisfeita com todas essas belas cenouras e batatas que me vende, então, realmente, não há por que ter ciúmes do cara do salmão!”

Emily pensou que estavam brincando, como frequentemente faziam, mas Parker parecia triste enquanto permanecia de pé no seu batente.

“Parker, você está bem?” Emily perguntou, preocupada.

O rapaz levantou os olhos azuis para ela. “Na verdade, atualmente, estou tendo alguns problemas com o fluxo de caixa”.

“Ah. Eu não saiba. Sinto muito”. Emily sabia muito bem o que era ter dificuldades financeiras e o efeito desmoralizante que tinha sobre a confiança de uma pessoa. Sentiu vergonha de ter zombado dele sem dó. “Prometo que comprarei salmão de você da próxima vez que encomendar. Que tal?”

Parker mordeu o lábio. Ele parecia, subitamente, muito jovem, parecendo ter muito menos que 23 anos. “Na verdade, queria saber se você precisa de alguma ajuda na casa”.

“Tudo o que preciso é de ajuda na casa”, Emily disse. Atrás de si, podia ouvir os passos dos trabalhadores subindo e descendo as escadas, enquanto Daniel os dirigia. “Mas posso apenas pagá-lo com café”.

“Quis dizer algo permanente”, Parker disse.

Emily franziu o cenho. “Parker, está me pedindo um emprego?”

Parker enfiou as mãos nos bolsos. “Pensei que precisasse de um cozinheiro”, ele disse, subitamente tímido. “Eu passei uns dois anos na escola de culinária. Tinha o sonho de me tornar um chef antes de tudo o que aconteceu com o negócio da família.”

A arrogância usual de Parker havia deixado-o inteiramente e Emily ficou impressionada. Não fazia muito tempo, havia se inspirado no jovem rapaz por administrar um negócio de sucesso, quando ela mesma estava afundando. Agora, subitamente, a mesa havia virado. Ela estava no outro lado da equação, no pico do sucesso, o que significava que agora tinha a oportunidade de ajudar os outros.

“Sabe de uma coisa”, ela disse, gentil, “provavelmente, poderia ter alguma ajuda no café da manhã. Quer dizer, não vou poder preparar vinte cafés da manhã de uma vez, vou?”

O rosto de Parker se iluminou instantaneamente. “Tem certeza? Vai me contratar?”



“Se está me dizendo que sabe cozinhar”, ela disse, “então, quero lhe dar uma chance”.

Parker sorriu de maneira animada, como sempre, voltando a ser o mesmo cara confiante que ela conhecia. “Emily, você está salvando minha vida”.

“Preciso de você aqui às seis em ponto”, ela disse, levantando um dedo, como para dizer, *Não estrague tudo*.

O rapaz sorriu. “Com certeza, chefe. Vejo você amanhã!”

Emily o observou caminhar casualmente pelo caminho e subir em sua van, refletindo se havia cometido um terrível erro. O fato de agora ser responsável pelo emprego de alguém, de repente, era mais uma coisa com que se preocupar.

Quando voltou para o corredor, viu que Serena ainda estava ao telefone, lidando educadamente com o que parecia ser um vendedor muito persistente. Emily fez uma careta, mas Serena continuou sorrindo como sempre. Ocorreu a Emily o quanto ela era incrível ao lidar com pessoas, com um carisma natural e um sorriso encantador.

Assim que Serena desligou o telefone, Emily disse, “Ei, acha que poderia ajudar na pousada neste final de semana? Ficar na recepção quando eu estiver ocupada, ajudar a receber os hóspedes e mostrar a eles seus quartos, servir o café da manhã, esse tipo de coisa? Eu pago”.

Emily pensou que, se iria confiar qualquer tipo de responsabilidade a Parker, deveria, ao menos, ter alguém em quem confiava mais para supervisioná-lo quando não pudesse. Além disso, Serena era uma estudante, e sempre estava desesperada por algum dinheiro extra.

“Verdade?” Serena disse, rindo. “Isso seria incrível. Mas eu poderia dormir aqui? Não posso dirigir até minha casa toda noite”.

Todos os quartos da pousada receberiam hóspedes. Ainda havia alguns cômodos no segundo andar que ainda não haviam sido reformados, como o escritório do seu pai, por exemplo. Ela teria apenas que armar uma cama para Serena lá.

“Sim, posso arrumar um quarto para você, sem problemas”, Emily replicou.

“Certo, então”, Serena disse. “Estou dentro”.

Emily sorriu. Estava reunindo uma equipe. Ficou impressionada como tudo havia virado de ponta cabeça tão rápido. Começava a gostar daquilo.

O dia correu e Emily continuava a checar o horário constantemente. Parecia que as horas se passavam mais rápido que o normal! Os andares estavam prontos às 14h, e agora vinha a monumental tarefa de tirar a poeira e passar o aspirador. Às 15h30, todos os móveis haviam sido colocados nos quartos do terceiro andar e todo mundo passou prontamente à arrumação das camas. Às 17h, Emily chamou para outra pausa. Todos se reuniram na cozinha para comer e beber café, mas ninguém conseguia encontrar Cynthia. Emily foi para a sala de estar e a encontrou sentada ao piano, apertando algumas das teclas desafinadas.

“Estava pensando que deveria afinar esta coisa”, Cynthia disse, “se Gus e seus amigos são alunos da St. Matthew. Você sabe o quanto eles adoram uma boa cantoria”.

Emily caminhou até o velho piano do seu pai. Não lhe havia ocorrido sequer checar se funcionava ou não; havia simplesmente limpado-o, mais como uma decoração do que como um instrumento.

“Conhece alguém que possa fazer isso ainda hoje?” Emily perguntou. Olhou para o relógio. “Em três horas?”

“É claro!” Cynthia sorriu vivamente, pegando o telefone sem fio do sofá.

“Espere”, Emily disse, antes que Cynthia tivesse a chance de digitar qualquer número. “A afinação será muito cara? Não sei mais quanto dinheiro posso gastar”.

Cynthia encarou Emily. “Não vai lhe custar mais do que duzentos dólares. E você está prestes

a ganhar dezenas de milhares de dólares, minha querida, então, o mínimo que pode fazer é deixar esta linda relíquia novamente numa condição 'tocável'. Jeremy tem aulas de piano com um rapaz muito simpático, chamado Owen. Tenho certeza que pode vir esta noite para afiná-lo”.

Nesse momento, Emily ouviu a campainha tocar. Então, ela cedeu, deixando Cynthia resolver a questão do piano, e foi responder a porta. Era Jason, o bombeiro que havia encontrado no dia que a torradeira explodiu.

“Você veio pegar os cães”, Emily disse, sentindo uma pontada de tristeza. Jason havia concordado em cuidar de Mogsy e de Chuva durante o final de semana, já que a casa estaria tão cheia e barulhenta. “Vou buscá-los”.

Mogsy deve ter sentido as emoções de Emily, porque, assim que ela entrou na área de serviço, imediatamente a olhou com sua carinha triste e começou a choramingar, o que também despertou Chuva.

“Não torne isto mais difícil do que já é”, Emily disse, com a voz embargada.

Ela prendeu suas coleiras e os levou até o carro de Jason, onde a bebê Katy estava dormindo contente em sua cadeirinha. Seja por causa da emoção que Emily já estava sentindo ao dizer adeus aos cães, ou por outro motivo, ela subitamente teve um imenso desejo de ser mãe. A bebê parecia tão perfeita, calma e inocente. Assim como quando Emily havia visto as crianças do jardim de infância no desfile, sentiu a vontade de ter filhos aumentar.

Emily convenceu Chuva a entrar no porta-malas do carro com uma guloseima, mas Mogsy ficou um pouco mais reticente e demonstrou ser mais teimosa. Ela baixou as patas de trás enquanto Emily puxava a coleira.

“Não será para sempre”, disse à cadela, acorando-se e acariciando seu pelo áspero. “Será por pouco tempo. Não vou abandonar você, prometo”.

Mogsy deixou cair pesadamente sua cabeça sobre o joelho de Emily, fazendo seu coração doer ainda mais.

“Ela ficará bem assim que vir Trovão”, Jason disse, gentil.

Emily assentiu, triste. Jason estava certo. Eles se divertiriam muito com o outro filhote de Mogsy, mas se despedir ainda era de partir o coração. Ela havia se apegado a eles muito mais do que queria, ao longo das últimas semanas. Sentia como se fossem seus filhos, de certa forma, parte da estranha família que havia criado com Daniel.

Emily finalmente conseguiu fazer Mogsy entrar no carro, e então observou enquanto Jason ligava o motor e acenava adeus. Ela continuou observando o carro até ele desaparecer completamente, o som do choramingar de Mogsy audível durante todo o caminho até a rua.

Por fim, com a garganta apertada de emoção, ela voltou a encarar a pousada. Dali, podia ver pela porta da frente aberta enquanto as pessoas corriam para cima e para baixo. Podia ver Cynthia pela janela da sala de estar, falando ao telefone com o pianista, convencendo-o a vir afinar o piano. Várias das janelas do terceiro andar estavam abertas para arejar os quartos, e delas vinha o som de furadeiras e marteladas. Ainda havia muito a fazer antes que Gus e seus amigos chegassem, às oito.

Emily entrou apressada para finalizar os últimos retoques. O último banheiro ficou pronto às 19h30, e Emily rapidamente botou o exército de encanadores para fora. Então, era necessário varrer e passar o aspirador de pó, assim como acender velas perfumadas para iluminar cada um dos quartos, para dispersar o cheiro de verniz e de cola. Um a um, os amigos de Emily começaram a ir embora. Birk primeiro, depois Karen, e então Cynthia e George, todos desejando-lhe boa sorte.

Enquanto os ponteiros do relógio se aproximavam cada vez mais das oito, finalmente ficaram

apenas Emily, Daniel e Serena. De repente, Emily percebeu que a entrega especial de bebidas ainda não tinha chegado. Gus havia pedido taças de certas marcas de vinho e porto à disposição na sala de estar durante a chegada. Ele a reembolsaria depois, mas Emily tinha que fazer o pedido e pagar por tudo agora. A ideia de gastar mil dólares agora não a deixava muito animada.

Nesse momento, ouviu o som de pneus na entrada da casa.

“Essa foi por pouco!” exclamou enquanto corria até a van de bebidas.

Ela deu uma imensa pilha de dólares para o cara da entrega enquanto Daniel e Serena descarregavam as caixas.

“Rápido, pessoal, sirvam o vinho”, Emily ordenou enquanto corria de volta para a sala de estar.

Quando a última gota caiu na vigésima taça, o relógio de pêndulo anunciou que eram oito horas.

# CAPÍTULO DEZESSEIS

Emily ficou parada nos degraus do terraço, com um nó no estômago por causa da expectativa. Não podia dizer se era de animação ou de apreensão, apesar de, provavelmente, ser as duas coisas. Nunca havia se sentido tão nervosa.

O sol estava começando a se pôr, então, acendeu rapidamente as velas que iam pelos degraus do terraço até a porta da frente.

“Relaxe”, Serena disse. “Você precisa relaxar”.

Emily olhou para a amiga, que parecia uma verdadeira recepcionista numa blusa azul e saia-lápis preta. Estava usando um batom vermelho vivo, sua marca registrada, o que realçava sua beleza impressionante e complementava seus longos cabelos negros.

Emily assentiu. “É que realmente preciso que isso funcione”.

“Vai dar certo”, Serena replicou. “Não se preocupe”.

Emily tentou relaxar, mas Serena não sabia o quanto dependia deste final de semana. Ficava remoendo as coisas em sua mente, com medo de ter esquecido algo. Sua cabeça estava a mil, pensando em coisas como salmão assado, fronthas azul-marinho, gel de banho em miniatura e louça Denby. Tinha certeza de que tudo estava pronto, todos os itens da lista, mas aquilo ainda não lhe impedia de se preocupar com alguma eventualidade.

Nesse momento, um Rolls Royce creme dobrou no caminho em frente à casa e Emily ficou tensa. “É ele. Chegou”.

Serena a cutucou de leve. “Sorria, sim? Parece uma diretora de funeral!”

Emily transformou sua expressão num sorriso acolhedor, apesar da súbita angústia que sentiu por ter escolhido vestir um conjunto todo preto.

O carro parou e Gus saiu. Ele estava quase idêntico a quando Emily o conheceu, na noite anterior, usando calças cáqui e um suéter de críquete combinando, com a bengala de lado. Emily se perguntou se todos os pertences do cavalheiro eram da cor creme e se ela deveria ter decorado um dos quartos nesse tom, especificamente para ele.

“Ali está ela”, Gus falou, com um sorriso, enquanto subia os degraus do terraço até Emily. “Meu anjo do céu”. Eles apertaram-se as mãos e ele a beijou no rosto. “E quem é esta criatura divina?” perguntou, olhando para Serena e também beijando-a no rosto.

“Esta é Serena”, Emily disse. “Ela trabalhará comigo na pousada durante o final de semana”.

Gus pareceu extremamente satisfeito e Emily gostou de ter feito uma escolha tão boa ao empregar Serena para o feriado prolongado.

“Os outros estão a caminho”, Gus disse. “Estamos todos muito animados. Nós nos reunimos o mais frequentemente possível, mas este é, de longe, o evento mais esperado. Temo que manteremos as duas damas acordadas com a nossa cantoria. Nós, 'St. Matthewianos', gostamos muito de cantar. Ah, aí estão eles”.

A sensação familiar de angústia voltou enquanto Emily observava vários carros caros dobrarem na entrada da casa e começarem a estacionar. Seu coração passou a bater num ritmo ainda mais acelerado.

“Georgial!” Gus gritou, saudando a primeira mulher a chegar nos degraus do terraço. “Venha conhecer Emily. Emily, esta é Georgia Walters. Ah, e ali está o Hank! Hank Lloyd, estas são Emily e Serena”.

Mais e mais pessoas começaram a sair de seus carros, saudando uns aos outros com gritos de alegria. Gus também assegurou que todos fossem apresentados a Emily e a Serena, e Emily recitou seus nomes várias vezes em sua mente, determinada a se lembrar de cada um.

“Por favor, por aqui”, ela disse, levando os hóspedes até a sala de estar, para beberem sua taça de vinho de boas-vindas, enquanto Serena permaneceu no terraço, recebendo os demais.

“Ah, Deus, que sala maravilhosa!” uma mulher chamada Sally exclamou. “E suas obras de arte são adoráveis. Este é um Turner?”

“Sim, é”, Emily replicou.

“Ah, Georgia, venha ver esta lareira!” Sally exclamou. “É mármore de verdade?”

Emily assentiu enquanto Georgia Walters se juntava à amiga.

“Adorei esta luminária”, acrescentou, indicando uma luminária vitoriana de bronze.

As duas mulheres continuaram a elogiar os móveis enquanto Emily distribuía taças de vinho para os homens, que já estavam em meio a uma conversa aparentemente hilária. A casa nunca esteve tão barulhenta. Por algum motivo, Emily esperava que seus hóspedes mais velhos fossem tímidos e calmos, mas eles não eram nem uma coisa nem outra. Eram incrivelmente barulhentos.

Mais e mais pessoas entravam na sala de estar e, após quinze minutos, todos os vinte hóspedes já estavam reunidos, com uma taça de vinho na mão. Todos, menos Gus, que preferiu vinho do porto.

“Onde está sua bebida, Emily?” Gus perguntou ao se aproximar dela, com a taça de porto na mão.

“Não vou beber esta noite”, Emily replicou. “Afinal, estou trabalhando”.

“Trabalhando?” Gus exclamou. “Não quero nada disso. Quero que se divirta. Relaxe. Junte-se a nós!”

“Isso é muito gentil”, Emily disse, “mas, realmente, tenho que me manter atenta”.

Gus meneou a cabeça, mas fez isso de uma maneira bem intencionada. “Bem, você tem feito um excelente trabalho até agora, se me permite dizer. Nunca os vi tão animados. Tenho a sensação de que esta será nossa melhor reunião”.

Emily se encheu de orgulho, apesar de ainda se sentir tensa e apreensiva. “Que ótimo. Estou realmente feliz por tudo estar de acordo até agora”.

Gus foi rapidamente distraído por outro de seus amigos e foi até ele, conversar.

Serena se aproximou. “Como está se segurando?” perguntou, do canto da boca.

“Até agora, tudo bem”, Emily disse.

“Eles parecem legais”.

“Eles parecem barulhentos”, Emily acrescentou. “Seria melhor começarmos o check-in. Tenho a sensação de que vai levar um bom tempo para mostrar a todo mundo seu quarto”.

“Acho que está certa”, Serena disse. “Mas não há pressa. Vamos apenas fazer um ou dois por vez. Assim que alguém esvaziar sua taça, nós o agarramos”.

“Esse parece um bom sistema, assim como qualquer outro”, Emily disse, rindo.

Emily escaneou o grupo e viu que um homem vestindo calças xadrez e uma regata preta sob uma camisa amarela estava segurando uma taça vazia. Ela foi até o cavalheiro de bochechas coradas.

“Boris?” perguntou, esperando ter memorizado seu nome corretamente.

“Sim, minha querida”, o homem disse.

“Posso lhe mostrar seu quarto?”

“Ah, sim, sim! Isso seria maravilhoso”.

Boris colocou a taça vazia sobre o aparador e Emily tentou não gemer por ele não ter usado

um porta-copos. Teria que se habituar a isso, às pessoas na sua casa, tratando-a de maneiras que ela, pessoalmente, nunca faria.

Abaixou-se para pegar a pesada mala de Boris, e então ele a seguiu para fora da sala, enquanto mostrava o caminho. Serena também havia coletado um hóspede, uma mulher que Gus havia apresentado como Carmel, e estava lutando com o que parecia ser uma mala igualmente pesada. Emily e Serena trocaram um sorriso enquanto caminhavam ao longo do corredor, com músculos tensos, em direção à escada.

“Ah, Deus”, Boris disse, enquanto Emily o levava até o segundo quarto do terceiro andar, aquele em que ela e Daniel haviam assistido à tempestade. “Que quarto maravilhoso”.

“Obrigada”, Emily disse. Ela adorava o quarto também, e não podia acreditar que o pequeno cômodo havia sido transformado em apenas um dia. Agora, tinha uma cama king-size de madeira escura com um jogo de cama verde e manta combinando. A mobília era composta por um guarda-roupa, uma das antiguidades de Rico, feito de castanheira sólida, criados-mudos com lindos abajures combinando, e uma cômoda comum com um grande espelho sobre ela. O resto dos quartos do terceiro andar eram decorados de maneira semelhante.

Boris foi até a grande janela e olhou para as nuvens rosadas que pontilhavam o céu com linhas alaranjadas. “É impossível se cansar do pôr do sol de Sunset Harbor”, ele disse, saudosos.

Ele tinha razão, e Emily não pôde evitar repetir suas palavras várias vezes em sua mente. Podia ver o amor que sentia por Sunset Harbor em seus olhos enquanto olhava pela janela em adoração e reconheceu a mesma emoção dentro de si mesma. Era algo que ela sentia intensamente e com frequência, que Sunset Harbor não era um lugar do qual alguém pudesse enjoar, que transmitia-lhe beleza e sabedoria, e que tinha lições para ensiná-la. Mais do que tudo no mundo, Emily queria que sua pousada fosse um sucesso, para que pudesse ficar. Não queria nunca se tornar alguém que tinha saudades do pôr do sol de Sunset Harbor.

Depois que Boris se acomodou, Emily desceu novamente para continuar o processo de check-in dos hóspedes. Serena tinha razão em não ter pressa. Ninguém parecia estar com muita vontade de dormir cedo, e o grupo transitava livremente entre o terraço e a sala de estar. Mas isso terminou sendo algo bom, e Emily e Serena ficaram cada vez mais cansadas de carregar as pesadas malas para o andar de cima. Levou uma hora inteira para fazer o check-in de todos, mas, finalmente, as malas estavam seguras em seus quartos e cada um tinha uma chave no bolso.

Todo mundo era só elogios, falando dos luxuosos jogos de cama e móveis antigos, e Emily estava aliviada por ter conseguido padronizar a pousada, e por ninguém ter descoberto que a casa ainda estava no processo de reforma naquela mesma manhã. Também ficou feliz em saber que ninguém, até agora, havia reclamado ou pedido reembolso.

O grupo se reuniu novamente na sala de estar para aproveitar a noite.

Emily se juntou a Serena, que estava de pé no batente da porta.

“Assim que forem para a cama”, Emily disse, “deveríamos dormir um pouco também. Vamos começar assim que o sol aparecer”.

“Sinto que eles não vão dormir nem tão cedo”, Serena disse.

Ela indicou com a cabeça onde Boris estava sentado, ao piano.

“Gus me alertou que eles gostam de cantar”, Emily disse.

“Bem, prepare-se”, Serena replicou. “Porque lá vamos nós”.

Boris dedilhou algumas teclas no piano e, em questão de segundos, a sala inteira explodiu com as vozes de todos os hóspedes, alegres, balançando de um lado para o outro e dando-se os braços enquanto cantavam uma música animada sobre a St. Matthew’s.

“Talvez, eu devesse ter tomado uma taça de porto, afinal”, Emily disse a Serena.

\*

A festa ainda estava muito animada às dez. Às onze, eles não estavam nem mesmo mostrando sinais de cansaço. Por volta de onze e meia, alguns do grupo começaram a subir as escadas e a sala começou a se esvaziar. Mas era perto de meia-noite no momento em que Serena e Emily finalmente puderam fechar tudo.

“Não se importe com a bagunça”, Emily disse, quando viu Serena começar a reunir taças. “Vanessa virá amanhã de manhã para limpar e arrumar. Ela disse que estava enlouquecendo por passar o dia inteiro em casa com Katy e queria ganhar um dinheiro extra”. Emily pegou a chave da sala de estar de seu bolso e a balançou no ar. “Este é um truquezinho que Cynthia me ensinou”. Ela levou Serena para fora da sala até o corredor, e então se virou para trancar a porta. “Vê? Agora, não há chance dos hóspedes acidentalmente entrarem na sala de estar bagunçada. Tudo o que verão de manhã será a sala de jantar, brilhando de tão limpa”.

“Espertinha”, Serena replicou.

Elas começaram a subir as escadas para dormir.

“Você vai ficar bem no escritório?” Emily perguntou novamente a Serena. “Poderia ficar no meu quarto e eu durmo na casa de Daniel”.

“Está brincando?” Serena exclamou. “Não vai me deixar aqui com este fardo!”

Emily observou a amiga subir os degraus até o recém-renovado terceiro andar, maravilhada com a rapidez da transformação. Levaria um tempo para absorver o fato de que o terceiro andar não estava mais entulhado com os pertences empoeirados de seu pai. Após tantos meses, a tarefa aparentemente insuperável de selecionar suas coisas estava perto do fim.

Emily parou ao lado da porta de seu próprio quarto. Era tão estranho para ela ver uma pequena plaquinha dizendo “Entrada autorizada apenas aos funcionários”, e saber que a porta tinha que permanecer trancada a chave. A casa parecia menos com um lar para ela agora, e apesar de estar gostando da experiência de ter a pousada, também sentia falta da sensação de posse que encontrara no início da restauração da casa.

Emily fechou a porta do seu quarto e a trancou de chave, mergulhando na escuridão. Respirou fundo, deixando que o frenesi do dia fosse embora. Nesta manhã, havia acordado com uma imensa reforma em suas mãos, enquanto que, à noite, estava indo dormir com uma pousada lotada de hóspedes.

Vestiu-se em silêncio para dormir, olhando pela janela para o jardim, para a antiga garagem, onde Daniel estava dormindo. Quase não teve a chance de conversar com ele hoje, a não ser para dizer-lhe para tostar mais bagles e carregar móveis para o andar de cima. E, na noite passada, havia interrompido o encontro deles por causa das novidades da pousada. Depois, ela o havia rejeitado naquela noite, dizendo que parecia inapropriado ele dormir com ela. Percebeu que tinha que encontrar uma maneira de encaixar Daniel em sua agenda agitada de alguma forma, porque, se não fizesse isso, a distância emocional que já existia às vezes entre eles poderia facilmente se tornar um fosso.

Exausta, Emily finalmente se deitou na cama. Mas mal havia encostado a cabeça no travesseiro, foi lançada novamente num estado de alerta total por um som estridente vindo do andar de cima. Alguém estava gritando.

# CAPÍTULO DEZESSETE

Emily pulou da cama e vestiu seu robe às pressas enquanto saía correndo do quarto. As luzes no terceiro andar já estavam acesas. Subiu as escadas rápido e encontrou um pequeno grupo de pessoas reunidas no corredor.

“O que está acontecendo?” Emily perguntou, indo na direção deles.

No centro do grupo estava Sally, usando nada mais do que uma camisola de seda rosa, com bobs nos cabelos. Ela olhou para Emily enquanto abria caminho pelos hóspedes.

“Ah, é terrível, simplesmente terrível!” Sally exclamou.

Pegou a mão de Emily e a levou até o quarto. Emily imediatamente teve vontade de vomitar; o fedor era insuportável.

“O que é isto?” ela exclamou, cobrindo a boca com a mão.

“Ali”, Sally disse, apontando para o banheiro.

Emily caminhou na direção dele e abriu a porta. O chão estava todo molhado. Ela ficou perplexa ao perceber que um dos recém-instalados vasos sanitários havia entupido e estava inundando o quarto.

“AH, NÃO!” Emily exclamou.

Seu instinto natural seria entrar em pânico, mas sabia que isso não ia ajudar. Tinha que ser uma gerente, uma anfitriã, e isso significava manter a calma. Ela se recompôs e saiu do banheiro. Sally estava sentada na cama, com as mãos dobradas no colo.

“Vou chamar o encanador imediatamente”, ela disse. “Enquanto isso, gostaria que ficasse em meu quarto esta noite”.

“Ah, eu não poderia”, Sally replicou.

“Por favor”, Emily disse. “Eu insisto. Posso dormir em um dos quartos reserva. Ficarei bem”.

Ela guiou Sally pelo corredor.

“É só um problema com o encanamento”, garantiu aos outros hóspedes. “Nada com que se preocupar”.

Eles voltaram para seus próprios quartos lentamente.

Emily levou Sally para o segundo andar e a instalou no quarto principal.

“Pronto, pedirei para Serena deixar a cama pronta para você”, Emily disse.

Ela foi procurar por Serena correndo. Satisfeita por sua hóspede estar bem cuidada, Emily desceu as escadas e procurou pelo número de Barry, o encanador. Já passava da meia-noite, mas ele respondeu rapidamente.

“Tenho uma emergência”, Emily disse. “Um vaso sanitário entupiu. Pode ajudar?”

“É claro”, Barry replicou. “Eu fiz a instalação. Sinto muito. Vou consertá-lo sem custos para você”.

Ela desligou e respirou fundo. Não podia acreditar em tanto azar. Em qualquer outra noite, ela poderia colocar Sally num quarto diferente, mas o vaso sanitário entupir na noite em que todos os quartos estavam ocupados parecia apenas o destino brincando com ela!

Sentada na sala de estar às escuras, Emily tremia na sua camisola fina e tentou pensar sobre onde dormiria naquela noite. Havia o sofá, é claro, mas este cômodo estava uma bagunça. Tanto que teve que trancar a porta e deixar Vanessa lidar com a bagunça amanhã. Então, havia a opção de chamar Daniel, mas Emily não queria aparecer na casa dele como uma donzela em apuros.



Além disso, não seria justo com Serena. E se acontece outro desastre durante a noite?

Emily ouviu o som de pneus sobre o cascalho e correu para a porta da frente, vendo Barry estacionar sua van. Ele saiu e correu na direção dela.

“Sinto muito, não sei o que pode ter acontecido”, balbuciou enquanto ela o fazia entrar.

“Isso não importa agora”, Emily disse. “Por favor, só me diga que pode consertar”.

“É claro”, Barry disse. “É claro”.

Ela mostrou a ele o quarto no terceiro andar, onde Serena estava desesperadamente tentando enxugar a água com panos velhos. Em apenas meia hora, tempo que Barry levou para chegar, a inundação havia piorado, e o mau cheiro estava insuportável.

“Meu Deus”, Barry disse, meneando a cabeça. “Sei qual é o problema”.

Ele abriu a caixa de ferramentas, pegou uma chave inglesa e começou a trabalhar. Emily estremeceu a cada barulho que ele fazia, sabendo muito bem que aquilo ia incomodar os hóspedes.

Serena se aproximou para confortá-la. “Está surtando?”

Emily fez que sim com a cabeça. “E se todos pedirem um reembolso?”

“Não vão”, Serena assegurou. “É apenas um vaso sanitário. Do jeito que aquela mulher estava gritando, parecia que tinha visto um fantasma!”

Apesar do cansaço e da angústia, Emily não pôde deixar de sorrir. Estava tão feliz por Serena estar ali para ajudá-la e fazer tudo parecer menos dramático. Porque, realmente, se os hóspedes fossem embora e pedissem um reembolso, seria o fim de tudo. Emily já tinha mais ou menos gasto o dinheiro!

“Serena, por favor, volte para a cama”, Emily disse. “Eu gerencio isso. Já fez mais do que suficiente”.

Serena assentiu e voltou ao escritório, para dormir.

Finalmente, a uma hora da manhã, o banheiro estava consertado. Emily levou Barry até a porta em silêncio, para evitar mais barulho.

Então, sem nenhuma outra escolha, ela abriu a porta da sala de estar e criou uma cama improvisada para si no sofá.

\*

Após o que pareceu nada mais que um minuto depois de deitar sua cabeça sobre a almofada, o despertador começou a apitar subitamente, para que ela acordasse. Seus olhos se entreabriram, desorientados pelo fato de haver apenas uma luz muito fraca entrando na sala, e seu primeiro pensamento foi que seu despertador havia dado defeito novamente. Mas quando o pegou e leu a hora, viu que eram realmente 5h30, e que tinha que acordar.

Acordar naquela manhã foi quase tão difícil quanto naquele tempo em que a casa estava abandonada e congelante. Ela se sentia esgotada até os ossos. Quatro horas de sono não eram suficientes para ninguém poder funcionar, ainda mais passadas sobre um sofá desconfortável e após um longo reformando quartos e recebendo hóspedes, e vestir-se se tornou mais difícil do que ela havia previsto. Suas mãos estavam desajeitadas enquanto tentava abotoar as calças. Depois, vestiu a blusa ao contrário. Cambaleou pela sala de estar, tentando não fazer muito barulho.

Finalmente pronta, ela se dirigiu para o hall de entrada e foi até a porta da frente, bem a tempo de ver o carro de Vanessa vindo em sua direção. A esposa de Jason desceu do carro e acenou, alegre. Emily se perguntou como a mãe de um bebê podia parecer tão mais desperta do que ela mesma.

Emily saudou a amiga com dois beijinhos no rosto. “Como está tão animada a essa hora da manhã?”

“Ah, por favor, isto é um descanso para mim”, Vanessa disse. “Se você e Daniel tiverem filhos um dia, digo a você, compartilhem as tarefas de alimentação”.

“Manterei isso em mente”, Emily replicou. Tentou sorrir, mas sentiu um aperto no peito com a possibilidade de nunca poder ter filhos com Daniel, porque estavam sempre indo de um desastre com a pousada para o outro, seja apenas sobrevivendo financeiramente ou estagnando e tendo que desistir de tudo. Imaginava se algum dia teriam o tipo de estabilidade necessária para trazer uma criança ao mundo.

Emily levou Vanessa até a sala de estar.

“Minha nossa”, Vanessa disse. “Parece que sosltaram uma bomba aqui. Você me disse ao telefone que eram apenas vinte idosos”.

“Acontece que eles se mostraram ser mais bagunceiros do que eu esperava”, Emily disse, olhando ao redor para as taças de vinho vazias espalhadas por todo lado.

“Sorte eu estar aqui!” Vanessa disse.

Emily agradeceu e então a deixou sozinha para arrumar a sala. Quando pôs os pés no corredor, notou Daniel acabando de passar pela porta principal, com dois ovos nas mãos.

“Presentes de Lola e de Lolly”, ele disse, levantando-os. Então, beijou Emily no rosto. “E este é um presente meu”.

Ela sorriu. “Bom dia”, falou, enquanto caminhavam juntos para a cozinha. “Dormiu bem na noite passada?”

“Melhor do que você, pelo que parece”, ele replicou.

“Ei”, Emily disse. “Você deveria dizer que eu pareço linda”.

Daniel revirou os olhos. “Você sabe que eu te acho linda. Quero dizer que parece cansada, *tanto quanto* linda. Eles lhe mantiveram acordada até tarde? As luzes ainda estavam todas acesas quando cheguei em casa”.

Chegaram na cozinha e, quando Emily foi até a cafeteira para preparar uma garrafa de café fresco, não podia deixar de se sentir desconfiada com o que Daniel falou.

“Sim, estavam acesas até depois da meia-noite. Por que chegou tão tarde?” Ela tentou fazer a pergunta soar inocente, mas podia ouvir um pouco de preocupação em sua voz.

“Fui passear de moto pelos penhascos”, Daniel disse.

“Até depois de meia-noite?”

“Sim”.

Emily manteve o foco na preparação da cafeteira, mas sua mente estava fervendo ao pensar em Daniel precisando estar em movimento, sempre em movimento, nunca acomodado. Se ela tivesse tido uma noite só para ela, teria relaxado em casa e aproveitado o esplendor de tudo que havia criado. Mas Daniel usou aquilo como uma oportunidade de sair por aí, de explorar. Nada o alegrava mais do que estar em movimento. Não era a primeira vez que Emily se preocupava se o relacionamento deles criaria raízes um dia.

Ela terminou de preparar o café. “É melhor eu ir abrir as cortinas”, falou, deixando o cômodo imediatamente, para ter um pouco de espaço.

“Eu ajudo”, Daniel disse, animado.

Ela não disse uma palavra enquanto ele a seguia, abrindo as cortinas nos cômodos do térreo, para que a casa estivesse iluminada e convidativa quando os hóspedes acordassem para o café da manhã.

“Então, como foi a noite passada?” Daniel perguntou, quando voltaram para a cozinha.

“Ainda não me contou”.

“Foi bom”, ela disse, parecendo um pouco irritada. “Todos pareciam satisfeitos. Beberam vinho, cantaram. Foi mais ou menos isso, para encurtar”.

“Ah”, Daniel falou, enquanto ela lhe dava uma caneca de café. “Certo”.

“Desculpe, eu quase não dormi”, Emily disse, tentando afastar seu estado de ânimo. “Um dos vasos sanitários quebrou, então, Barry teve que vir aqui fazer um reparo de emergência, e então tive que pôr uma das hóspedes no meu quarto, por isso, dormi no sofá”.

Era verdade que estava cansada demais para conversar, mas também estava novamente ansiosa sobre seu relacionamento com Daniel. Ela imaginou que o estresse dos últimos dias estava deixando-a rabugenta e exarcebando sua ansiedade. Ela praticamente desabou numa cadeira e engoliu o café.

Nesse momento, Serena entrou, parecendo tão animada como sempre. Ela sorriu quando se serviu de uma xícara de café.

“Fiquei acordada até tarde observando todas as obras de arte que você tem guardadas no escritório”, ela disse. “Deveria pensar sobre exibir algumas. Há um quadro de um farol à noite. Cria uma atmosfera muito boa”.

*Aqueles quadros do farol novamente*, Emily pensou. Ela não havia jogado nenhum fora, já que claramente tinham algum tipo de significado para seu pai e talvez pudessem dar algumas dicas sobre o desaparecimento dele, então, havia guardado todos no escritório. Mas a última coisa em que gostaria de pensar agora era sobre seu pai fugindo com a pintora.

“Talvez”, ela disse, enquanto dava de ombros. “Quer dizer, você é uma artista. Se acha que a casa ficaria melhor com algumas obras de arte, vá em frente”.

“Legal”, Serena disse, sorrindo, claramente sem notar a rispidez no tom de Emily. “Vou pendurar na sala de jantar”.

No mesmo instante, Emily ouviu o som da porta de trás se abrindo, e Parker Black entrou. Ela olhou para o relógio, seus olhos ainda embaçados de sono, e viu que eram seis em ponto. Emily não pôde conter a surpresa; tinha quase certeza de que ele iria aparecer ao menos cinco minutos atrasado.

“Parker?” Emily disse, sem conseguir esconder o tom de surpresa em sua voz.

“Sou eu”, ele disse, da maneira confiante que lhe era própria. “E não precisa ficar tão chocada. Já lhe dei algum motivo para não confiar em mim?”

Antes que Emily tivesse a chance de responder, Parker entrou na cozinha e se serviu de café. Então, saltou no balcão, sentindo-se à vontade, como se fosse parte da equipe. Emily olhou de Serena para Daniel e para Parker, perguntando-se como havia reunido uma equipe tão variada.

Então, através do som do aspirador de pó de Vanessa na sala de estar, Emily ouviu algo vindo bem alto, acima dela, como a porta de um quarto sendo aberta.

“Alguém está vindo para o café da manhã”, ela disse.

Todos olharam para ela, franzindo o cenho.

“Como sabe disso?” Daniel perguntou.

“Estou ouvindo alguém se mover”, Emily replicou, tentando ouvir melhor.

“Não ouço nada”, Parker disse.

“Talvez ela tenha desenvolvido aquele troço que novas mães têm”, Serena disse, sorrindo, “elas acordam se seu bebê simplesmente tosse durante a noite, mas dormem mesmo com o alarme de incêndio acionado”.

Parker riu.

“Você devia perguntar a Vanessa”, Daniel disse.

“Shh!” Emily exclamou. “Ouçam, sim?” Nesse instante, ela ouviu o estalar das tábuas do assoalho vindo do segundo andar. “É um dos hóspedes do segundo andar. Pode ser Gus”. Ela havia posto Gus no quarto principal, a suíte Mr. Kapowski, já que, se não fosse por ele, nunca teria conseguido hóspede algum. “É melhor nos prepararmos”, Emily acrescentou.

“Nos preparar como?” Daniel disse, levantando uma sobrancelha.

“Não sei. Desamassando as roupas. Endireitando a postura”. Ela fez um gesto para Parker, que estava sentado languidamente sobre o balcão.

Ele deu um salto e deu de ombros. Serena abafou o riso.

Apesar do sucesso da noite, Emily sentiu o mesmo nó no estômago. Tudo isso era completamente novo para ela, preparar o café da manhã para tantas pessoas, e havia conseguido estragar tudo servindo apenas um para o Sr. Kapowski. Novamente, sentiu aquela sensação de ser totalmente inadequada, como se estivesse dolorosamente mal preparada.

Daniel deve ter sentido seu pânico. Aproximou-se e pôs as mãos sobre seus ombros.

“Você está bem, Emily?” perguntou, gentil. “Parece um pouco desligada esta manhã”.

Ela assentiu e tentou liberar um pouco da tensão que estava carregando. Respirou fundo algumas vezes. “Só quero que tudo esteja perfeito para eles”.

Daniel beijou sua testa. “Está. Você está fazendo um ótimo trabalho”.

Ela se sentiu aliviada por receber um pouco de carinho de Daniel. Sabia que não devia desconfiar tanto dele, mas o divórcio de seus pais e o desaparecimento do pai, sem mencionar todos os seus ex-relacionamentos fracassados, às vezes, a fazia esperar o pior das pessoas. Só porque Daniel queria andar de moto sobre os penhascos a noite inteira não significava que estava prestes a fugir e abandoná-la sem aviso.

Emily ouviu passos sobre o assoalho e sabia que seu hóspede agora estava no início da escada, começando a descer. Ela se recompôs e caminhou pelo corredor para cumprimentá-los.

Era Sally, a mulher que havia acordado por causa do vazamento no banheiro.

“Ah”, Emily disse. “Acordou cedo. Dormiu bem depois que mudou de quarto?”

“Ah, sim”, Sally disse. “Minha cama era gloriosamente confortável. Não dormia tão bem há anos”.

“É isso que gosto de ouvir”, Emily replicou, aliviada porque a senhora parecia não estar aborrecida pelo desastre. “Seu banheiro foi consertado, então, poderá voltar para seu quarto hoje à noite”.

“Isso parece maravilhoso, minha querida”, Sally disse.

Emily a levou para a sala de jantar para preparar-lhe um café, enquanto ela esperava pelos outros. Apesar do conselho de Cynthia de remover a mesa e preencher o espaço com mesas menores, estilo cafeteria, de modo que os hóspedes pudessem fazer suas refeições separadamente, Emily havia mantido o formato original. Ela esperava um dia aproveitar um dos prédios anexos, derrubar uma parede e expandir a sala de jantar. Mas, no momento, havia deixado tudo como estava, com uma mesa grande tipo casa de fazenda.

“Deus, que sala maravilhosa!” Sally exclamou. “E toda essa luz”, acrescentou, virando-se para olhar para as grandes janelas que não tinham mais vista para o galinheiro, mas sim para todos os lindos canteiros de flores que Daniel havia criado.

“Obrigada”, Emily disse. “Este é um dos meus cômodos favoritos. Na verdade”, acrescentou, pensativa, “não consigo escolher um favorito. Todos são”.

Sally riu enquanto se sentava na mesa. Emily deixou a sala para pegar seu café, mas encontrou Gus no corredor.

“Gus”, ela falou, com a voz parecendo preocupada, “sinto muito sobre o que aconteceu na

noite passada”.

“Nada disso”, Gus replicou, jovial. “Um problema menor que você resolveu muito rapidamente, de fato. Nada para se preocupar”.

Emily ficou mais do que grata pela maneira relaxada com a qual ele tratou o incidente.

Por alguma razão, Gus sempre conseguia fazer Emily sorrir. Talvez, fosse seu alto astral e o fato dele ter um riso fácil. Emily se sentia atraída por esse tipo de pessoas, aquelas que brincavam e riam, que eram capazes de entreter um salão com suas histórias. Emily mesma tendia a ficar nos bastidores, a ser a observadora das situações, ao invés da líder dentro delas. Não era um traço que ela particularmente gostasse sobre si mesma, já também era por isso que ela terminava sempre em relacionamentos tão terríveis, deixando-se arrastar pelos caprichos de outra pessoa.

Gus se sentou ao lado de Sally, e Emily saiu para pegar uma caneca de café para os dois. Quando entrou na cozinha, encontrou Serena e Parker batendo papo.

“Ei”, ela disse. “Serena, pode ir para o corredor, por favor? Direcione os hóspedes para a sala de jantar. Parker, você já deveria ter lavado bem as mãos e vestido o avental”.

Os dois jovens se entreolharam antes de se apurmar. Aquela era a primeira vez em que Emily realmente tinha que *gerenciar* alguém. Parecia estranho para ela, mas, ao mesmo tempo, não de todo desagradável. Perguntou-se se realmente poderia se acostumar a ter uma pousada.

Depois que o resto dos hóspedes havia acordado e descido para a sala de jantar, Serena e Emily anotaram todos os pedidos do café da manhã. Os hóspedes eram tão barulhentos às sete da manhã quanto às onze da noite, e levou um bom tempo para anotar tudo. Finalmente, as duas entraram na cozinha.

“Certo”, Emily disse, lendo sua caderneta. “Precisamos de dez porções de ovos pochê com salmão assado e torradas, cinco salmões defumados com ovos mexidos e torradas, dois ovos benedict – um com espinafre, outro com bacon – e três ovos fritos com bacon e torrada”. Ela respirou fundo. “Então, para beber, precisamos de dez cafês, cinco sucos de laranja, quatro chás gelados e um copo de leite para Gus. Vamos lá”.

Começaram imediatamente a trabalhar, fervendo água para os ovos, torrando e passando manteiga no pão, assando o salmão.

“Por que não deixa que nós cuidemos disto?” Daniel disse a Emily. “Você deveria estar lá com os hóspedes, sendo uma boa anfitriã”.

“Boa ideia”, Emily disse. Ela pegou a garrafa de café. “Vou servir mais café enquanto estou lá. Não que eles precisem de mais estímulo, para ser sincera. Nunca vi um grupo tão cheio de energia na minha vida!”

Daniel riu, e Emily saiu da cozinha para o corredor. Vanessa estava acabando de sair da sala de estar.

“Tudo pronto?” Emily perguntou.

“Nem tudo, eu só queria perguntar a você se também gostaria que eu ajudasse a limpar a cozinha depois do café da manhã e os quartos, depois que os hóspedes saírem durante o dia? Posso ficar até as onze, mais ou menos”.

“Uau, realmente deve ser difícil ser uma mãe se você prefere estar aqui limpando do que em casa!” Emily brincou.

“Você não faz ideia”, Vanessa disse. “Mas vai entender quando tiver seus pequenos”.

Emily tentou sorrir apesar do arrepio que sentia sempre que Vanessa fazia sugestões sobre maternidade.

“Bem, se realmente não precisa correr para casa”, Emily disse. “Preciso mesmo de ajuda”.

Vanessa sacudiu a cabeça. “Jason levou Katy e os cães para um longo passeio no Acadia Park. Eu iria voltar para uma casa vazia”.

“Certo”, Emily concordou. “Seria ótimo se ficasse. Sinta-se à vontade para se servir de café e comida, se tiver fome”.

Vanessa voltou para a sala de estar para terminar de passar o aspirador de pó, e Emily entrou na sala de jantar, com a garrafa de café na mão.

“E aí está a energia negra líquida!” Gus gritou. Ele bateu com o punho no tampo da mesa. “Abasteça-me, por favor, Emily!”

Ela ainda não entendia como o homem idoso demonstrava tanta exuberância a essa hora da manhã, mas ela encheu sua caneca até a boca, de todo modo.

“Com licença, jovem”, uma das hóspedes disse a Emily enquanto servia-lhe café.

“Sim, é Georgia, não é?” Emily disse.

“Sim, que memória esplêndida você tem”, Georgia replicou, o vapor do café dando voltas ao seu redor. “Pode parecer uma pergunta estranha, mas me pergunto se você pode ser parente de Roy Mitchell?”

“Sim”, Emily engoliu em seco, surpresa ao ouvir o nome de seu pai. “Sou sua filha. Você o conhecia?”

A mulher parecia maravilhada por ter feito a conexão. “Ah, sim! Bem, morei em Sunset Harbor por muitos anos antes de me mudar do Maine há, bem, deve fazer uns trinta anos agora. Éramos do mesmo grupo de caminhada, sabe? Eu era uma ávida entusiasta. Seu pai era mais um caminhante ocasional”. Ela riu.

Emily absorveu a nova fatia de informação sobre a vida de seu pai e tentou encaixá-la ao lado de todas as outras coisas que estava descobrindo sobre ele.

“Seu pai adorava este lugar”, Georgia continuou. “Bem, aqui e Barcelona, é claro”.

Ela riu, mas Emily sentiu como se uma corrente de ar gelado passasse pelo seu corpo. Era a segunda pessoa a mencionar que seu pai amava Barcelona. Há apenas algumas semanas, ela nem sabia desse interesse particular dele. Mesmo depois de procurar tanto em seus papéis, não havia encontrado evidências disso!

Emily não queria se perder em pensamentos especulativos, mas não pôde se conter. Havia descoberto tanta coisa pertencente ao seu pai – extratos de banco, contas de cartão de crédito, até velhas agendas de endereço e recibos da compra de sementes de grama – como poderia ter deixado passar algo tão importante quanto seu amor por Barcelona? Deve ter sido parte importante de sua vida para que uma conhecida de um grupo de trilha soubesse a respeito, então, como não estava evidente, em algum lugar, entre suas coisas? Não havia nada, como uma passagem de avião ou uma reserva de hotel, nem um ímã de geladeira. Podia ser que não houvesse evidências porque seu pai as havia jogado fora de propósito? Porque ele estava planejando fugir para Barcelona há vinte anos e não queria que ninguém, nem mesmo ela, encontrasse o menor vestígio dele?

Emily percebeu, de repente, que Georgia ainda estava falando.

“Da próxima vez que o vir, diga a ele que Georgia Walters mandou lembranças”, ela estava falando. “Diga-me, para onde ele se mudou, afinal? Imaginei que havia se mudado porque ele parou de vir para nossas caminhadas”.

Emily balançou a cabeça. “Eu... humm...”

“Ah”, Georgia disse, olhando para o rosto pálido de Emily. “Disse algo que não devia?” Ela tocou levemente a mão de Emily com suas mãos frias e macias.

Emily tentou se acalmar, mas sua mente estava a mil. Sentiu como se o mistério do

desaparecimento de seu pai tivesse adquirido uma faceta completamente nova nas últimas semanas, e estava tentando entender o fato de que havia outro lugar para onde ele costumava desaparecer, e que não era Sunset Harbor. Seria mesmo possível que um dia ele apenas decidiu que queria viver sua vida na praia, ao sol, e deixar sua filha para trás?

“Com licença, por favor”, Emily disse sem fôlego, retirando a mão das dela e se afastando.

Ela entrou na cozinha fechando a porta com força. O cômodo fervia com barulho e atividade. O vapor permeava o ar e o aroma de salmão assado chegou a suas narinas. O calor era quase sufocante.

“Ei”, Daniel disse, virando-se quando ela entrou. “Pensei que estivesse lá, entretendo os hóspedes.”

“Serena”, Emily disse, ignorando-o, “poderia assumir, por favor?”

Serena pareceu preocupada. “Claro”, ela disse, enxugando as mãos no avental antes de tirá-lo por sobre a cabeça e dá-lo a Emily.

Daniel veio até ela, espátula na mão, deixando pingar óleo nos azulejos. “O que houve?”

Emily balançou a cabeça e pegou a espátula da mão dele. “Nada. Estou apenas... surtando um pouco”.

“Você está indo bem”, Daniel a confortou.

Emily pegou papel toalha do balcão e começou a limpar as gotas de óleo. “Não é isso”, ela disse, enquanto trabalhava.

“Parece isso para mim”, Daniel replicou, inclinando-se e pegando o papel toalha das mãos dela antes de começar a limpar o óleo. “Parece que você está exigindo muito de si”.

“Uma das hóspedes conheceu meu pai, entende?” Emily disparou. “Ela acaba de dizer uma coisa que me deixou confusa. Ficarei bem. Só preciso de um pouco de ar”.

Ela ficou de pé, deixando Daniel agachado no chão, parecendo atônito. Podia sentir seus olhos preocupados sobre ela enquanto saía da cozinha desconfortavelmente quente. Sabia que ele estava preocupado, achando que ela iria hiperventilar novamente, como havia feito durante a visita de sua mãe, ou apagar em mais um de seus estranhos flashbacks, e ela odiava se sentir tão frágil, odiava saber que seu passado afetava tão profundamente o presente.

Assim que estava lá fora, Emily descansou as costas contra o muro e respirou o ar marinho.

“Quer um cigarro?” alguém disse, e Emily deu um salto. Olhou de lado e viu Boris fumando.

“Não, obrigada”, Emily disse. Então, acrescentou, num tom brincalhão, “Vim aqui em busca de ar *fresco*”.

Boris sorriu. “Já lhe demos uma dor de cabeça?”

Emily sorriu e balançou a cabeça. “De jeito nenhum. É uma alegria tê-los aqui”.

Boris deu um trago final em seu cigarro antes de jogá-lo no chão e esmagá-lo sob o pé. “Bem, devo dizer, de todos os hotéis e pousadas em que ficamos ao longo dos anos, esta foi uma das melhores. Posso sentir o amor e atenção que foi investido aqui. Parece mais uma casa de família do que uma pousada, de certo modo”.

“Era uma casa de família”, Emily contou a ele. “Do meu pai, na verdade. Passava meus verões aqui”.

“Que sorte a sua”, Boris disse. Ele sorriu e entrou novamente.

“Emily pegou a bituca de cigarro dele e se lembrou que tinha que comprar cinzeiros. Ela jogou a ponta de cigarro no lixo e voltou para dentro, para ajudar a servir o café da manhã.

“Você está bem?” Daniel perguntou.

“Vou ficar bem. Pare de se preocupar comigo”. Emily pegou os primeiros dois pratos de comida. “Parecem ótimos. Muito melhor que o café da manhã que servi ao Sr. Kapowski. Bom

trabalho”.

Voltou para a sala de jantar, onde encontrou Serena tirando fotos dos hóspedes, enquanto davam-lhe instruções. “E agora uma com Carmel! E agora com o jardim ao fundo!”

“O café da manhã está servido”, ela anunciou.

Todo mundo comemorou e voltou ao seu lugar. Emily serviu os primeiros dois pratos para Georgia e Gus.

“Sinto muito se disse algo que lhe aborreceu”, Georgia disse, enquanto pegava o prato de café da manhã de Emily.

Emily sacudiu a cabeça. “Fiquei um pouco chocada por você ter conhecido meu pai. Infelizmente, ele não está mais conosco. Mas adoraria ouvir histórias sobre ele, qualquer hora”.

Georgia assentiu e Emily saiu para pegar mais comida.

Assim que todo mundo estava comendo, Vanessa juntou-se aos outros na cozinha, então, eles puderam se abastecer rapidamente de café e torradas. Emily quase não podia compreender o nível de bagunça que havia sido criada. Ainda não tinha realmente pensado que precisaria de mais uma pessoa para limpeza com eles quatro já no time, mas agora podia ver que havia subestimado a quantidade de bagunça que uma pousada lotada podia gerar.

Emily conferiu seu relógio e viu que já eram 9 da manhã e que o turno do café havia terminado.

“Vamos recolher os pratos”, ela disse a Serena. “Ver se isso os anima a sair”.

Elas voltaram para a sala de jantar e começaram a recolher os pratos. Enquanto faziam isso, Gus falou alto para o grupo sobre a programação do dia.

“Uma caminhada no parque e piquenique no almoço. Então, voltamos para cá, para que aqueles de nós que precisarem possam tirar uma soneca da tarde – estou olhando para você, Boris – antes do jantar no iate club. Depois, vamos descer para a praia fazer uma fogueira e assistir aos fogos de artifício do Quatro de Julho”.

Todo mundo deu gritos animados e Emily percebeu de repente qual era a data. Havia estado tão focada em seu trabalho que esquecera sobre como precisava encher a pousada até o Quatro de Julho. Ainda assim, aqui estava ela, realizando justamente isso!

Ficou muito animada ao perceber o quanto estava perto de ter a ocupação máxima da pousada no Quatro de Julho.

Ela e Serena terminaram de levar os pratos de volta para a cozinha enquanto Gus e seu grupo calçavam suas botas de caminhada da sua maneira tipicamente barulhenta. Emily começou a sentir um pouco como estivesse pastoreando ovelhas enquanto os observava caoticamente tentar se organizar para o passeio.

Em pouco tempo, estava acenando para eles do terraço, ouvindo o som do papo animado diminuir cada vez mais até dar lugar ao silêncio. Ela voltou para a pousada, imediatamente surpresa pelo silêncio que havia caído sobre ela como uma manta de neve. Agora que tudo estava calmo, notava que seus ouvidos estavam zunindo.

Foi até a cozinha e encontrou todo mundo esgotado, sentados na mesa. Bateu palmas e todos acordaram de um salto.

“Certo, temos vinte quartos para limpar. Vinte camas para arrumar. Vinte conjuntos de produtos para banheiro, papéis higiênicos e toalhas para substituir. Precisamos passar o aspirador de pó e tirar o pó de vinte quartos, passar o pano em vinte suítes e limpar vinte vasos sanitários. E temos apenas até o almoço para fazer isso”.

“Então, eles vão voltar e bagunçar tudo de novo”, Serena acrescentou, sarcástica.

“Bem, pelo menos eles só têm serviço de quarto uma vez por dia”, Emily replicou. “Vamos.



Vamos lá. Podemos descansar quando tudo tiver terminado. Exceto você, Vanessa”, ela disse. “Você pode ir quando quiser”.

“Isso não é justo”, Parker disse. “Por que não posso ir quando eu quiser?”.

“Você pode”, Emily disse. “Trabalhe por quanto tempo quiser receber. Esse é o acordo”.

Parker fechou a boca e todo mundo foi terminar suas tarefas. Todos, exceto Daniel.

“Emily”, Daniel disse, no instante em que ficaram a sós. Ela podia notar um traço de advertência em sua voz.

“Sim?”

“Não seria bom ir mais devagar? Talvez, descansar um pouco?”

Emily balançou a cabeça. “Não. Acho que preciso fazer o oposto. Trabalhar duro para poder comemorar muito”.

Ele a fitou preocupado, mas Emily não cedeu. Não naquele final de semana. Saiu da cozinha, deixando Daniel para trás.

# CAPÍTULO DEZOITO

Emily observava o segundo ponteiro de seu relógio se aproximar cada vez mais da meia-noite. “Três...dois... um... Feliz Quatro de Julho!”

Daniel a tomou nos braços e beijou-a nos lábios. “Você conseguiu”. Ele deu largo sorriso. “A pousada de Sunset Harbor ainda está funcionando!” Pôs Emily de volta no chão. “Agora, posso, posso, *por favor*, tê-la só para mim um pouquinho?”

“Desculpe por estar tão ocupada”, Emily replicou. “Mas prometo que sou toda sua agora. Quer dizer, até as seis da manhã”.

“Bom”, Daniel disse, pegando sua mão. “Então, é melhor vir comigo”.

Emily sorriu, curiosa, enquanto o namorado a levava para o terraço. Era uma noite amena, e o céu estava com cores vivas por causa dos fogos de artifício que pipocavam por toda a cidade. Ali parada, admirando o céu, Emily se sentiu transportada de volta para outra época.

“Feliz Quatro de Julho, Emily Jane”, seu pai disse. Ele a pegou nos braços e colocou sobre o quadril. “Vamos para o andar de cima. Quero te mostrar algo incrível”.

Ele a carregou pela longa escadaria até o segundo andar e então mais um pouco, até o terceiro andar. Eles nunca vinham aqui, e parecia estranho para ela, com suas teias de aranha e móveis antigos. Então, seu pai a levou por um longo corredor, até uma pequena porta no final. Ele puxou a porta e ela abriu com um ruído, revelando uma pequena escada em espiral. Emily segurou firme enquanto ele subia a escada às escuras. De repente, um golpe de ar bateu em seu rosto e ela perdeu o fôlego.

“Esta é a melhor vista de Sunset Harbor”, seu pai disse.

Eles estavam no telhado, sobre uma plataforma com um trilho de metal. Emily agarrou-se ainda mais ao pescoço do pai enquanto olhava para o amplo oceano. Podia ver todas as pessoas na praia e pequenas fogueiras queimando na areia. Então, houve um som estridente. Emily gritou quanto o barulho se transformou numa enorme explosão, e enterrou o rosto em seu pai.

“Calma”, ele falou em seu ouvido, balançando-a devagar. “Não há nada para ter medo, Emily Jane”. Ele tentou tirar as mãos dos ouvidos dela, mas Emily recusou teimosamente. “Vamos, querida. Veja. É barulhento, mas muito bonito”.

Finalmente, ele conseguiu convencê-la a não ter medo. O próximo barulho a fez estremecer, mas não cobriu os olhos desta vez. Ficou maravilhada diante das cores que explodiam pelo céu.

“Fogos de artifício”, seu pai disse, enquanto a balançava em seu quadril. “São bonitos, não são?”

Tudo que Emily podia fazer era admirar, maravilhada, enquanto belas luzes coloridas pipocavam e se destacavam contra o céu noturno, sua beleza refletida na água escura do mar. Ela se abraçava ao pai, rindo alegre e aplaudindo toda a explosão de cores.

“São lindos, não são?” uma voz disse em seu ouvido.

Daniel a abraçou, às suas costas. “Você acaba de ter mais uma lembrança”, ele falou. Havia algo em sua voz que quase parecia dizer *Eu te disse*.

Mas Emily não se importava. Foi a primeira lembrança feliz que já tinha tido, a primeira que a fez sentir amada e querida. Não foi uma memória terrível, trazida pela angústia extrema ou pelo estresse. Era o tipo de lembrança que achava bem-vinda; uma que lhe lembrava do homem maravilhoso que seu pai era. Era como um antídoto para todos os pensamentos perturbadores que

vinha tendo sobre ele.

“Voltei para o momento em que vi fogos de artifício pela primeira vez”, Emily disse, mantendo a lembrança em sua mente com suavidade, como se fosse um presente frágil. Ela se comprometeu a checar, mais tarde, se havia uma porta escondida no porão que levava a um mirante no telhado.

“Você não parece tão abatida, como das outras vezes”, Daniel notou.

“Não estou”, ela concordou. “Foi uma lembrança boa. Feliz”.

Ela sentiu Daniel apertar os braços ao seu redor e percebeu o quanto havia sentido falta de seus braços. Ao longo dos últimos meses, haviam se acostumado a estar sempre juntos, seguindo suas próprias rotinas. Nenhuma vez, desde o início do namoro deles, houve uma barreira tão imensa entre dos dois. Apesar de terem sido apenas dois dias, parecia mais, pois não haviam sequer se tocado.

“Venha comigo”, Daniel disse de repente, pegando sua mão.

“Aonde estamos indo?” Emily riu.

Mas Daniel não disse uma palavra enquanto a levava pelo caminho do jardim. Luzes roxas e azuis explodiam no céu, iluminando as flores e deixando-as com cores estranhas.

“Espere aqui um momento”, Daniel disse, quando chegaram ao final do caminho.

Ele desapareceu em direção a sua casa e voltou momentos depois carregando uma mala.

“O que é isso?” Emily perguntou, com uma curiosidade crescente.

“Vai descobrir em breve”. Daniel riu.

Então, atravessaram a rua e pegaram a trilha até a praia.

Quando chegaram na areia, Daniel entrelaçou seus dedos nos de Emily. Caminharam juntos, de mãos dadas, enquanto os fogos explodiam no céu acima deles. Emily respirou fundo, satisfeita, sentindo-se feliz, apesar do cansaço.

“Acho que aqui é um bom lugar”, Daniel disse, apontando para um pequeno círculo de pedras.

Ele tirou a sacola das costas e a acomodou sobre a areia. Pela primeira vez, Emily viu o que havia dentro. Chocolate. Marshmallows. Gravetos para fazer fogo.

“Ah, Daniel”, falou, emocionada pelo gesto romântico.

Ele preparou uma pequena fogueira e ambos se sentaram sobre as pedras.

“Então, como se sente tendo a casa cheia de hóspedes?” Daniel perguntou a Emily alguns minutos depois, enquanto lhe dava um marshmallow assado, crocante.

“É um pouco estranho”, admitiu. “Mas eu gosto. Não muito da parte de dormir no sofá”, acrescentou com um sorriso.

“Talvez devesse ficar comigo na minha casa, da próxima vez”, Daniel replicou.

Emily pegou um pedaço de marshmallow. “Não quero atrapalhar seus passeios de moto pelos penhascos à meia-noite”, ela disse, lutando para esconder suas suspeitas.

Daniel a encarou. “Você não atrapalharia. Só preciso de um pouco de espaço às vezes. Espaço para andar na minha moto ou sair para velejar. Preciso de muito tempo para limpar minha mente, é só”.

Emily assentiu. Entendia que Daniel tinha tais necessidades, mas ela também tinha – como saber onde ele estava, para começar.

“Poderia talvez me manter informada?” ela disse. “Me mandando uma mensagem, por exemplo?”

Daniel riu. “Com qual celular?”

“Ah, sim”, Emily replicou, lembrando-se do ódio de Daniel pelas novas tecnologias. “Bem,

apenas deixe-me um bilhete, ou coisa assim. Não sei lidar com quando você desaparece. Com meu passado, com meu pai. E especialmente depois da última vez”.

Daniel ficou em silêncio. “Desculpe”, ele disse, sincero. “De verdade. Não vou desaparecer daquele jeito. Mas preciso que confie em mim”. Ele pegou a mão dela. “Porque me sinto muito bem com o que estamos fazendo aqui”.

“Eu também”, Emily respondeu, sua voz baixa e tímida. “E é por isso que é tão difícil quando você desaparece daquele jeito”.

Daniel assentiu, parecendo compreender. “Então”, ele disse, pondo a conversa novamente nos trilhos, “da próxima vez que você tiver uma pousada lotada, vai dormir na minha casa ao invés de no sofá?” Ele a cutucou com o cotovelo, brincalhão. “Porque quando a pousada deslanchar, não é para você dormir lá toda hora. Ainda pode ter uma vida pessoal”.

Emily sorriu. Sempre se sentia bem quando Daniel falava do futuro, porque significava que ele podia ver a si mesmo em sua vida, pelo menos num futuro próximo. Com Daniel, aquilo era o máximo que ela podia esperar em relação a compromisso.

“Vou tentar equilibrar meu trabalho e vida pessoal um pouco melhor da próxima vez”.

“Da próxima ou desta vez?” Daniel provocou.

“Certo, certo!” Emily riu, cedendo. “Você pode dormir comigo na pousada”.

“Bom”, Daniel disse, satisfeito. Ele a beijou profundamente nos lábios. “Porque eu não quero ter que brigar com Gus por você”.

Com essa, ambos começaram a rir.

# CAPÍTULO DEZENOVE

No dia seguinte, todos estavam cansados, tanto a equipe quanto os hóspedes. Todo mundo parecia ter festejado até tarde da noite, assistindo ao Quatro de Julho. Mas, apesar disso, o café da manhã foi outro sucesso. Na verdade, tudo parecia deliciar Gus e seus parceiros de festa, dos ovos benedict de Parker até as canecas de café da marca Denby. Emily ficou feliz ao ver seus hóspedes tão satisfeitos, e recebeu com gratidão os elogios.

Então, ela meio que deu a dica para eles partirem para o segundo dia de festividades, sentindo-se um pouco como uma mãe tentando tirar seus filhos de casa durante o dia.

Assim que saíram, subiu rapidamente as escadas, mais do que pronta a deslizar para baixo das cobertas e se aconchegar novamente ao lado de Daniel. Só que, ao conferir seu celular ao lado da porta, viu que havia uma notificação. Ela o pegou, rolando a tela pelas várias ligações perdidas de Ben, que havia reaparecido recentemente, e viu que havia um alerta do eBay. Leu rapidamente e então deu um pequeno grito antes de subir as escadas correndo.

“Daniel, recebi um alerta do eBay sobre as telhas de que precisamos”, ela disse, apressada. “Tem um cara em Portland vendendo-as por uma fração do preço que o especialista em telhados cobrou. Se conseguirmos, poderíamos pagar apenas para substituir as vigas e pela mão de obra! Poderia substituir o telhado inteiro usando o dinheiro do diamante e dos hóspedes”. Pulou na cama ao lado dele, tão animada quanto uma criança no Natal. “Sei que não é muito romântico”, acrescentou, olhando para ele como quem se desculpa. “Mas ainda podemos transformar num encontro”.

Emily podia sentir a relutância de Daniel. Mas, ao mesmo tempo, consertar o telhado por um quinto do preço não era uma oportunidade para se rejeitar.

“Deixe-me adivinhar”, ele disse, por fim, bocejando. “Eu vou dirigir”.

“Bem”, Emily disse, “vamos precisar da sua caminhonete, e não sei dirigir um carro sem câmbio automático, então...”

“É claro”, Daniel replicou. “Eu vou dirigindo e você vai roncando”.

“Como ousa!” Emily riu.

Ambos se vestiram e então saíram da casa, em direção ao local onde a caminhonete de Daniel estava estacionada, do lado de fora da antiga garagem. Emily podia sentir o cansaço sobre ela, como um peso de chumbo, enquanto entrava no lado do passageiro. Daniel ligou a chave e o carro ganhou vida.

Daniel pegou a estrada costeira até Portland. Apesar do cansaço, ela não pôde deixar de observar a água cintilante, e se admirar com as belas cidades vizinhas de Portland.

“É realmente bonito por aqui”, Emily disse.

“É”, Daniel concordou. “Mas vai ficar menos bonito quando virarmos naquele estacionamento”.

O carro saiu da bela estrada costeira e entrou na movimentada interestadual. Alguns minutos depois, estavam no coração da cidade, com o tráfego barulhento passando por eles, fazendo Emily estremecer ao se lembrar de seu estilo de vida apressado em Nova York. Daniel estacionou, e ambos saíram da caminhonete e foram até um prédio residencial. Emily estremeceu sob a sombra que lançava sobre o asfalto.

Daniel apertou o interfone e falou para o dono da voz do outro lado que tinham vindo buscar

as telhas. Um momento depois, a porta da frente se abriu e um cara usando uma regata branca esticada sobre uma barriga saliente saiu.

“Comprei-as num mercado de pulgas”, ele disse, levando-os para uma garagem nos fundos do prédio, onde uma lona preta cobria o monte de telhas. “Imaginei que poderiam valer algo para alguém. E esse 'alguém' são vocês, certo?” ele sorriu.

Emily não pôde deixar de achar o encontro todo um pouco desconfortável e queria que acabasse o quanto antes. O homem claramente havia tido sorte com a descoberta, e eles, por sua vez, tinha tido a sorte dele não apreciar o valor das telhas.

Havia telhas suficientes para substituir todo o telhado. Daniel começou a colocá-las na carroceria da caminhonete, enquanto Emily pagava ao homem.

“Vocês conseguem fazer o carregamento?” ele perguntou, enquanto contava as notas, claramente sem vontade de ajudar.

“Sim”, Daniel disse, com uma careta por causa do peso.

“Ficaremos bem”, Emily respondeu, enquanto pegava uma pilha com um gemido.

O homem desapareceu, entrando novamente em seu prédio, deixando Emily e Daniel com o árduo trabalho de carregar todo o peso.

“Então, quando começa a parte do encontro?” Emily brincou enquanto enxugava o suor de sua testa.

Daniel colocou as últimas telhas na caminhonete e deu um longo suspiro. “Que tal agora?”

Emily sorriu, feliz de não ter mais que carregar nenhum peso.

“Ótimo”, falou.

Entraram novamente na caminhonete e Daniel ligou o motor. “Aonde quer ir?”

“Por que não me mostra onde cresceu?” Emily disse.

“Sério?” Daniel perguntou, num tom que sugeria que não podia saber se ela estava brincando ou não. “Quero dizer, você acabou de ver aquele conjunto de prédios. Não é muito melhor do que aquilo”.

Emily franziu o cenho. “Quero ver onde você cresceu. Por favor!”

Daniel pareceu vacilar.

“Por favor, por favor, por favor”, Emily disse. “Quero saber mais sobre sua infância. Conheceu minhas amigas e minha mãe, e viu meus altos e baixos emocionais, mas não sei quase nada sobre você”.

Daniel levantou uma sobrancelha. “Quer saber onde eu cresci? Certo. Vamos”.

Ele aumentou a velocidade e saiu do estacionamento, voltando para as movimentadas ruas da cidade. Após um tempo, virou numa ruazinha com algumas casas de aparência tristonha. Estava completamente dilapidada, o tipo de lugar onde crianças brincavam descalças na rua e Rottweilers acorrentados em cercas latiam com raiva.

“Na verdade, está melhor do que quando cresci aqui”, Daniel disse, quando viu a expressão de Emily.

“Não sabia”, ela falou com voz fraca, olhando para os sinais de privação: uma lata virada, com lixo espalhado por todo lugar. “Por quanto tempo morou aqui?” Ela falou suavemente, sentindo o humor sombrio de Daniel e sentindo-se culpada por tê-lo causado.

“Não muito. Meus pais se divorciaram quando eu era bem pequeno. Tinha uns cinco anos, acho. Então, é... só até aí. Moramos em um monte de lugares diferentes pelo Maine depois disso. Meu pai se mudou para Sunset Harbor, então comecei a ver a cidade como um tipo de refúgio, ainda que ele estivesse bêbado o tempo todo. Mas ele não parecia ligar muito para o que eu fazia, e quando você é um adolescente, isso parece ótimo. Mas minha pobre mãe, quando penso no que

a fiz passar...”

Emily ouvia pacientemente. Sabia muito pouco sobre o passado de Daniel; ele era geralmente tão estóico e reservado. O fato de estar se abrindo para ela agora parecia um pequeno milagre.

Daniel apontou pelo para-brisa para uma árvore solitária crescendo na calçada. Era uma bétula, com um tronco liso, prateado, marcado por espirais escuras.

“Foi onde fiquei parado quando meu pai foi embora”, Daniel disse, sua voz baixa, um tom magoado vibrando em sua garganta. “Pela última vez. A hora final. Ele já havia ido antes, ameaçava partir quase todo dia”. Um sorriso triste atravessou seus lábios. “Mas, daquela vez, parecia diferente. Eu era apenas uma criança, mas sabia que era o fim. Eu o vi entrar no carro, dirigir até a rua e sumir de vista. Então, fiquei só ali, parado, assistindo, pois pensei que, talvez, se ficasse ali por tempo suficiente, ele voltaria. Minha mãe não conseguiu me fazer entrar. Eu fiquei abraçado àquela maldita árvore a noite toda”.

Emily assistia enquanto ele baixou os olhos para o colo, seus ombros caídos. Nunca tinha visto-o tão resignado, sentindo tanta dor.

“Sinto muito por lhe fazer vir até aqui”, Emily disse. “Não deveria ter sido tão insistente”.

Daniel deu uma batidinha leve no braço dela. “Na verdade, acho que foi bom vir aqui”. “Catártico”. Ele a encarou, sério. “Nunca contei isso a ninguém antes”.

Emily percebeu que Daniel estava falando a verdade. Ver sua casa e compartilhar aquela parte de si mesmo com ela havia, de fato, sido bom para ele. Terapêutico. Mas isso não o impediu de se fechar de novo. Ela quase pôde ver o momento em que seus olhos ficaram embaçados novamente, como se querendo se afastar da dor de seu passado, bloqueando-o para não se aproximar muito. Emily compreendeu; ela mesma havia passado anos fugindo de traumas de sua própria infância.

“Por que não voltamos para casa?” Emily sugeriu. “Podemos sair num encontro de verdade. Podíamos passear em seu barco novamente. Não tivemos a chance de ficar juntos desde o Memorial Day”.

Daniel sorriu. “Certo”, ele disse, parecendo emocionado por ela estar fazendo um esforço tão grande para reparar o dano. “Isso parece ótimo”.

“É um encontro”, Emily replicou.

Desta vez, realmente esperava que fosse.

\*

Assim que voltaram para casa, Emily subiu para se arrumar. Sentia-se mal sobre como a manhã havia se passado, sem mencionar os últimos dias, e queria reparar as coisas com o namorado.

Ela se arrumou, colocando um de seus melhores vestidos e fazendo um belo penteado.

Assim que ficou pronta, desceu correndo as escadas e abriu a porta. Esbarrou numa mulher de pé no terraço. Ela era jovem, com cabelos secos, de um tom loiro platinado, e que iam bem além dos ombros. Vestia uma jaqueta justa de couro preta, e jeans claros que realçavam suas pernas longas e esbeltas.

“Sinto muito”, Emily disse, desculpando-se por ter esbarrado nela. “Posso ajudá-la?”

“Hum, sim”, a mulher disse, um pouco hesitante. Parecia nervosa. “Querida saber se Daniel está aqui”.

Ao ouvir o nome dele, Emily parou. Sua mente levou um tempo para ligar os pontos. Ela ouvira boatos na cidade sobre Daniel ter quebrado o coração de algumas mulheres, algo que ele havia lhe garantido ter ficado para trás.

“Daniel?” Emily disse, cautelosa, percebendo a sensação de medo vibrar em seu estômago.

A mulher coçou o pescoço e mudou de posição, passando o peso de um pé para o outro. “Estou no endereço certo?” perguntou, mostrando um pedaço de papel com um endereço rabiscado.

Desta vez, quando ela falou, Emily notou seu sotaque adocicado, típico do sul. Ela sabia que Daniel havia passado algum tempo no Tennessee, quando era mais jovem. Foi onde teve problemas com a lei depois de defender uma namorada de seu parceiro abusivo.

“Sim, é o endereço certo”, Emily disse.

De repente, sentiu o corpo ficar gelado. O sol estava brilhando, mas parecia estar numa montanha gelada. Começou a lhe ocorrer que esta mulher de pé no seu terraço era alguém do passado de Daniel.

“Desculpe”, Emily disse, sua voz começando a ondular. “Mas quem é você?”

“Meu nome é Sheila”, a jovem mulher finalmente falou. “Sou a namorada dele”.



# CAPÍTULO VINTE

Emily sentiu como se o chão tivesse sumido sob seus pés. Ficou parada no terraço, atônita, sentindo-se subitamente ridícula por estar toda arrumada para um encontro.

“Namorada?” ela repetiu, quase num sussurro.

Nesse momento, notou Daniel vindo pelo caminho do jardim. Ele havia se esforçado para se arrumar também, algo que geralmente nunca fazia, e estava mais bonito do que nunca, com a luz quente amarelada que saía da pousada dançando por seu rosto. Ao vê-lo, Emily sentiu uma pontada de dor cortar seu coração.

Seus olhos se encontraram por um momento e ele sorriu. Então, Emily observou enquanto o sorriso começou a desaparecer de seus olhos, antes de sumir completamente ao perceber quem estava no terraço com ela. Daniel foi até as duas, com uma expressão enfurecida. Quando chegou, estava completamente pálido.

“Oi, docinho”, Sheila disse, em seu sotaque sulista adocicado.

Emily fervia por dentro.

“O que está fazendo aqui?” Daniel perguntou, num tom gelado.

“Vim ver você, tolinho”, Sheila disse.

Emily finalmente conseguiu falar. “Vou deixá-los conversando”, ela falou com rispidez, e então se virou para ir até a porta.

“Emily, espere”, Daniel falou abruptamente, sua voz parecendo mais desesperada do que nunca. “Eu posso explicar”.

Ela parou sem se virar. Por cima do ombro, viu o olhar suplicante no rosto de Daniel, com uma emoção entre angústia e pesar. Geralmente, seu rosto podia derreter seu coração – ela nunca conseguia ficar com raiva dele – mas desta vez era diferente. Ele havia despedaçado sua confiança.

“Ah, aposto que pode”, ela disparou, com uma voz ácida. “Aposto que pode me enrolar em relação a isto, assim como me enrolou em relação a todos os meus outros medos e preocupações. Mas agora acho que tinha uma razão legítima em estar preocupada! Era ela que você ia ver quando estava 'dirigindo sua moto' até meia-noite. Sou tão idiota por acreditar nisso! Todo aquele silêncio e timidez, eu pensei que só tinha que ser paciente”.

Podia sentir o rubor nas suas bochechas, a raiva crescendo dentro dela. A raiva de si mesma por se apaixonar por Daniel, por se forçar a confiar nele e ir contra seus instintos. Ela estava vulnerável depois de acabar com Ben e havia deixado outro homem entrar em sua vida para pisar nela.

Virou-se, novamente, entrando na casa. Mas, desta vez, Daniel segurou seu braço, detendo-a.

“Emily! Por favor!”

“Saia daqui!” ela gritou, lívida.

Ela se libertou e, enquanto fazia isso, viu Sheila de pé, com um traço de presunção nos lábios. Parecia estar se divertindo com a agonia de Emily.

“Por que não vai embora com sua vagabunda, Daniel?!” ela gritou.

Sheila fez cara de ofendida. “Com licença! Daniel, vai deixar ela falar assim com a mãe de sua filha?”

Naquele momento, o mundo pareceu parar. O silêncio desceu, tão espesso que Emily quase

podia tocá-lo. Parecia que tinha levado um soco no estômago.

“Você tem uma filha?” ela balbuciou.

“Não”, Daniel protestou. “Isso não é verdade!”

“É sim!” Sheila exclamou. “Temos uma filha, Daniel”. Então, sua voz ficou mais suave.

“Você é papai. Surpresa!”. Ela deu um sorriso sem graça.

Emily observou enquanto Daniel ficou parado, atônito. Sua mente estava girando de tanta confusão. Ela não podia entender o que estava ouvindo. Tudo o que sabia era que não queria estar mais ali. Havia ouvido o bastante.

“Parece que vocês têm assuntos inacabados a tratar”, ela disse, num sussurro sombrio.

Então, abriu a porta e entrou, deixando Daniel perplexo no terraço. No instante em que se viu dentro da casa e longe da vista de alguém, começou a chorar.

# CAPÍTULO VINTE E UM

Emily não sabia o que fazer, com quem falar ou aonde ir. Podia ouvir o murmurar de seus hóspedes na sala de estar quando passou, e esperava que ninguém tivesse ouvido nada da cena que acabara de acontecer. Da cozinha, podia ouvir Serena e Parker conversando e o tilintar de copos e da louça enquanto faziam a faxina do dia. Apesar de Emily considerar Serena uma boa amiga, não sentia vontade de revelar o que havia acontecido, de admitir que seu mundo estava desabando. Pela primeira vez desde que abrisse as portas da pousada, Emily queria ficar só.

De repente, teve vontade de subir as escadas e ir até o terceiro andar, em busca do mirante de sua lembrança. Ela queria se sentir perto do pai, sentir aquela mesma sensação de proteção de quando haviam assistido aos fogos de artifício juntos, há tanto tempo. Subiu correndo as escadas como um tornado.

Cega pelas lágrimas, foi até o final do corredor. Mas, quando chegou lá, descobriu que havia apenas papel de parede, nenhuma porta, como em sua memória.

A frustração tomou conta da racionalidade de Emily. Ela se aproximou e começou a passar as unhas pelo papel de parede, deixando toda a raiva sair. O papel descascou, deixando marcas como que feitas por garras.

Foi então que Emily percebeu o que estava atrás do papel. Nem tijolos nem gesso, mas madeira. Começou a arrancar tudo febrilmente, rasgando grandes tiras de papel e jogando-as no ar, descascando-as até estar diante de uma pequena porta. Outra porta oculta, como a que levava ao salão de baile.

Emily compreendeu por que a lembrança da plataforma havia sido apagada tão completamente de sua memória. O que havia levado seu pai a esconder partes da casa?

Emily pegou a pequena maçaneta de latão e a girou. Apesar de estar escondida por tantos anos, a porta se abriu com um rangido.

A escada em espiral era a mesma que aparecia na lembrança de Emily: escura e sinuosa. Ela entrou cuidadosamente, como se estivesse entrando num museu. Na parede, viu a marca de uma mão de criança e colocou a sua por cima, perguntando-se se era realmente a palma de sua própria mão do passado. Então, subiu lentamente as escadas, sentindo a brisa que vinha do topo.

Finalmente, chegou na porta para o telhado e a empurrou com o ombro. Então, Emily se viu entre os topos dos pinheiros. Através dos galhos, podia ver as luzes piscando na cidade e os mastros dos barcos no porto. Estava no teto, no lado da casa que era apenas visível da rua, mas que ficava escondida pelos pinheiros. A plataforma havia ficado completamente oculta, como se tivesse sido apagada da história.

Emily se perguntou se esta seria outra peça no quebra-cabeças misterioso do desaparecimento de seu pai.

## CAPÍTULO VINTE DOIS

“O que as duas damas desejam beber?” Gordon perguntou, inclinando-se através do balcão do bar onde Cynthia e Emily estavam de pé.

“Acho que esta noite pede um Tom Collins, não acha?” Cynthia disse, cutucando Emily.

Emily gemeu, concordando, e Gordon foi preparar os coqueteis. Assim que ele saiu, Cynthia apontou um dos bancos do bar.

“Parece que você precisa se sentar, querida”, ela disse. “E então, talvez possa me explicar por que decidi sair à noite com uma velha excêntrica como eu!”

Era verdade que Cynthia Jones não foi a primeira escolha de Emily como companheira de bar. Mas ela precisava sair da casa, precisava de alguém para conversar, outra mulher com quem falar abertamente sobre seus problemas. Amy e Jayne estavam a quilômetros, em Nova York, Serena estava ocupada na pousada, Vanessa não tinha energia suficiente para passar uma noite acordada depois que Katy nasceu, Sunita sempre vinha acompanhada de Raj, e Karen tinha que dormir cedo durante a semana para acordar rediculamente cedo e preparar pães frescos para o mercadinho. Então, foi para o número de Cynthia que Emily se viu ligando depois que ela desceu do telhado. Elas se encontraram no Gordon’s Bar, perto do porto, Emily ainda com seu vestido de noite, Cynthia num vestido evasê amarelo vivo e cardigã lima.

Emily puxou um banco e desabou pesadamente sobre ele.

“É Daniel”, ela disse, com um suspiro.

“Ah?” Cynthia replicou, levantando uma sobrancelha.

Nesse momento, Gordon colocou dois coqueteis na frente das mulheres. Emily pegou o dela e imediatamente tomou um gole.

“O que aconteceu?” Cynthia disparou. “Vocês brigaram?”

Emily balançou a cabeça. “Pior, ele tem outra namorada. E eles têm uma filha”, acescentou, com um estusiasmo sarcástico.

O queixo de Cynthia caiu. “Isso é uma piada?” ela balbuciou.

“Infelizmente, não”, Emily replicou.

“Eu não acredito”, Cynthia murmurou. “Ele estava escondendo isso de você?”

Emily deu de ombros. “Eu não sei”, ela admitiu. “Ele disse que não sabia sobre a criança. E a mulher tinha um sotaque do sul, então, acho que era namorada dele quando viveu no Tennessee, que seria uma distância enorme para viajar se ele quisesse me trair”. Ela engoliu em seco, a palavra *trair* pegajosa em sua garganta. “Só não sei o que pensar”.

Cynthia deu uma leve batidinha no braço dela. “Se achar que precisa de um pouco de espaço, pode ficar na minha casa”.

Emily sorriu, confortada pelas palavras gentis de Cynthia, mas sabendo que não podia aceitar a oferta. Tinha hóspedes para cuidar. Uma pousada para administrar. Sem falar que, ficar com Cynthia e seu filho adolescente não era o que ela queria. Queria ir para casa, para sua pousada, para o lugar que amava tanto, e não ter a mancha dos terríveis eventos daquela noite. Ela queria voltar no tempo, para o ponto em que era feliz, para aquele momento antes de ter esbarrado em Sheila no terraço.

“Ah”, Cynthia disse de repente, de uma forma que fez Emily dar um salto.

Olhou para trás, para onde a atenção de Cynthia estava focada, e viu Daniel de pé na porta do

bar, olhando ao redor freneticamente. No segundo em que seus olhos se encontraram, uma onda de alívio atravessou seu rosto.

“Emily”, ele falou, quase sem ar, correndo até ela. “Tenho te procurado por todo lugar”.

“Isso não lhe fez pensar que talvez eu não quisesse ser encontrada?” Emily rebateu.

Daniel parecia arrasado. Sua expressão estava marcada pela dor. “Pode pelo menos ouvir meu lado da história?”

Emily queria que ele fosse embora. Havia sido magoada por outros homens no passado. Daniel era apenas mais um a acrescentar numa lista crescente de otários aos quais ela tinha o péssimo hábito de se ligar. Mas algo a fez ceder.

“Certo”, disse rispidamente, cruzando os braços. “Explique-se”.

Daniel sentou ao lado dela. Cynthia se afastou, Tom Collins na mão, deixando os dois conversarem a sós.

“Namorei com Sheila quando morei no Tennessee”, Daniel começou.

“Ela é aquela com o marido?”

Ele assentiu. “Mas acabamos há seis anos. Ela não é minha namorada”.

“Então, por que você pareceu tão horrorizado quando a viu?” Emily perguntou, friamente.

“Ou era porque sabia que ela estava prestes a revelar seu segredo?”

Daniel esfregou o pescoço. “Eu não sabia da criança. Precisa acreditar em mim”.

Emily o encarou com frieza.

“Por favor”, ele acrescentou. “Estou tão chocado quanto você. Sheila e eu namoramos há seis anos, então, terminamos e eu fui embora. Não tinha ideia de que ela estava grávida. Ela nunca me disse”.

“Deu a ela uma chance de lhe contar?” Emily perguntou. “Ou simplesmente se afastou um dia?”

Daniel pareceu murchar ao ouvir essas palavras. Emily sabia que havia atingido-o em cheio.

“Veja, eu não sinto orgulho das coisas que fiz no passado”, Daniel disse. “Você sabe disso. Eu lhe contei sobre algumas dessas coisas antes. Mas isto é totalmente inesperado. Eu não tinha ideia. Nenhuma. Não é minha culpa ela nunca ter me contado. Quer dizer, como eu poderia saber? Na verdade, estou mais chateado que você. Pense em mim por um segundo. Esta é minha filha. Tenho uma filha no mundo, e nunca tive a chance de criá-la. Como acha que me sinto?”

Emily podia ouvir a angústia na voz dele, e sabia que estava sendo sincero. Ela respirou fundo.

“Certo. Você falou sua versão. Agora, posso voltar para meus drinques com Cynthia? Eu vou... acho que ligo para você quando absorver tudo isso”.

Daniel pareceu ainda mais perturbado. “Essa é a questão”, ele começou. Pelo tom de voz, Emily podia sentir que algo pior estava por vir. “Pode não haver tempo”.

Ela franziu o cenho, confusa.

Daniel continuou. “Sheila não está bem. Ela deixou a criança, minha filha, com um tio”. Ele pegou algo de seu bolso e deslizou pela mesa até Emily. Ela baixou os olhos para a fotografia amassada sobre a mesa e para a doce menina sorrindo para ela. Sua semelhança com Daniel era irrefutável. “Não posso arruinar a vida desta criança”, ele concluiu.

Emily levantou os olhos da foto para Daniel. “O que quer dizer?”

Ele pausou por um longo tempo. “Tenho que ir. Com Sheila. Voltar para o Tennessee”.

Emily ficou olhando para ele, incapaz de entender ou processar as palavras que estava lhe dizendo. Este era seu pior pesadelo se tornando realidade. Daniel estava abandonando-a. Não por outra mulher, como sempre havia temido, mas por uma filha que ela nem por um segundo havia

imaginado.

“Por quê?” ela murmurou.

“Preciso ajudar Sheila a se organizar”, Daniel disse. “Ajudá-la a encontrar um bom lugar para morar. Ver se posso convencê-la a entrar em algum programa de tratamento. Se não, estarei deixando minha filha ter o mesmo tipo de criação caótica que eu tive. Não posso fazer isso com ela”.

“Quanto tempo vai levar?”

“Eu não sei”, Daniel disse, com um longo suspiro. “Uma semana. Duas. Talvez, mais. Tudo o que posso prometer é que vou voltar. Antes do final do verão, assim que conseguir matricular a menina numa escola decente”.

Emily engoliu em seco ao imaginar as próximas longas seis semanas sem Daniel ao seu lado. Havia sido tão tola ao imaginar passar o verão com ele, por ter sonhado sobre mais encontros na praia e manhãs preguiçosas na cama. Agora, isso poderia nunca mais acontecer.

As lágrimas começaram a cair pelo rosto de Emily. “E se você não quiser voltar? Assim que tiver encontrado uma escola para ela e um lugar que ela possa chamar de lar, e se você cair numa rotina familiar feliz?”

Daniel balançou a cabeça e pegou suas mãos. “Não será assim. Eu prometo. Volto para você. Só preciso conhecê-la. Passar algum tempo com ela. Ajudar a trazer alguma estabilidade de volta para sua vida. Mas eu prometo que estarei de volta antes do fim do verão”.

A lágrimas de Emily agora caíam em torrentes. “Você não pode”, ela disse, quando algo lhe ocorreu e a atingiu com uma grande onda de dor. “Não pode deixar essa pobre menininha pensar que seu pai está de volta, e então sair e abandoná-la novamente”.

Lembrou-se de suas próprias experiências amargas, de seu próprio pai afastando-se dela. “Não pode fazer isso com ela”, acrescentou, a raiva fazendo-a levantar a voz.

Emily sabia que Daniel estava apenas tentando fazer a coisa certa, mas, de todo modo, alguém ficaria magoado: a mulher para quem ele nunca voltaria ou a menininha que ele deixaria para trás. Ela podia amar Daniel de todo o seu coração, mas nunca seria egoísta ao ponto de arrancar um pai de sua filha.

“Se deixá-la”, ela disse, chorando lágrimas de amargura, “não será o tipo de homem com quem quero estar”.

O queixo de Daniel caiu ao compreender o que Emily estava realmente dizendo. “Está me dando um ultimato? Você ou ela?”

Emily balançou a cabeça. “Estou lhe dando uma saída, Daniel. Um passe livre. Não quero que escolha entre nós. Quero que escolha sua filha. Precisa fazer isso. Não há outra opção”.

Daniel ficou com o olhar perdido por mais um tempo, hesitante, como se tentasse dizer alguma coisa. Emily não podia mais encará-lo. Baixou os olhos para a superfície da mesa. Quando levantou os olhos novamente, Daniel havia ido embora.

# CAPÍTULO VINTE E TRÊS

Na manhã seguinte, com a luz do sol bloqueando sua visão, Emily assistia da janela do seu quarto enquanto Daniel colocava suas coisas na caminhonete. Não podia deixar de se sentir culpada pelas palavras cheias de raiva que havia lhe dito no bar. Na verdade, não queria que ele fosse embora, queria ser egoísta, colocar suas necessidades em primeiro lugar. Mas havia uma parte dela – a criança muito real e exigente dentro de si, que estava ferida e que queria que Daniel fizesse a coisa certa por esta menina inocente. Não era culpa da criança, assim como não havia sido culpa de Emily. Ela não queria que ninguém, nem seu pior inimigo, passasse pela experiência de perder seu pai.

Nesse momento, alguém bateu suavemente na porta. Emily deixou a cortina cobrir a imagem de Daniel e foi abrir. Serena estava lá. A animação do grupo de amigos no andar de baixo chegava ao andar de cima.

“Eles estão fazendo o check-out”, Serena disse. “Gus gostaria de lhe agradecer pessoalmente”.

Emily enxugou as lágrimas.

“Estou indo”, ela disse, recompondo-se.

No corredor, a luminosidade e calor da pousada a envolveram. Podia ouvir todas as conversas alegres subindo pelos degraus da escada. Apesar de tudo que estava acontecendo, Emily sentiu um sorriso quase se formar em seus lábios, sabendo que havia feito um bom trabalho e que, pelo menos, havia tido sucesso nisso.

Ela seguiu Serena até o andar de baixo, onde os hóspedes estavam reunidos no hall com suas malas, esperando táxis. Gus acenou para ela.

“Emily, queria agradecer por salvar nosso final de semana. Não teríamos nos divertido tanto se não fosse por você. Acho que vamos reservar no próximo ano também, se você quiser”.

Emily vacilou. No próximo ano? Ocorreu-lhe então que talvez não houvesse um próximo ano. Não apenas porque a pousada estava lutando para se manter aberta, mas porque não tinha mais certeza se queria ficar na cidade, sem Daniel.

Serena deve ter notado que Emily estava distraída. Aproximou-se e disse, “Ainda não estamos com a agenda fechada para o ano que vem, mas assim que a tivermos, entraremos em contato”.

Gus assentiu e pareceu satisfeito com a resposta. “Vou esperar ansiosamente”.

Georgia Walters se aproximou. “Passei seus contatos para minha neta. Ela vai se casar no final de agosto e tem trinta convidados que precisam de um lugar para ficar”.

Emily calculou rapidamente se poderia deixar os outros dez quartos prontos em seis semanas e refletiu que, se pôde consertar todo o terceiro andar em 24h, poderia preparar mais dez quartos em um mês e meio.

“Isso é ótimo”, Emily disse. Sabia que deveria estar aliviada por não ter que esperar muito mais pela sua próxima fonte de renda, mas sentia-se desanimada e robótica. Dormiente.

Do outro lado do corredor, viu Serena fazer o sinal de legal com o polegar. O otimismo e entusiasmo de sua jovem amiga foram meio que um amortecimento para a dor de Emily.

Nesse momento, ouviu os táxis vindo pelo caminho na frente da casa e levou os hóspedes até a porta. Lá, notou que a caminhonete de Daniel partira, e que a casa dele estava às escuras.

Sentindo-se perturbada, ela se despediu de cada hóspede pelo nome. Mas, apesar de seus

elogios, beijos no rosto e apertos de mão, sentiu-se incapaz de realmente se conectar com qualquer um deles. Sentia-se como se tivesse sido esvaziada. Estava oca, sem nada para dar. Tudo o que podia fazer era o papel de anfitriã feliz e esperar que ninguém notasse.

É claro, a atuação não convenceu sua querida amiga.

Serena se aproximou e também acenou seu adeus para os hóspedes. “O que está acontecendo?”, perguntou, do canto da boca.

“Não posso lhe dizer agora”, Emily replicou. “Porque, se eu disser, vou chorar”.

Elas continuaram acenando enquanto os táxis desapareceram de vista. Mas mal eles haviam partido, outro carro começou a dirigir pelo caminho. Emily franziu o cenho, sem saber quem poderia ser. Ela observou uma mulher idosa sair do carro.

“Estava esperando outra hóspede?” Serena perguntou.

Emily balançou a cabeça.

A mulher caminhou lentamente até elas. “Oi. Emily?” ela disse, oferecendo-lhe a mão. “Eu sou Anne Maroney”.

De repente, ocorreu-lhe. A vendedora de diamantes! Havia se esquecido completamente do encontro marcado antes que a festa tomasse conta de cada espaço do seu cérebro.

“Serena, poderia preparar um pouco de café?”

“Sem problemas”, Serena disse.

Emily notou que ela ainda queria desesperadamente saber o que estava acontecendo, mas que teria que esperar. Assim como todas as lágrimas que Emily estava desesperada para chorar, mas tinha que deixá-las de lado por mais um tempo.

“Nossa reunião poderia ser no terraço?” Emily disse. “A pousada estava cheia e precisa ser arrumada novamente”.

“Este lugar é esplêndido”, Anne disse, “então, ficarei muito feliz em sentar-me aqui fora”.

“Maravilha. Sente-se. Vou pegar o diamante”.

Emily subiu as escadas correndo, entrou no quarto e pegou a caixa de mogno da gaveta. Então, desceu as escadas, esbarrando em Serena com o café no corredor.

“Emily”, Serena falou. “O que está havendo?”

Emily balançou a cabeça. “Não posso falar com você agora, certo? Só preciso ter esta reunião com a vendedora de diamantes, e então, contarei”.

As duas saíram e sentaram no banco do terraço, ao lado de Anne. Emily colocou a caixa sobre a mesa e Anne a abriu. Ela quase perde o fôlego quando viu o diamante.

“Deus! É muito maior do que você me falou pelo telefone”.

“É?” Emily disse. “Eu só li o que estava no certificado”.

Colocou o certificado sobre a mesa, com cuidado para não mostrar o farol no verso; a última coisa que queria ouvir agora eram perguntas sobre seu pai.

Anne olhou para o certificado e então balançou a cabeça. “Este certificado não é deste diamante”.

Emily ficou tensa. Já havia gasto o dinheiro da venda do diamante no telhado. O certificado não podia estar errado!

“Não é uma falsificação ou algo assim, é?” Emily disse, mordendo o lábio.

“Não pelo que posso dizer”, Anne disse, olhando para ele mais de perto. “Só que é de um diamante diferente”. Ela olhou para Emily. “O diamante que você descreveu parecia mais um de um anel de casamento”.

Emily se perguntou então se seu pai havia acidentalmente guardado o certificado errado com o diamante, se havia misturado os certificados, por acidente. Ou talvez ele tenha guardado o



pedaço de papel apenas pelo desenho no verso, e tenha sido uma coincidência que o havia guardado com a pedra preciosa. Sua mente girava. Tinha a terrível percepção de que a venda poderia não render dinheiro algum.

“Então?” ela disse, mordendo o lábio. “Ele vale alguma coisa?”

Anne arregalou os olhos. “Se vale alguma coisa? Este é um diamante de trinta mil dólares!”

Ao lado de Emily, Serena ficou imóvel. Emily também sentiu que havia se transformado numa estátua.

“Perdão?” ela murmurou.

Anne assentiu. “É totalmente impecável. Uma verdadeira gema. Quem o comprou deve ter sido um gemólogo. Ou apenas tinha um olho muito bom para esse tipo de coisa. É claro, poderia ter tido a mais pura sorte ou ter recebido uma herança passada por gerações”.

Emily balançou a cabeça, surpresa demais para falar. Não podia acreditar no que estava ouvindo. Depois de tudo pelo que havia passado, descobrir que o diamante valia tanto dinheiro era como um sonho bom.

“Bem”, Anne acrescentou, “estou sinceramente animada por estar aqui. Quer dizer, se ainda quiser que eu o compre de você”.

“É claro que quero!” Emily exclamou, animada.

Enquanto Anne pegava seu talão de cheques, Serena tocou na mão de Emily.

“Não gostaria de uma segunda avaliação?” ela disse, baixinho. “Agora que sabe quanto ele vale?”

Emily balançou a cabeça. Confiava plenamente em Anne. Além disso, estava oferecendo três vezes o valor que ela estava esperando, e considerava isso era mais importante do que obter a melhor oferta.

Anne lhe deu um cheque. Trinta mil dólares. Emily estava muito satisfeita.

“Muito obrigada”, ela disse, apertando a mão de Anne.

“Obrigada digo eu!” Anne replicou.

Anne foi embora em seu carro com o diamante, e Emily suspirou aliviada em saber que ela estava, finalmente, de volta ao jogo.

“Então, poderia por favor me dizer agora o que está acontecendo?” Serena perguntou.

Emily olhou para ela e disse, simplesmente, “Ele foi embora. Daniel”.

“O quê” Serena quase gritou. “O que quer dizer com embora? Embora para onde?”

“Para o Tennessee. Para a filha dele”. Emily deslizou para dentro da pousada, deixando Serena perplexa.

“Eu não compreendo”, Serena disse, seguindo-a. “Ele tem uma filha?”

“Tem”, Emily disse, enquanto começava a arrumar o hall de entrada.

Serena parecia sem ar. “Mas como?”

“Tenho certeza de que você não precisa de uma aula de biologia”, Emily disse, ainda mantendo as mãos ocupadas arrumando o hall de entrada.

Serena foi apressada até Emily e segurou suas mãos, detendo-a. “Emily, pare por um segundo, ok?”

Emily finalmente a fitou.

“O que você vai fazer?” Serena perguntou.

Emily trincou os dentes, determinada. “A única coisa que posso”, ela disse. “Preparar minha pousada para trinta convidados de um casamento”.

# CAPÍTULO VINTE E QUATRO

## *SEIS SEMANAS DEPOIS*

Emily não podia se lembrar de um verão que tivesse passado tão rápido e deixado-a se sentindo tão amargamente fria. A vida sem Daniel parecia embotada e monótona. Toda manhã, acordava para mais um glorioso dia de verão – o brilho do sol contrastando com seu humor sombrio – e então ia até a varanda, olhar pelos gramados, para a antiga garagem, onde ficava a casa dele. Toda manhã, era recebida pela mesma visão: o caminho vazio, a casa às escuras. Era como se o verão estivesse zombando dela, sua luminosidade tornando as sombras da casa vazia ainda mais fortes e mais agourentas.

Enquanto o verão passava, Emily mergulhou no trabalho, tentando se manter ocupada e distrair a mente com qualquer coisa que não fosse Daniel. Já tinha concluído os últimos dez quartos da pousada, que estavam prontos para os trinta hóspedes do casamento, realizado no final de agosto. A pousada havia também recebido uma maravilhosa reunião de uma família canadense, Anne Maroney e seu parceiro, a moça da loja de partamentos em Maine, e alguns turistas japoneses que vieram passar o verão. Ela havia realizado brunches aos domingos para os locais, torneios esportivos para as crianças nos gramados, e até algumas sessões de cinema ao ar livre.

Mas, toda noite, ia para a cama com o mesmo sentimento de solidão. Era uma solidão muito pior do que a das primeiras noites que havia passado aqui, na casa poeirenta e dilapidada, sentindo o luto pela sua vida em Nova York, seu emprego, e os últimos sete anos que havia passado com Ben. Desta vez, Emily percebeu que havia perdido algo que amava mais do que todas essas coisas, algo que significava mais para ela que seu emprego, apartamento, e ex-namorado jamais significaram. Se não fosse pela reserva do casamento mantendo-a aqui, Emily certamente teria feito as malas e ido embora.

Caminhou pela pousada, admirando a bela decoração. Ela e Serena haviam passado muitas horas arrumando as lindas fitas brancas impecáveis para a festa de casamento que se realizaria amanhã, e a casa tinha se transformado num palácio. Numa parede, Serena fez uma bela árvore genealógica com madeira. Tinha galhos encurvados e os nomes de todos nas famílias da festa de casamento em cada uma das folhas.

Emily tentou não pensar no significado da data – o último dia de agosto – mas não podia se conter. Sentia tanta falta de Daniel que era impossível não contar os dias. Mas se ele voltasse, como havia prometido, isso significaria que havia abandonado sua filha, e, ao fazer isso, tornado-se um homem que Emily não podia mais amar. Seria agri-doce.

Nesse momento, a campainha tocou e o coração de Emily deu um salto. Então, lembrou que Daniel não iria tocar a campainha, simplesmente entraria na casa, sem cerimônias. Acalmou seu coração acelerado e abriu a porta.

À sua frente estava uma pilha de cadeiras brancas peroladas.

“Entrega de cadeiras”, uma voz entediada disse, de trás. “Onde quer que as coloque?”

Emily abriu bem a porta. “Elas vão ficar no salão de baile”.

“Salão de baile?” a voz replicou, enquanto as cadeiras começaram a girar em seu carrinho.

Por fim, o homem da entrega se revelou, um cara magro parecido com um pássaro.

“Sim, por aqui”.

Emily o levou até o salão de baile, onde aconteceria a recepção da festa.

“Nossa”, o cara da entrega disse, enquanto levava seu carrinho. “Está incrível!”

Num dia tão luminoso, os vidros Tiffany refletiam minúsculos arco-íris por todo o salão.

Estava mágico. Emily não podia deixar de pensar, dolorosamente, no tempo em que ela e Daniel haviam estado neste salão, falando com entusiasmo sobre a possibilidade de usá-lo para casamentos. Agora o sonho havia se tornado realidade, mas Daniel não estava ali para compartilhar com ela. Sentia sua falta intensamente, como se houvesse um buraco no coração. E não importava o quanto se jogasse em seu trabalho, aquele anseio parecia nunca diminuir.

Emily ajudou a colocar as cadeiras em seus lugares e viu o cara da entrega sair. Então, seu celular começou a tocar: Karen estava ligando.

“Emily”, Karen disse, um pouco sem fôlego. “Finalmente, consegui”.

“Conseguiu o quê?” Emily perguntou.

“Consegui a reunião. Para sua placa”.

“Ah!” exclamou. Já tinha quase se esquecido de que Karen concordara, muitas semanas atrás, a ajudar com a atual disputa sobre a placa. Trevor havia feito um trabalho tão bom em bloquear a licença que Emily havia quase se acostumado a todos os reveses, às mensagens de voz secas que Marcella lhe deixava explicando que tinha havido uma mudança de planos, *devido a uma nova queixa formal*. E, com a ausência de Daniel, ela nem havia notado a falta da placa também.

“É amanhã”, Karen continuou.

“Amanhã!” Emily exclamou. Que “sorte” a reunião ter sido marcada para um sábado, no dia em que ela já tinha um monte de coisas para fazer. “De que horas?”

“Nove da manhã”, Karen disse. “Eu sei que é em cima da hora. Vai conseguir ir?”

“É claro”, Emily replicou, apesar de se sentir um pouco exasperada. Pelo menos, não coincidia com a festa de casamento. Conseguiria dar conta das duas coisas. De todo modo, seria bom ter o máximo de distrações possíveis amanhã.

“Ótimo”, Karen disse, parecendo mais animada do que Emily. “Vamos recuperar sua placa. Eu prometo. Vejo você amanhã”.

Ela desligou e Emily olhou para o aparelho em sua mão, sentindo-se devastada. Perguntava-se se Trevor havia tramado para a reunião cair em um momento tão estranho, para garantir que ela teria o menor tempo de preparação possível. Vindo dele, era de se esperar.

Emily voltou ao trabalho. Examinou a longa lista de preparativos. Tudo tinha que estar perfeito para amanhã. Se fosse seu casamento, queria que tudo estivesse perfeito.

Havia mais entregas vindo amanhã – o bolo, a escultura de gelo e todas as flores – mas, por hoje, tudo que precisava ser feito estava pronto. E isso significava que ela tinha uma noite de folga para se preparar para a reunião.

Então, seu celular tocou. Era Amy. Emily respondeu, aliviada por ter uma voz amiga com quem falar.

“Tenho um segredo”, Amy disse, no segundo que Emily disse alô.

“Certo...” Emily disse, um pouco desconfiada.

“Vou deixar Jayne explicar”, Amy disse.

Mais confusa que nunca, Emily franziu o cenho enquanto ouvia o som do celular ser passado para outra pessoa. Então, a voz de Jayne veio pela linha.

“Adivinha!” Jayne exclamou.

“Pode me dar uma dica?” Emily perguntou.

“Humm, certo, espere”.

Emily ouviu o som insistente de uma buzina, e então a voz de Amy exclamando: “Ei! Não faça isso! A polícia vai nos mandar encostar!”

Jayne voltou para a linha. “Já adivinhou?”

Emily passou a mão no rosto. Estava estressada e não tinha tempo ou energia para lidar com Jayne no momento. “Eu não sei. Vocês estão num carro?”

“Sim!” Jayne exclamou. “E por que estaríamos num carro?”

“Porque vocês vão viajar de carro”, Emily disse, ainda lutando para demonstrar algum tipo de entusiasmo.

“E aonde poderíamos estar indo de carro?” Jayne perguntou.

“Eu não sei”, Emily disse, com um grande suspiro. “Filadélfia?”

“Não”, Jayne disse. “Sunset Harbor!”

Ela falou essa última parte gritando, tão alto que Emily quase deixou o celular cair. Então, houve uma longa pausa enquanto ela organizava seus pensamentos.

“Ah”. Tentou dizer com alegria, mas sua mente estava frenética. Não podia receber Jayne e Amy durante aquela noite! Não com o casamento e a reunião, e todo o drama com Daniel.

“Você não parece satisfeita”, Jayne disse, parecendo desanimada.

“Não”, Emily disse. “Eu adoro vocês, meninas, sabem disso. Só estou muito ocupada no momento”.

“Ah, qual é”, Jayne disse, com sua voz de revirar os olhos. “Você está perambulando sozinha nessa casa grande. Precisa de um pouco de companhia”.

Era verdade que Emily sentia falta de companhia humana – Mogsy e Chuva eram uns amores, mas não era a mesma coisa. Ela só queria que as amigas tivessem vindo durante as últimas seis semanas, quando ela havia tido muito tempo livre e precisado desesperadamente de alguns ombros em que chorar! Parecia tão típico, Emily pensou, tudo acontecer ao mesmo tempo.

“Onde vocês estão agora?” Emily perguntou. Esperava que não tivessem ido muito longe, que pudesse convencê-las de que esta noite não era uma boa ideia.

“Estamos no litoral”, Jayne disse. “Ames, onde estamos?”

“Portland”, ela ouviu Amy dizer.

Emily suspirou fundo. Elas já estavam chegando.

“Bem, não tenho muita escolha então, tenho?” Emily disse. Vocês só terão que aceitar o fato de que vou estar ocupada. Por quanto tempo vão ficar?”

“Só vamos passar a noite”, Jayne disse. “Jesus, você poderia pelo menos fingir que está animada?”

A paciência de Emily estava diminuindo. Ela queria descontrair em Jayne, descarregar todas as preocupações e temores que estavam em sua mente, mas sabia que não era culpa da amiga. Pelo menos, ter Amy e Jayne aqui poderia tornar as coisas um pouco mais fáceis. Seria bom se distrair um pouco desta vez.

“Desculpe”, falou, por fim. “Só estou numa situação meio estranha no momento. Contarei tudo quando chegarem”.

“Ótimo”, Jayne disse. “Não vamos demorar. Acho que chegamos em uma hora, mais ou menos. Ames está concordando com a cabeça. Então, uma hora. Vemos você daqui a pouco”.

Ela desligou antes de Emily ter a chance de dizer mais uma palavra.

\*

Enquanto as horas passavam, Emily gostava cada vez mais da ideia de ver Amy e Jayne.

Percebeu que estava se sentindo animada pela primeira vez em muito tempo. Apesar de relutante sobre o quanto estaria ocupada, precisava da companhia delas mais do que de qualquer outra pessoa. Adorava seus amigos de Sunset Harbor, mas estavam muito próximos da situação. Suas amigas de Nova York não eram tão envolvidas. Emily já estava farta de todos os olhares de simpatia e expressões tristes que todo mundo lhe dava, como se ela fosse um pobre animal ferido.

Ao meio-dia, ouviu o som de um carro vindo barulhentemente pelo caminho de cascalho. Correu para a porta e viu suas duas amigas saindo do carro, animadas. Jayne estava vestida em grande estilo, com seu cabelo negro radiante e unhas pintadas de vermelho. Enquanto Emily descia trotando os degraus do terraço para saudá-las, notou as cortinas se mexerem no quarto de cima de Trevor Mann, quarto esse que ela achava que ele usava secretamente para espioná-la, toda vez que ela fazia “barulho demais”. Provavelmente estava lá em cima, escrevendo seus argumentos para a reunião de amanhã.

“Em!” Jayne gritou, praticamente se jogando em Emily. O cheiro do perfume dela a atingiu como uma onda.

Emily aceitou o abraço de bom grado. Há muito tempo que não recebia um abraço. Seus olhos quase se encheram de lágrimas ao se lembrar do quanto.

Jayne a soltou e então Amy se aproximou. Elas não se viam desde a última reunião municipal, quando o prefeito Hansen havia dado a Emily a permissão para abrir a pousada. Apesar de terem se falado um pouco desde então, Emily não estava inteiramente certa de como estavam no momento.

“Você cortou o cabelo”, falou, para quebrar o gelo.

Amy assentiu e seu novo corte bob na altura do queixo balançou, ao fazer isso. Então, ela sorriu e puxou sua amiga para um abraço apertado. “Senti sua falta, Emily”.

“Senti sua falta também”, Emily replicou, suspirando aliviada.

“Agora ouça”, Jayne disse, voltando-se para Amy, “não há nada para fazer aqui, então, apenas nos sentamos no terraço e ficamos bêbadas. Não é, Em?”

Emily deu de ombros. “É isso. Mas vocês precisam tomar cuidado. Haverá uma festa de casamento aqui amanhã à noite. Não mexam em nada. Nem quebrem nada”.

Jayne a encarou. “O que lhe faz pensar que vamos quebrar alguma coisa?”

Amy foi mais diplomática. “Só estamos aqui para nos divertir com nossa melhor amiga e sua casa ridiculamente maravilhosa”.

Emily sorriu ao ouvir isso. “Acho que é melhor eu ir preparar uma jarra de mojitos, então”.

Suas duas amigas a seguiram até a cozinha, onde Chuva e Mogsy começaram a latir e correr para todo lado, animados. Jayne e Amy ficaram muito felizes ao vê-los e começaram a beijá-los e abraçá-los.

“Ai, meu Deus”, Jayne exclamou. “Queria ter um apartamento grande o bastante para um cachorro”.

“Você nunca poderia ter um”, Amy contestou. “Trabalha demais. Não que você não trabalhe, Emily”, acrescentou apressada, “só quero dizer que é preciso estar em casa o tempo todo se quiser ter um cão”.

Emily assentiu. “Eu não planejei ter um”, ela disse, “mas é bem legal tê-los por perto. Não me sinto tão sozinha”. Parou assim que disse essas palavras, e engoliu em seco. Não havia planejado mergulhar direto na sua situação abandono-de-Daniel, esse era um tópico para daqui-a-dois-copos-de-mojitos.

Felizmente, suas amigas pareceram não notar o deslize.

“Ames, por que não conta a Emily sobre seu novo namorado?” Jayne disse com os olhos travessos.

“Namorado?” Emily perguntou, arregalando os olhos com a surpresa. Amy era muito mais sensível em relação a namorados. Quase nunca namorava, e nenhum de seus relacionamentos havia durado muito. Para ter chegado ao status de namorado, significava que havia ficado bem sério.

Amy pareceu desconfortável. Então, pegou a carteira da bolsa e mostrou uma foto a Emily. Era dela e de um homem impossivelmente bonito de braços dados, numa praia ensolarada.

“Onde vocês estão?” Emily exclamou.

“Havaí”, Amy replicou, enrubescendo. “Ele me levou no nosso aniversário de três meses”.

Emily não podia acreditar. Ficou olhando para a foto, para a expressão de Amy nela. Sua amiga parecia mais feliz do que nunca.

“Qual o nome dele?” ela balbuciou.

“Frasier”, Amy disse. “Ele tem 38 anos”.

“E é riquíssimo!” Jayne interpelou. “Trabalha na área de investimentos, mas também vem de família rica, sabe?”

Emily voltou a olhar para o Frasier feliz, saudável, com seus dentes brancos perfeitamente alinhados e cabelos brilhantes. Ele e Amy pareciam o Sr. e a Sra. Perfeitos. Emily não pôde deixar de sentir uma pontada de inveja. Havia cometido um erro enorme ao se envolver tanto com Daniel? Ambos tinha histórias tão cheias de falhas e seu relacionamento já tinha passado por tantos caminhos pedregosos. Talvez estivesse sendo estúpida por querer se estabelecer com ele, por esperar por ele. E se houvesse um Sr. Perfeito esperando para levá-la ao Havaí?

“Por que não me disse que estava namorando?” Emily perguntou.

Amy deu de ombros. “Acho que fiquei muito envolvida com tudo. Quer dizer, você, dentre todas as pessoas, sabe como é quando se entra num relacionamento sério!”

Emily sentiu suas emoções atingirem como uma onda de dor. Antes que pudesse se deter, começou a chorar.

Amy e Jayne trocaram um olhar de preocupação.

“O que há de errado?” Amy perguntou, gentil. “Aconteceu alguma coisa com Daniel?”

“Ele foi embora”, Emily conseguiu dizer entre seus soluços.

“Embora?” Amy repetiu, dando um lenço a Emily. “Para onde?”

Emily enxugou as lágrimas. “Ele foi para o Tennessee, ficar com sua filha”.

“Ele tem uma filha?” Jayne disparou, com o queixo caído de surpresa. “E, deixe-me adivinhar, não teve a bondade de lhe contar sobre ela?”

Emily balançou a cabeça. “Ele não sabia que ela existia”, balbuciou, sem poder olhar a amiga nos olhos. Não deveria estar defendendo-o.

“Ah, querida”, Amy disse. “Quando isso aconteceu?”

“Há seis semanas”, Emily admitiu. “Estava envergonhada demais para contar a vocês”.

“Não me surpreende”, Jayne replicou. “Quer dizer, eu ficaria mortificada se acontecesse comigo. Tipo, muito envergonhada”.

Amy a encarou.

“Mas isso sou eu”, Jayne disse, perplexa, “Você não tem razão de se envergonhar. É Daniel quem tem sido um completo cretino. Que tipo de idiota engravida a namorada e nem mesmo fica para conhecer a criança?”

“Ele tem mantido contato?” Amy perguntou.

Emily podia sentir o calor da vergonha subir pelas suas bochechas. Ela se ocupou picando

gelo. “Não. Mas ele não tem celular, então, não estava esperando que entrasse em contato”. Ela sabia que parecia uma desculpa esfarrapada, mas era o jeito de Daniel, e algo que havia aceitado sobre ele. “Mas prometeu que voltaria até o final do verão”.

“Ele já devia estar aqui, não acha?” Jayne disse.

Emily assentiu, ainda desviando o olhar.

“Acha que ele não volta?” Amy perguntou suavemente.

Emily deu de ombros. “Eu não sei. Mesmo que volte, nada pode ser como antes, pode? Ele é um pai agora. Isso muda tudo. Se voltar para mim, significa que me escolheu em relação a sua filha e isso o torna o tipo de homem com quem eu não quero estar. De todo jeito, eu perco”.

Amy acariciou sem braço.

Jayne adotou uma postura mais franca do que Amy sobre aquilo tudo. “Bem, ele era apenas o oposto de Ben, não era? Quer dizer, era 'rústico'. Vocês não podiam ter muito assunto para conversar”.

“Conversávamos muito”, Emily rebateu.

“Está tudo bem, Em”, Jayne acrescentou. “Estar com um cara só porque ele é bom de cama é normal. Todas nós já fizemos isso”.

“Eu o amava”, Emily protestou.

“Amava?” Amy interjeitou. “No passado? Não mais?”

“Eu não sei”, Emily disse, com um suspiro. “É tudo tão confuso. Acho que terei que esperar e ver o que acontece”.

Emily tentou ignorar o olhar de dúvida que suas amigas trocaram.

“Enfim, quantas pessoas virão para a festa de casamento amanhã?” Amy perguntou, no que Emily reconheceu ser uma tentativa de mudar o rumo daquela conversa dolorosa.

“Trinta”, Emily disse. “A pousada está lotada”.

“Isso é bem legal”, Amy replicou. “Você tem recebido muitas reservas, então?”

Emily terminou de preparar os mojitos e elas saíram para beber no terraço. “Na verdade, não tantas. Tive um 50º encontro do Ensino Médio durante o final de semana de Quatro de Julho. Vinte pessoas. Surpreendentemente barulhentos para idosos de 70 anos. Então, tive alguns hóspedes aqui e ali, mas não muita coisa”.

“O bastante para se sustentar?” Jayne perguntou.

Emily mordeu o lábio. “Na verdade, não. Quer dizer, é preciso gastar muito, para começar. Deixar a casa habitável já é caro, sem mencionar o vazamento no telhado, que arruinou um monte de antiguidades. Então, há os custos com funcionários e, bem, enfim, vocês podem imaginar”.

Amy e Jayne se entreolharam. Emily notou que estavam escondendo algo.

“O que foi?” perguntou.

Amy falou. “É sobre minha empresa de velas”, ela disse. “Está indo muito bem no momento. Estou crescendo. Tenho um escritório de verdade ao invés de trabalhar em casa”. Sorriu timidamente.

A amiga não sabia ao certo por que Amy estava tão reticente em mencionar seu sucesso. Talvez, tivesse medo de parecer insensível, considerando que o negócio de Emily estava sempre à beira do colapso.

“Isso é ótimo”, falou, por fim. “Estou muito feliz por você”.

“Bem”, Amy continuou, e Emily percebeu que ela ainda não tinha terminado. Havia mais por vir. “Queria saber se você gostaria de voltar para casa e ser minha gerente de marketing. Jayne concordou em dirigir a equipe de vendas. Não sei se existem outras pessoas em quem eu confie

mais no mundo para serem parte da equipe de diretores do que vocês duas”.

Emily estava chocada. Havia trabalhado em marketing por anos quando morava em Nova York, mas nunca conseguira chegar aonde queria em sua carreira. Sempre havia sonhado em crescer na profissão, mas nunca aconteceu. E sempre havia se culpado. Mas depois de se mudar para Sunset Harbor, tinha se perguntado se era, na verdade, Ben lhe atrasando, mais do que apenas uma falta de confiança em si mesma.

Agora, tudo era diferente. Ela estava diferente. A ideia de trabalhar em Nova York novamente a aterrorizava. Só o trânsito já acabava com sua motivação.

“Eu não sei”, ela disse. “Tenho este lugar para cuidar”.

“Quer dizer que tem Daniel para pensar?” Jayne disse, levantando uma sobrancelha.

“Não posso simplesmente largar tudo e ir embora”, Emily protestou.

“Por que não?” Jayne a desafiou. “Ele fez isso”.

“Não se trata de Daniel”, Emily disse, seu tom ficando mais ríspido. “Trata-se da minha vida. Meu negócio. Sobre quem estou me tornando, ou pelo menos quem eu quero me tornar”.

Jayne balançou a cabeça. A discussão estava se tornando um pouco acalorada. “Quer fazer festas de idosos numa pousada falida numa cidade chata e pacata? Sério? É o que você quer?”

O queixo de Emily quase caiu. Não podia acreditar no quanto Jayne estava sendo grosseira. Amy, sempre a pacificadora, interveio.

“Não precisa decidir agora”, falou, gentil. “Acho que o que Jayne está tentando expressar é que nós sentimos sua falta e queremos que volte para casa”.

Emily parecia ofendida. “Ela tem um jeito estranho de dizer isso”, murmurou.

Mas sabia que Amy tinha razão. Jayne só queria que ela voltasse para Nova York, para onde acreditavam que ela pertencia. Ela se perguntou se ainda pertencia, afinal. Se a vida talvez fosse mais fácil se ela simplesmente fizesse as malas e voltasse com elas. Podia ir no domingo, assim que os convidados do casamento fossem embora, simplesmente partir, sem dizer a ninguém, sem dar um endereço de contato. Se deixasse celular, ninguém nem mesmo poderia contactá-la ou encontrar seu paradeiro. Mas se fizesse isso, sempre se perguntaria se Daniel voltou para ela ou não, se havia alguma chance de futuro para eles.

“Você passou ótimos meses aqui”, Amy disse. “Mas o verão já está quase no fim. Deveria voltar”.

Emily não podia olhá-las nos olhos. “Pensarei nisso”, concluiu.

E, para sua surpresa, percebeu que falava sério. Realmente estava considerando voltar para Nova York. Apesar de realmente não querer que fosse por causa de Daniel, sabia que era. O último final de semana de agosto havia chegado. Se ele não aparecesse até a noite de domingo, saberia de uma vez por todas que estava tudo terminado entre eles, que ele havia escolhido a vida feliz em família no Tennessee, assim como ela temia. E se não havia mais Daniel em Sunset Harbor, talvez não houvesse razão para Emily ficar também.



## CAPÍTULO VINTE E CINCO

Em seu quarto, Emily puxou sua mala dos fundos do armário. A maioria dos seus pertences já estavam empacotados, no caso de precisar sair rapidamente.

Seu quarto estava uma bagunça no momento. Depois que os últimos quartos no terceiro andar haviam sido renovados, não tinha mais onde guardar as caixas de seu pai, então, havia acumulado-as temporariamente aqui; não tinha mais que manter seu quarto arrumado. As caixas eram originalmente da categoria “jogar fora”, mas depois da conversa sobre Barcelona, ela se perguntou se haveria alguma evidência que tinha deixado passar.

Sentou-se e começou a procurar em uma das caixas. Não havia nada de interesse nela, apesar de ter encontrado outro rascunho do farol pelo qual seu pai era tão obcecado. Este havia sido feito a óleo. Ela havia encontrado tantos que começou a se perguntar se o artista, na verdade, era seu pai. É claro que nunca o havia visto demonstrar qualquer interesse em pintura, mas também nunca o havia visto falar sobre Barcelona, então, por que não? Começou a ter todo tipo de ideia ridícula. Talvez, ele tivesse uma vida dupla secreta como artista, frequentando galerias de arte à noite, enquanto fumava charutos e usava uma boina preta. Ou talvez o artista fosse um filho secreto – se Daniel podia ter um, por que não seu pai? Ou, talvez, ele tivesse uma amante. Anne Maroney tinha dito que o certificado do diamante era para um anel de casamento, afinal; então, talvez, seu pai tenha cometido bigamia com a artista. Eram pensamentos malucos e paranoicos, mas estava começando a suspeitar de algo, começando a se perguntar se conhecia seu próprio pai.

Enquanto pesquisava na caixa de papeis, Emily se sentia cada vez mais triste e confusa. Mas havia também um senso de nostalgia, pelo homem que ela lembrava que seu pai foi.

Nesse momento, a campainha tocou. O coração de Emily deu um pulso. Poderia ser Daniel?

Correu até a janela, espiando pelas cortinas de tule para ver se havia luzes na casa dele, ou qualquer sinal da caminhonete. Tudo estava às escuras. Mas ela podia distinguir a silhueta de um carro estacionado na entrada da casa. Era esguio e parecia caro, certamente, não o tipo de carro que Daniel dirigia, mas coisas mais estranhas já aconteceram.

Em silêncio, Emily desceu as escadas correndo, para não acordar suas amigas, cada uma dormindo nos maiores quartos do segundo andar. Seu coração batia forte quando chegou na porta e a abriu.

Quando viu quem estava lá de pé, seu coração pareceu parar de bater. Ele estava mais bonito do que antes, seu cabelo escuro bem penteado, seu sorriso, brilhando.

Parado na sua frente estava Ben.

# CAPÍTULO VINTE E SEIS

“Ai, meu Deus”, Emily conseguiu dizer.

Já fazia quase um ano desde que ela havia acabado o namoro. Parecia tão errado vê-lo em seu terraço, como se ele não pertencesse ao lugar.

“Olá, Emily”, Ben disse. “Posso entrar?”

A mente de Emily estava a mil. Um minuto atrás, havia pensado que Daniel voltara para ela, mas agora estava cara a cara com Ben, logo ele. Não sabia o que fazer ou pensar.

“Como me encontrou?” balbuciou. “Como soube que eu estava aqui?”

Ben estremeceu, um pouco envergonhado. “Foi Jayne. Mas não fique com raiva”, acrescentou. “Sabia que ela estava vindo ver você hoje, e a obriguei a me dizer onde você estava”.

Emily suspirou, frustrada. É típico de Jayne se intrometer na sua vida. Deve ter mandando uma mensagem para Ben com o endereço no instante em que descobriu que Daniel tinha ido embora! A viagem de carro de Nova York até Sunset Harbor levava oito horas, justo o intervalo de tempo que ele levou para chegar. Emily podia sentir a raiva crescendo dentro de si. Graças a Jayne, a ausência de Daniel doía ainda mais. Ela queria tanto que fosse ele na sua porta, e era um golpe duplo, ao invés, ser confrontada com um fantasma de seu passado.

Emily esfregou a testa, tentando afastar o cenho franzido que parecia permanentemente grudado lá. “O que está fazendo aqui, Ben?” perguntou, quase exasperada. “É tarde e tenho que acordar cedo amanhã”.

“Queria falar com você”, Ben disse. “É o mais queria. Entendo por que você foi embora, mas nunca atender minhas ligações? Nunca me dar uma chance de falar melhor sobre isso com você?”

Subitamente, Emily se sentiu culpada. Afastar-se de Ben daquele jeito era um comportamento injustificável. Era o tipo de coisa que a antiga Emily fazia, mas não algo que a nova Emily faria, nunca. Havia mudado tanto desde que saiu de Nova York. Magoar alguém daquela forma não fazia mais parte de sua natureza.

Permitiu que ele entrasse. “Tem razão. Melhor entrar”.

Ben sorriu e pisou no corredor. Então, assoviou. “Uau. Você fez tudo isso? É incrível”.

No momento, Emily precisava do elogio. “Obrigada. Quer um drinque, ou algo assim? Vinho? Cerveja?”

Ben balançou a cabeça. “Não, estou dirigindo. A menos que me deixe reservar um de seus quartos”.

“Vou trazer-lhe um suco”, Emily disse. “É orgânico. E feito na hora”.

Ben pareceu impressionado enquanto seguia Emily pelo corredor até a cozinha. Ela notou, enquanto isso, que ele ficava olhando ao redor, admirado, quase como se não pudesse acreditar que ela havia criado algo tão lindo. Isso fez uma raiva familiar surgir dentro dela; Ben nunca havia visto seu potencial, nunca havia nutrido seu talento. Não surpreendia ele estar tão admirado agora pelo que ela havia conseguido fazer sozinha.

Entraram na cozinha e Ben assoviou novamente, aprovando. Precisando de algo para acalmar seus nervos, Emily se serviu de uma taça de vinho. Então, pegou um pouco de suco da geladeira para Ben e ambos sentaram na mesa da cozinha. Emily não podia deixar de pensar em Daniel,

em como se sentavam ali juntos, bebendo café toda manhã. Parecia que Ben havia se materializado no território de Daniel, e estava ocupando o espaço vazio deixado por ele. Emily percebeu ainda mais quanto sentia falta de Daniel, de como se sentia solitária ao longo das últimas semanas.

“Tenho pensado muito”, Ben disse. “Sobre nosso relacionamento e como deu errado”.

Emily levantou uma sobrancelha. “Tem?” Ela própria havia pensado tudo que podia durante o relacionamento. Assim que acabou, havia lavado as mãos e se jogado na pousada com Daniel.

“Você não costuma passar muito tempo pensando”, ela acrescentou, seca.

Ben coçou o pescoço, subitamente, sem graça. “Eu sei. Mas você era importante para mim, Emily, e... bem, não lhe dei o devido valor, não foi? Eu a tratei como um acessório. Nunca ouvi o que você queria. A casa estava decorada do meu jeito. Íamos para os meus restaurantes favoritos. Passávamos tempo com meus amigos e minha família. Era tudo sobre mim”.

“Ah”, Emily disse, um pouco surpresa. Não esperava que ele fosse tão perspicaz. “O que vem em seguida, um pedido de desculpas?”

Ben assentiu. “Sim. Sinto muito. De verdade. Fui um cretino. E não percebi o que tinha até perdê-la”.

Emily tomou um gole de vinho. “Acontece com as melhores pessoas. É por isso que existe um monte de provérbios a respeito”. Ela levantou os olhos e sorriu. “Mas obrigada. Agradeço por me dizer isso. E sinto muito também pela forma como parti. Foi duro. E grosseiro. E totalmente desnecessário”.

Ben assentiu, agradecendo. “Não posso acreditar no que realizou aqui”, ele disse. “Estou impressionado”.

“Obrigada”, Emily disse. “Não posso levar todo o crédito. Tive muita ajuda”.

Ben pareceu se tornar mais quieto. “Você quer dizer, de Daniel?”

“Eu realmente vou matar Jayne”, Emily murmurou baixinho. Então, para Ben, respondeu: “Entre outras pessoas. Fiz muitos amigos aqui”.

“Mas Daniel era especial, certo?” Ben perguntou, com uma expressão triste. “Era mais que um amigo. Jayne disse que você o amava”.

Emily respirou fundo. “Amei. Amo. É complicado”.

“Não parece muito complicado, na minha opinião”, Ben disse. “Ele não está aqui. Deveria estar. Se a amasse, estaria”.

Emily baixou o olhar para a mesa. Talvez, Ben tivesse razão. Se Daniel a amasse, não a faria passar por toda essa dor e angústia. Pelo menos, teria ligado. Mas, novamente, foi ela quem terminou, não foi? As palavras dela sobre ele não ser mais um homem que ela respeitava haviam determinado o fim do namoro.

“Mas eu estou”, Ben disse, as palavras dele a tiraram subitamente de seus pensamentos.

Ela levantou os olhos. “Desculpe. O que disse?”

“Estou aqui porque te amo, Emily”, Ben disse.

Ela balançou a cabeça. “Não, não ama”.

“Amo”, ele insistiu. “Sempre amei. É por isso que não deixei de ligar. Nunca deveria tê-la deixado sair daquele restaurante. Deveria ter percebido o que você significava para mim. Foi só quando você partiu que eu percebi o quanto a amo”.

“Sou uma pessoa diferente agora”, Emily disse, ainda balançando a cabeça, sentindo o coração bater forte. “Já fazem meses. Eu mudei. Como pode saber?”

Mas Ben não respondeu. Porque, de repente, ele estava de joelhos.

“O que está fazendo?” Emily murmurou, com o coração na boca.

Ben tirou uma pequena caixa preta do bolso e abriu a tampa. Dentro, estava um anel prateado com um grande e lindo diamante. Graças a toda a pesquisa que Emily havia feito sobre diamantes, sabia que era um muito, muito caro. Ela prendeu a respiração.

“Eu deveria ter feito isso há anos”, Ben disse. “Emily Mitchell, quer casar comigo?”

# CAPÍTULO VINTE E SETE

Enquanto Emily fitava o anel cintilante, as palavras de Ben ecoavam em sua mente. Ele a amava? Queria casar com ela? Houve um tempo em que teria dado tudo no mundo para ouvi-lo dizer essas palavras.

“Isto não está acontecendo”, ela falou, sem fôlego.

Ben sorriu, seus olhos estavam bem abertos, com uma expressão serena. “Está, Emily. Por favor, me perdoe. Serei um homem melhor para você. Serei o marido que sempre deveria ter sido”.

Emily mal podia respirar. Ben estava oferecendo-lhe a estabilidade e compromisso pela qual sempre ansiara. Parecia que o destino havia atacado novamente, o fato de Ben ter sido enviado para ela agora, quando estava se sentindo profundamente vulnerável e em dúvida sobre Daniel e o futuro, quando estava começando a sentir vontade de fazer as malas e sair daquele lugar. Ali estava o homem com quem havia passado sete anos construindo uma vida dizendo-lhe que ele faria todos os seus sonhos se tornarem realidade.

Só havia um probleminha. Ele não era Daniel.

Finalmente, Emily balançou a cabeça. “Sinto muito, Ben. Não posso me casar com você”.

Ben a fitou, perplexo. “Mas achei que era o que você queria”.

“Era. Antes. Mas não mais. Sinto muito”.

Ben fechou a tampa da caixa. Parecia arrasado. Emily nunca o havia visto tão abatido.

“É por causa de Daniel?” ele perguntou. “Porque você o ama mais do que a mim?”

Emily baixou os olhos, tomada por diversas emoções. Parte dela sentia que estava cometendo um erro terrível por não aceitar a oferta de Ben, mas outra parte dela, mais forte, sabia que não estaria sendo sincera se aceitasse. Ben lhe oferecia luxo e estabilidade, mas Daniel lhe havia tirado da solidão que sempre sentira. Os poucos meses que passou com ele haviam mudado mais sua vida que os sete anos que passou com Ben.

“Sou uma pessoa diferente agora”, Emily explicou.

Os olhos de Ben estavam cheios de lágrimas. “Não, não é, Emily. Você é a mesma pessoa por quem me apaixonei. Vi nos seus olhos, no momento em que você me viu chegar aqui”.

Emily tentou falar, mas Ben não havia terminado. Ele segurou sua mão e começou a falar com paixão.

“Não temos que nos casar”, ele disse, rapidamente. “Se isso parecer rápido demais para você, podemos ir devagar, apenas voltar para Nova York e passar algum tempo juntos, só nós dois. Farei tudo o que puder para fazê-la perceber que eu quero isto, que eu te amo. Posso devagar ou rápido, como você quiser”.

Emily respirou fundo. Ver Ben daquele jeito estava mexendo muito com ela. Nunca havia esperado ver aquela efusão de sentimentos, presenciar tanta sinceridade e vulnerabilidade vindo dele. Sua paixão por ela parecia subitamente eclipsar seus sentimentos por Daniel. Nunca poderia imaginar que ele a pediria em casamento daquela forma; ele era sempre tão prático e comedido.

Mas ainda assim, era para Daniel que sua mente ficava retornando.

De repente, Ben estava de pé. “Vou embora, deixá-la pensar nas coisas, certo? Se quer casar comigo, basta dizer o sim. E, se quiser voltar um dia para Nova York, minha casa está sempre aberta para você. Vou esperar. Pelo tempo que for necessário”.

Emily estava sem palavras. Nem conseguia dizer não, dizer para ele que esperar por ela não tinha sentido, porque seu coração agora pertencia a outro. Ficou muda enquanto Ben a puxava para si num abraço de despedida, exalando o perfume familiar de sua colônia.

“Pense sobre isso”, ele disse, por fim.

Então, saiu da cozinha e foi embora.

# CAPÍTULO VINTE E OITO

Na manhã seguinte, Emily acordou cedo, com a cabeça um pouco pesada por causa dos mojitos, e se vestiu. A reunião municipal estava marcada para as nove da manhã. Ela se perguntava se marcá-la tão cedo era um truque cruel de Marcella, ou se apenas estava seguindo uma regra idiota sobre reuniões.

Esperta, Emily vestiu um de seus trajes de trabalho na pousada, e então foi até o espelho para colocar os brincos. Pela janela, tinha uma visão clara de todo o terreno da frente casa, incluindo da casa de Daniel, que ficava aninhada atrás de algumas árvores. Não havia sinal da caminhonete.

*Ainda*, pensou.

Depois de se vestir, Emily desceu e preparou café, o suficiente para Amy e Jayne beberem um pouco depois de acordarem. Ainda estava brava com Jayne por abrir o bico para Ben, e sua mente ainda estava girando por causa do encontro com ele. Vê-lo ajoelhado por ela era uma imagem que ficaria para sempre marcada em sua mente. Havia sonhado com isso tantas vezes, mas, quando se tornou realidade, não foi como esperava. E nada do que queria. Estava impressionada com o quanto suas prioridades e necessidades haviam mudado desde que veio para Sunset Harbor.

Emily terminou seu café, e rapidamente escreveu um bilhete para suas amigas, dizendo que podiam se servir do que quisessem na geladeira, desde que não estivesse numa grande bandeja prata. Parker vinha trabalhando em novas receitas para *crudités* que queria experimentar na festa de casamento e havia preparado cinco bandejas dos aperitivos.

Por fim, pronta para enfrentar o conselho de zoneamento, Emily assumiu a expressão mais séria que tinha, foi até a porta da frente, abriu-a e esbarrou diretamente em alguém.

*Daniel*, pensou, instantaneamente, seu coração em descompasso.

Mas ficou profundamente desapontada ao recuar e ver não o muito esperado Daniel de pé diante dela, mas o maligno Trevor.

“Trevor”, Emily disse, com um longo suspiro. “A que devo o prazer?”

“Pensei que poderíamos evitar perder a viagem”, Trevor disse, com seu tom arrogante usual, altivo.

“Você quer carona para a reunião?” Emily perguntou, levantando uma sobrancelha.

“Na verdade”, Trevor sibilou, “estava pensando que podíamos deixar essa reunião municipal de lado”.

Ao notar a expressão supresa de Emily, acrescentou, “Se me vender a casa, não teremos que aguentar uma reunião chata”.

Emily cruzou os braços, compreendendo imediatamente do que se tratava toda a campanha de Trevor para remover sua placa. Devia ter percebido antes, que Trevor iria pregar-lhe uma peça como aquela. Nunca se tratou da placa atrapalhar sua vista para o mar, ou sobre ele tentar fechar a pousada por causa do aumento da movimentação perto de sua propriedade. Trevor só estava tentando fazê-la chegar ao limite da paciência. Sua motivação, desde o momento em que ela havia posto os pés em Sunset Harbor, era tomar sua casa. Deve ter sido terrível para ele ver que havia ficado vazia ali por vinte e cinco anos, e então, quando ela apareceu, ele veio oferecer-lhe uma quantia insignificante para tirá-la de suas mãos. Quando Emily recusou, ele começou sua

campanha. Deve pensado que, se simplesmente continuasse a espetar, cutucar e provocar, ela desistiria e perceberia que não valia a pena tanto trabalho. Ele deve ter pensado que ela estava apenas atrás de um lucro rápido, não esperava que ela estivesse tão determinada a tornar a pousada bem sucedida e manter a propriedade na família.

“Isso não vai acontecer, Trevor”, Emily disse. “Não vou vender a casa para você por meros cinquenta mil dólares. Agora, poderia por favor sair do meu caminho?”

Trevor não se moveu. “Da última vez que lhe fiz uma oferta, o lugar não passava de uma cabana dilapidada. Agora, você a restaurou e está com uma maravilhosa. Então, estou aumentando minha oferta para se equiparar ao valor de mercado. Posso lhe pagar quinhentos mil dólares por ela. É dez vezes o valor que ofereci da última vez. Poderia ser a venda mais rápida e mais simples de toda a história”.

Emily levantou uma sobrancelha. Ouvir aquele valor era um choque. Tanto dinheiro mudaria sua vida, nunca teve tanto. Poderia comprar um lindo apartamentozinho e viver confortavelmente sem trabalhar, por pelo menos alguns anos. Mas ela não confiava em Trevor de jeito nenhum, e, mais do que isso, a última coisa que queria era que sua preciosa casa caísse em nas mãos dele. Para ela, a casa valia mais do que dinheiro; continha lembranças que ela apenas começava a revelar. Não havia como desistir disso.

“Leia meus lábios, Trevor”, Emily disse firmemente. “NÃO”.

Ela passou então por ele, sem paciência, e se dirigiu ao carro.

“Nesse caso”, Trevor falou atrás dela, “veja você na reunião. E vou impedi-la de conseguir aquela placa de volta. Espere e verá!”

Emily entrou no carro, posses de raiva. Parecia apenas mais um truque cruel que o destino estava jogando sobre ela, tentando forçar a barra. Seria tão fácil simplesmente vender a pousada, deixar Sunset Harbor e voltar para seu novo emprego em Nova York sem nunca sequer descobrir se Daniel voltou ou não. Mas essa palavra mudava tudo, Emily pensou. *Fácil*. Fácil se parecia com fugir, e isso era algo que Emily não queria mais fazer. Não queria mais ser uma *escapologista*, como seu pai. Quando as coisas ficassem difíceis, não queria fugir.

Então, Emily dirigiu até a reunião municipal, fumaçando de raiva. Se pudesse se apegar a sua raiva por Trevor, não colapsaria.

Quando chegou na prefeitura, viu seus amigos da cidade, Birk e Bertha, Jason e Vanessa, Charles e Barbara, Raj e Sunita, Cynthia, Parker e Serena. Não esperava ver todos ali. Na verdade, não esperava ver ninguém lá! Lembrou por que ela amava Sunset Harbor, em primeiro lugar. Os amigos que havia feito aqui eram pessoas maravilhosas, cheias de amor e generosidade. Deixar tudo isso para trás e fugir para Nova York seria realmente a opção mais fácil?

A única pessoa ausente era Daniel. Emily sentiu um nó no estômago. Estava se saindo mal na tarefa de parar de pensar nele.

Karen se aproximou e a abraçou. “Vamos conseguir, querida. Não se preocupe com nada”.

Emily a abraçou forte. Sempre havia visto Karen de uma maneira meio maternal, e se perguntava se era assim que se parecia ser amada pela própria mãe.

Prefeito Hansen pediu ordem. “Estamos aqui para discutir a licença da placa da Pousada de Sunset Harbor”, ele disse. “Começarei dando a palavra para Trevor Mann, que levantou... *várias*... objeções à placa”.

Trevor parecia um cretino total ao subir ao palco. Emily revirou os olhos. É claro que ele havia preparado um discurso.

“A pousada fica numa rua residencial tranquila. Estou sendo constantemente perturbado pelo



barulho e aumento da movimentação, e a última coisa que preciso é desta placa feiosa!”

Emily balançava a cabeça enquanto ouvia todas as desculpas prontas dele, sendo cada uma delas apenas uma estratégia para fazê-la vender a propriedade.

“Algo mais?” O prefeito Hansen disse, com uma voz cansada.

“Sim, na verdade”, Trevor acrescentou, com um ar de deboche. “Vou questionar legalmente a placa através da Lei de Poluição Visual”.

“Poluição?” Karen zombou, ficando de pé. “Como pode classificá-la como poluição?”

O grupo começou a falar entre si. Emily olhou para Karen com uma expressão preocupada. Ela havia garantido que Trevor tinha explorado todas as vias legais disponíveis, mas de algum modo, ainda tinha conseguido encontrar mais uma brecha.

Marcella imediatamente ficou de pé, com seu livro de regras do governo local na mão.

“Acredito que o Sr. Mann se refere ao Artigo 19 da Lei de Poluição Visual, de 1997”, afirmou.

“Que determina que o conselho pode bloquear posters, faixas e placas a seu critério, se tais propagandas forem consideradas poluição”.

O prefeito Hansen suspirou e revirou os olhos. “Certo, e quanto tempo vai levar para a Srta. Mitchell contestar essa brecha legal?”

Agora, foi Emily quem ficou de pé. “Que tal tempo nenhum?”, ela disse. Pegou a bolsa e puxou um formulário. “Acredito que estes são os documentos corretos e necessários para declarar que a placa não é de propriedade pública e, portanto, não está sujeita às regras da Lei de Poluição Visual de 1997, que é principalmente usada para impedir que candidatos às eleições coloquem faixas fora do período eleitoral”.

O silêncio caiu sobre a audiência. Todos pareciam surpresos por Emily ter vindo tão preparada. Mas tinha tido seis semanas de solidão para enfrentar qualquer eventualidade nesta reunião e havia esperado que Trevor puxasse alguma carta da manga.

Trevor parecia furioso. Marcella começou a folhear os documentos. Por fim, levantou os olhos e disse, “Emily tem razão. Já que a papelada foi preenchida corretamente, o prefeito pode carimbá-la agora mesmo e sua placa ficará isenta da Lei de Poluição Visual”.

Emily cruzou os braços e sorriu triunfante para Trevor, que estava com o rosto vermelho de raiva.

Marcella pegou o formulário rapidamente das mãos de Emily e o deu ao prefeito. Ele ajustou seus óculos e pigarreou, e então leu o documento em silêncio. O grupo todo prendeu a respiração.

“Marcella”, o prefeito disse. “Por favor, passe-me o carimbo de aprovação”.

Marcella já estava preparada. Passou-lhe o carimbo e o prefeito carimbou o formulário com um floreio. Então, ficou de pé.

“Certo, o problema está resolvido. Agora, acredito que ouvimos todos os questionamentos legais de Trevor. Todos foram esgotados? Ainda há alguma brecha a explorar?”

Olhou para Marcella para conferir. Ela negou.

O prefeito continuou. “Maravilha”. Agora, vamos colocar em votação. Todos concordam com algum desses pontos?” A audiência permaneceu em silêncio absoluto. “Peço para que levante a mão quem concorda com a recolocação da placa”. Todos levantaram a mão. “Fabuloso”, o prefeito disse, batendo as mãos. “Nesse caso, não vejo razão para continuar bloqueando a reinstalação desta placa. A srta. Mitchell preencheu a papelada corretamente, o Sr. Mann levantou um problema com tudo que, acredito, ele pode legalmente fazer, e todos os moradores são unânimes em concordar que a licença pode ser concedida”. Ele olhou novamente para Marcella. “É isso? Cumpri todas as suas normas ridículas?”

Marcella tensionou os lábios e assentiu.

“Nesse caso, a placa de Emily será reinstalada”, o prefeito Hansen declarou, batendo o martelo. “Reunião encerrada!”

A audiência celebrou. A boca de Trevor se abriu, com raiva. Mas ele não tinha mais nada a dizer. Saiu furioso da reunião, com os punhos bem fechados ao lado do corpo.

Emily foi tomada por um entusiasmo que não sentia há muito tempo. Com a placa de volta, com certeza poderia conseguir mais hóspedes. O futuro de sua pousada não seria mais precário. Havia encontrado solo firme. Suas raízes estavam plantadas.

Karen a abraçou. “Sabia que você venceria”, ela exclamou. “Acho que Marcella e Trevor terminaram dando um tiro no próprio pé com toda aquela ladainha legal, não acha?”

“Parece que sim”, Emily respondeu, abraçando-a de volta. “Obrigada por toda a sua ajuda”.

Karen se afastou do abraço. “Só lamento ter demorado tanto. Mas suponho que isso não importa agora. Você manteve a pousada de pé apesar de tudo, e já pode começar a ter reservas regulares novamente”.

Ao ouvir essas palavras, a felicidade de Emily começou a diminuir. Esse tempo todo, não queria outra coisa a não ser salvar a pousada. Mas tudo aconteceu tarde demais. Seu entusiasmo havia sido dilapidado por semanas de dificuldades. Sua motivação e força de vontade estavam minando dia a dia. E então, Amy e Jayne aparecem, quando ela está no fundo do poço, e oferecem a ela uma saída fácil. Seria loucura recusar a oferta? E se aceitasse, e quanto a Daniel? Sabia que não deveria estar com ele, mesmo que aparecesse, mas ao mesmo tempo, não sabia se tinha tido sequer a possibilidade de escolha; se ele realmente voltasse para ela, seu coração pediria que se reconcilhassem, mesmo que sua cabeça soubesse que não é uma boa ideia. E se houvesse essa possibilidade, deveria ir embora de Sunset Harbor antes que o visse e perdesse a capacidade de pensar racionalmente?

\*

Ela dirigiu de volta para casa, seu coração batendo forte de antecipação o caminho inteiro, perguntando-se se haveria algum sinal da volta de Daniel. Mas, quando entrou no caminho que dava para a casa, a antiga garagem permanecia às escuras, e a caminhonete não estava na frente.

Ela entrou e encontrou Amy e Jayne de pijama na cozinha, comendo ovos com torradas.

“Como foi a reunião?” Amy perguntou.

“Ótima”, Emily replicou. “Consegui minha placa de volta”.

Jayne levantou uma sobrancelha. “Foi para uma reunião sobre uma placa?”

Emily a olhou friamente. “Sim. Fui. E me concederam a licença”.

“Estamos muito felizes por você”, Amy disse, cutucando Jayne sob a mesa.

“É claro que estamos felizes por ela!” Jayne exclamou. “Só estou dizendo que levantar numa manhã de sábado para ir a uma reunião sobre uma placa não é exatamente a atividade mais empolgante do mundo. Jesus”.

“De que horas todos vão chegar aqui?” Amy perguntou, tentando fazer a conversa voltar a um território mais seguro.

“Cerca de sete da noite”, Emily disse. “A cerimônia será na praia. Então, virão aqui para a festa e para dormir”.

“Você está perceptivelmente calma”, Amy notou.

Emily refletiu sobre como podia estar tão calma. Era a antecipação da volta (ou não) de

Daniel que lhe fazia não se preocupar com a festa de casamento, como se seu cérebro só pudesse se ocupar com uma coisa de cada vez? Ou era porque ela já tinha feito isso, que estava mais confiante, mas capaz, desta vez?”

“Acho que sim”, respondeu. “Todo o trabalho já foi feito. Os quartos estão prontos. Tenho uma faxineira, uma recepcionista, um cozinheiro. Não tenho mais muita coisa para fazer”.

Essas próprias palavras ressoavam em sua mente. Havia terminado tudo na pousada? Quase não havia mais reformas a fazer, nenhuma tarefa que precisava completar. Ela se perguntava se havia a possibilidade da pousada funcionar mesmo sem sua presença.

“Deveríamos sair um pouco”, Amy disse. “Tomar um brunch na cidade”.

“Acabamos de tomar café da manhã”, Jayne disse, mostrando seus pratos vazios.

“Mas Emily não. E eu mataria por uma Bloody Mary”.

“Acho que Joe não sabe o que é uma Bloody Mary”, Emily disse. “Mas, sim, vamos. Melhor do que ficar aqui o dia todo”.

Elas saíram e entraram no carro de Emily. Ela não pôde evitar olhar para a casa vazia de Daniel enquanto passava. Ainda era cedo, mas o dia parecia estar escoando como areia por uma peneira. Com cada segundo que se passava, sua fé na volta de Daniel diminuía mais um pouco.

Enquanto dirigia pelas ruas de Sunset Harbor, Emily notou os carros elegantes e carruagens com cavalos que deveriam fazer parte da festa de casamento. Estava claro que seria bem luxuoso. Sentiu-se empolgada ao saber que sua pequena pousada fazia parte disso, mas também sentiu uma pontada de inveja. Outras pessoas pareciam ter vidas tão felizes, cheias de alegria e contentamento, enquanto a dela parecia repleta de angústia.

“Ei, olhem!”, Jayne disse. “É a cerimônia, acontecendo na praia?”

Emily virou e viu cadeiras arrumadas, as fitas brancas voando com a brisa suave. Estava lindo. Estava perfeito. Não podia deixar de se imaginar lá, ao lado de Daniel, sabendo que tal cenário provavelmente nunca aconteceria. Não com Daniel, de todo modo. Mas poderia acontecer com Ben.

Enquanto comiam waffles e tomavam café, as três amigas assistiram à cerimônia realizada na praia.

Ninguém disse uma palavra quando as lágrimas de Emily começaram a cair em silêncio. Elas apenas se aproximaram para segurar sua mão.

# CAPÍTULO VINTE E NOVE

Depois do brunch, Emily, Amy e Jayne voltaram para casa. Mais uma vez, a visão familiar da casa escura de Daniel a saudou.

Os convidados da festa de casamento começariam a chegar em apenas algumas horas, e pousada ficaria super movimentada novamente.

“Parker!” Emily chamou o jovem chefe quando o viu, nos fundos da casa. “Estas são minhas amigas, Amy e Jayne”.

“Que legal, Emily. Mas tenho uma montanha de saladas para preparar”. Ele saiu apressado.

“Ah, Serena!” Emily chamou em seguida, arrastando sua jovem amiga pelo braço pelo corredor. “Esta é Jayne. Esta é Amy”.

“Oi”, Serena disse, acenando. “É um prazer conhecê-las. Mas vão fazer o check-out, não é? Tipo, nos próximos dez minutos? Porque a casa está lotada hoje e tenho que arrumar os quartos”.

Amy e Jayne olharam para Emily.

“Acho que é nossa deixa para irmos embora”, Amy disse.

“Sim, vai ficar um pouco corrido”, Emily replicou. “Desculpe não ter tempo para vocês ficarem por mais dias”.

“Tudo bem”, Jayne disse. “Uma noite em Sunset Harbor é mais do que suficiente para mim. Estou pronta para voltar à cidade grande”.

Emily a encarou e Jayne levantou as mãos no ar.

“Só estou brincando”, disse, com um sorriso.

Elas pegaram suas malas e Emily as levou até o carro.

“Vai pensar na proposta de emprego?” Amy perguntou, enquanto se acomodava no banco do motorista.

Emily olhou para a casa de Daniel. “Vou pensar”.

Ela se inclinou e beijou o rosto de Amy. “Obrigada por vir. Realmente, foi ótimo te ver. Não percebia o quanto sentia sua falta”.

Amy deu uma batidinha na mão dela. “Também estava com saudades, querida. Desta vez, vamos manter contato, sim?”

Emily assentiu e então foi até o outro lado do carro, abraçar Jayne no banco do passageiro.

“Desculpe se fui um pouco dura”, Jayne disse. “É só porque eu te amo e é tão estranho te ver num lugar como este”.

“É parte de quem eu sou”, Emily replicou. “Sempre foi. Desde que eu ainda era uma menina”.

“Eu sei. É só estranho. Mas desculpe. Não quis ofendê-la”. Ela sorriu constrangida. Jayne tinha dificuldades em se desculpar. E foi provavelmente por isso que ela falou a próxima frase com muita pressa. “E desculpe por aquele negócio com Ben. Ele estava sendo tão patético e quando disse a ele que vinha vê-la, ele me fez dizer onde você estava! Não sabia que ele iria aparecer por aqui”.

Emily levantou uma sobrancelha. “Talvez um dia você aprenda a manter a boca fechada, Jayne”, falou.

“Estou muito feliz por ter conseguido sua placa de volta, ou seja lá qual fosse o tema da reunião”, Jayne acrescentou.

Emily não pôde deixar de rir, emocionada por Jayne pelo menos estar se esforçando.

“Obrigada, Jayne”, ela disse, fechando a porta do passageiro.

Ela observou enquanto Amy ligava o motor, e então acenou enquanto elas dirigiam até a rua.

Voltou para dentro da pousada para conferir tudo pela última vez. Sempre se sentia orgulhosa ao ver o lugar a todo vapor, com pessoas entrando e saindo. Ela ficava mais feliz quando a casa estava tomada por risos e alegria.

Os primeiros carros do casamento chegaram pouco depois que Amy e Jayne haviam saído. Emily saudou pessoalmente cada um dos convidados e, com a ajuda de Serena, todos fizeram o check-in e se reuniram no salão de baile, onde a banda ao vivo já estava tocando.

Todo mundo parecia estar se divertindo muito enquanto esperavam a chegada da noiva e do noivo, mas Emily se viu lutando para controlar as emoções. Decidiu passar pela pequena porta que conectava o salão de baile à sala de jantar, que era onde toda a champanhe estava preparada para os convidados. Ninguém havia começado a beber ainda, já que era um pouco cedo, mas Emily achou uma pessoa ali segurando uma taça. A noiva.

“Ah, você já terminou as fotos do casamento”, Emily disse. “Correu tudo bem?”

De início, a noiva não respondeu e Emily não tinha certeza se a tinha ouvido ou não. Parecia estar transfixada pelo quadro na parede, e Emily notou então que ela estava chorando.

“Está tudo bem?” Emily perguntou, sua mente fabricando uma centena de cenários possíveis, do inocente asoberbado-e-levemente-bêbado até o terrível já-pedindo-o-divórcio. “Posso lhe ajudar?”

A noiva fungou e balançou a cabeça. Então, por fim, virou seu rosto marcado pelas lágrimas para Emily.

“Este quadro...” ela disse, mas não terminou a frase, porque foi consumida mais uma vez pelas lágrimas.

Emily caminhou até ela e olhou para o quadro do farol – aquele que mostrava uma cena noturna e que ela tinha dado a Serena permissão para pendurar na parede.

“Também acho que é um pouco triste”, ela comentou, gentil.

A noiva riu. “Não é isso”. Engoliu em seco e finalmente pareceu encontrar as palavras. “Pode não acreditar, mas minha mãe o pintou”.

Os olhos de Emily se arregalaram. A notícia era um choque tão grande para ela que teve que se controlar para não gritar. Tinha um milhão de perguntas passando pela cabeça. E se essa mulher soubesse alguma coisa que ajudasse a solucionar o mistério do desaparecimento de seu pai? Queria desesperadamente alvejar a noiva de perguntas, mas teve que aceitar que aquele não era o melhor momento.

“Verdade?” ela disse, mantendo a voz calma. “Meu pai era um grande fã. Ele tinha vários quadros como este. Encontrei pelo menos três nesta casa, e tínhamos um no corredor da casa em que cresci”.

A noiva ouviu Emily falar, seus olhos brilhando com lágrimas. “Minha mãe morreu há muitos anos”.

“Sinto muito ouvir isso”, Emily disse, tocando-a de leve no braço. “Perdi um dos meus pais também”.

Não mencionou que seu pai era, tecnicamente, uma pessoa desaparecida; não parecia apropriado trazer isso à tona. Mas sua mente estava agitada pela possibilidade de que uma peça do quebra-cabeça de sua vida pode ter sido encontrada; que talvez a morte da artista estivesse ligada, de alguma forma, ao desaparecimento de seu pai. Se foram amantes, isso poderia explicar por que ele foi embora. Ela mesmo compreendia a agonia de perder a pessoa amada – dividia a vida em duas partes, o antes e o depois, e era tão esgotante emocionalmente que apenas acordar

de manhã se tornava uma luta.

A noiva enxugou as lágrimas. “Desculpe pelo choro”, ela disse a Emily. “Fui pega de surpresa ao vê-lo”.

“Está tudo bem”, Emily disse. “É seu casamento. Pode chorar, se quiser”. Então sorriu. “Gostaria que eu retirasse o quadro da parede?”

“Retirá-lo?” a noiva exclamou. “Por Deus, não! Sinto que é como um sinal. Como se ela estivesse me observando de cima. Me faz sentir que está aqui comigo”.

Emily sentiu um nó na garganta. Ela assentiu, e então voltou sua atenção novamente para o quadro. Ambas ficaram ali em silêncio, olhando para ele juntas.

“Gostaria de levar um dos quadros?” Emily perguntou.

A noiva pareceu impressionada. “Desculpe, o quê?”

Emily deu de ombros. “É claro que significa muito mais para você do que para mim. Espere aqui um momento”.

Ela saiu da sala e foi até o quarto. Na gaveta do criado-mudo, ainda estava o certificado dobrado do diamante, com o esboço do farol no verso. Nunca saberia se foi desenhado especificamente para seu pai, ou se ele apenas o encontrou em algum mercado de pulgas, como muitas de suas antiguidades, mas realmente, não importava. Significaria tanto para a noiva e lhe daria muito mais alegria, ao invés de permanecer guardado na gaveta de Emily.

“Aqui está”, Emily disse, dando a folha de papel para a noiva.

A mulher olhou para o desenho, com um leve sorriso triste nos lábios. “Nunca vi este antes. Não está incluído no catálogo dela”. Então, ela o virou e seus olhos se abriram com a surpresa. “Isto é... ah, meu Deus”.

“Ah, sim”, Emily disse. “Encontrei este desenho com um diamante meu e imaginei que era o certificado dele, mas devem ter sido trocados de alguma forma, pois as especificações não batem”.

“Porque é o certificado para este diamante”, a noiva falou, mostrando o anel no dedo. “Minha mãe morreu de câncer”, ela explicou, com uma voz embargada. “Foi uma longa batalha. Ela teve muito tempo para pensar sobre sua morte. Então, mandou fazer este anel para mim para quando eu me casasse. Deveria haver um certificado, mas ninguém jamais o encontrou. Imaginei que havia se perdido ao longo dos anos”. Seus olhos expressavam surpresa e gratidão.

Emily quase não podia acreditar. “Não sei o que dizer. Não tenho ideia de como meu pai conseguiu este certificado. Acha que pode haver alguma chance dele ter ido parar numa loja de antiguidades ou mercado de pulgas? Meu pai adorava ir para lugares assim e, se viu o desenho, com certeza o teria comprado, visto que era tão fã”.

“Talvez”, a noiva disse. Ela segurou bem o papel. “Muito, muito obrigada”, sussurrou. “Vou guardá-lo para sempre”.

“Qual o nome de sua mãe, se não se importa de me dizer?” Emily disse, por fim. “Não consegui ler a assinatura”.

“Antonia Westerly”, a noiva disse. “Eu sou Catherine Westerly”. Então, ela levantou seu dedo, o diamante cintilando no anel. “Apesar de agora ser Catherine Jameson”. E sorriu.

Emily também sorriu e pressionou os lábios. Não perguntaria mais nada para a noiva. Ficaria grata com apenas esse tanto de informações. Poderia estar latindo para a árvore errada, mas cada peça nova ajudava a montar o quebra-cabeça. Agora, ela tinha um nome, Antonia Westerly, e aquela era uma pista que ela poderia seguir para ver aonde a levava. Emily tinha milhares de perguntas em sua mente, mas se conteve. Não queria incomodar a noiva, sobretudo não naquele dia, e não naquele momento, quando ela já se sentia tão triste. Tinha que aceitar que o mistério

de seu pai não seria resolvido nem tão cedo. Se houvesse respostas a serem encontradas, ela teria que ser paciente e esperar que o destino lhe desse mais dicas.

A noiva finalmente se voltou para Emily. Ela enxugou as lágrimas de seus olhos. “Acho que estou pronta para dançar agora. Como estou?”

Emily a olhou de cima a baixo. Estava maravilhosa com seu lindo cabelo loiro preso no topo da cabeça com grampos de pérolas e seu vestido branco de renda e de seda.

“Você está linda”, Emily disse, sorrindo. “O salão de baile fica por aqui”.

# CAPÍTULO TRINTA

A festa de casamento continuou até tarde da noite. Emily assistia, encantada, enquanto Catherine dançava a noite toda. Era óbvio que estava tendo a melhor noite de sua vida, e Emily não podia deixar de pensar se havia cometido um erro dando um não tão definitivo a Ben. Este casamento era um sonho. Mas quando fechava os olhos e tentava imaginar seu grande dia, havia apenas um homem no lugar do noivo. Era doloroso demais pensar assim, e então, Emily deu seu melhor para afastar esses pensamentos.

Mas quando já passava da meia-noite, teve que admitir: Daniel não havia voltado. Deveria estar aliviada por saber que ele não abandonou sua filha por ela, mas não estava. Ela estava silenciosamente, egoistamente devastada.

Emily permaneceu acordada supervisionando a festa até os últimos convidados irem para a cama. Então, o silêncio reinou. A pousada nunca havia estado tão cheia e, ainda assim, Emily nunca se sentira tão só.

Começou a caminhar pela casa, olhando para cada quarto, cada um repleto de lembranças dos momentos felizes com Daniel. Apesar de tudo, a casa ainda tinha a habilidade de acalmá-la e confortá-la. Era como uma amiga com a qual sempre podia contar.

Emily abriu a porta da frente e olhou para o céu escuro cheio de estrelas. Os primeiros ventos frios do inverno sopraram ao seu redor. Em breve, as folhas ficariam laranja e avermelhadas, transformando o cenário em algo novo. Estremeceu e pegou um cobertor do lounge, colocando-o ao redor dos ombros. Enquanto estava no terraço, teve vontade de caminhar até a praia. O ar fresco a fazia lembrar de quando chegou pela primeira vez em Sunset Harbor, e como o mar a atraía. Queria vê-lo novamente agora e sentir seu efeito calmante.

Andou pelo caminho de cascalho, iluminado por focos de luz vinda das poucas janelas dos quartos em que as luzes ainda estavam acesas. Então, atravessou a rua e afastou os arbustos da trilha que levava até a praia. Seguiu a trilha, notando o ar frio.

Quando chegou no mar, ele estava completamente negro, refletindo o enorme céu escuro. As ondas estavam superficiais e uniformes, como se o mar estivesse dormindo e suavemente inspirando e expirando.

Emily tirou os sapatos e sentiu a areia fria sob os pés. Podia ficar para sempre naquele momento, naquele nada, pega entre o antes e o depois. Mas sabia que não podia. Sabia que, em algum momento, teria que fazer algo, pôr algo em movimento.

Pegou seu celular e enviou uma mensagem rápida para Amy, perguntando se ainda estava acordada. Imediatamente, o telefone começou a tocar, com o nome de Amy piscando na tela.

Emily atendeu. “Ei”.

“Ei, querida”, Amy disse. “Está tudo bem?”

“Está”, Emily disse, sentindo-se mais aquecida ao ouvir a voz de Amy, sentindo sua solidão começar a derreter. “Estava pensando sobre a oferta de emprego”.

“Sim?” Amy disse, num tom que obviamente tentava passar desinteresse, sem sucesso.

Emily respirou fundo. “Vou aceitar”, ela disse, decidida.

“Vai?” a amiga quase gritou.

“Sim. Acho que não há mais nada para mim aqui. Este lugar já me deu tudo que eu queria”.

“Estou tão feliz”, Amy disse, com alegria na voz.



“Eu também”, Emily disse. “Amy, obrigada por não desistir de mim em momento algum ao longo dos últimos meses. Não tenho sido exatamente uma boa amiga”.

“Tudo bem”, Amy disse. “Você é incrível, comparada a Jayne. Vamos deixar tudo isso para trás. Quando vai voltar?”

Emily suspirou. “Assim que encontrar um comprador para a pousada, acho. NÃO vou vendê-la a Trevor. Quero que seja comprada por alguém daqui. Alguém que vai amá-la como eu a amo”.

“Bem, o emprego vai esperar até você estar pronta, certo?” Amy disse.

“Certo”, respondeu.

Elas terminaram a ligação e Emily estremeceu. O vento estava frio. Decidiu voltar para a casa e ter um merecido descanso.

Caminhou de volta e subiu a trilha até a rua, sentindo a areia nos sapatos. Quando chegou na entrada da pousada, notou que um dos hóspedes estava no terraço. No escuro, não podia distinguir o que estava fazendo; parecia que estava mexendo nos vasos de plantas suspensos. Ela suspirou. Provavelmente era um dos padrinhos, bêbado, pensando que seria hilário roubar algumas plantas.

Aproximou-se, disposta a repreendê-lo, e então parou. Não era ninguém da festa de casamento, Emily percebeu, surpresa. Era Daniel. Seu coração disparou. Sua garganta pareceu fechar e sentiu o fôlego desaparecer.

“O que está fazendo?” Emily conseguiu balbuciar.

Daniel parou e olhou sobre o ombro. Emily viu então que ele estava reinstalando sua placa. Agora, estava no lugar, pendendo orgulhosa sobre a porta de entrada, onde pertencia.

“Eu lhe disse que voltaria antes do fim do verão”, Daniel disse.

Daniel desceu a pequena escada e olhou para ela. Com o coração batendo forte, Emily se aproximou devagar. Era como se estivesse se aproximando de uma aparição. Parou a uma certa distância, maior do que eles costumavam ficar. Havia uma nova tensão entre eles. Emily se sentia dividida. Parte dela queria se jogar nos braços dele, mas outra a dizia para se conter, que Daniel havia mudado, que ele podia não ser mais o homem em quem confiava.

“Vai me contar como foi?” Emily perguntou. A pergunta parecia totalmente inadequada; como se houvesse alguma forma dele resumir as últimas seis semanas de sua vida em seu novo papel de pai.

“Claro”, Daniel disse. “Mas quero te mostrar algo primeiro”.

Emily franziu o cenho. A parte racional dela lhe dizia para voltar para casa, mas seu coração pensava que, se seguisse Daniel, haveria algo que ele pudesse fazer ou dizer que consertaria tudo entre eles. Era impossível argumentar com seu coração. Seguiu Daniel.

Ele a levou até sua casa. A cena que Emily havia esperado ver por seis semanas subitamente se abriu diante dela: a antiga garagem com a caminhonete de Daniel na frente, preenchendo aquele terrível espaço vazio que a assombrava.

“Veja”, Daniel disse, fazendo um gesto para o carro.

Emily franziu o cenho novamente, mais atônita do que nunca. Não podia imaginar o que poderia existir na face da Terra que resolvesse as coisas entre eles, mas pelo olhar animado de Daniel, ele parecia achar o contrário.

Emily espiou pela janela traseira e perdeu o ar. Então, se afastou com a mão sobre a boca.

“Não quis acordá-la”, Daniel disse.

A menininha adormecida no banco traseiro do carro era a criança mais linda que Emily já tinha visto. Parecia tão frágil, tão inocente. Seu coração derreteu ao vê-la.

“É...”

“Minha filha”, Daniel replicou. “Charlie”.

Emily finalmente olhou para Daniel. De todos os cenários que havia imaginado, este era novo. Pensou que havia apenas dois cenários possíveis, e nenhum deles terminava bem. Mas este, este novo, que Daniel conseguiu conjurar, que final poderia ter? Haveria uma maneira de salvar seu relacionamento neste cenário?

“Como?” Emily sussurrou. Sua voz estava falhando agora, pois já começava a chorar. “Como a trouxe com você?”

“Não podia deixá-la”, Daniel disse. “Você tinha razão. Quando cheguei lá, não havia como abandonar essa menininha”.

Emily assentiu. Era o que ela queria. Não podia amar a versão de Daniel que abandonava sua própria filha, não importa quão inconveniente fosse sua existência.

“Mas e Sheila?” perguntou. “A mãe não quer ficar com ela?”

Daniel balançou a cabeça. “Sheila nunca estava em casa, Emily. Eu a vi uma ou duas vezes o tempo todo. Ela sabe que não pode cuidar bem de Charlie no momento. E me deixou trazê-la comigo”.

Emily respirou fundo. Tudo estava começando a parecer muito surreal. Ela se perguntou se estava sonhando.

“E ela vai morar aqui? Em Sunset Harbor?”

Não precisava que Daniel respondesse, porque estava tão óbvio, tão claro, transparente como um diamante. Este era o resultado que ela não se havia permitido considerar. Seu subconsciente a havia sabotado, escondido dela o único final feliz pelo qual ansiava. Não havia se permitido ter a ideia, sequer por um segundo, de que Daniel poderia voltar com a criança que ela tanto desejava.

Mas Daniel respondeu. “Sim”.

Emily não pôde mais se segurar. Seis semanas de sofrimento desapareceram em um segundo. Ela se abraçou a Daniel, apertando-o forte, e num instante seus corpos estavam unidos. A boca de Daniel se abriu para a dela com prazer, com muito desejo, como se ele tivesse sentido tanto a falta dela quanto ela sentiu a dele.

Quando finalmente se afastaram um pouco, Emily sentiu as lágrimas correndo pelo rosto. Os olhos de Daniel brilharam à luz das estrelas.

“Não posso acreditar”, ela disse, sorrindo. “Você realmente voltou”.

“Nunca poderia lhe deixar, Emily”, Daniel disse.

Nesse momento, a garotinha acordou. Seu rosto estava inchado de sono, seus olhos, sonolentos e vermelhos. Seja pela sua idade ou pelo cabelo loiro ondulado, Emily não pôde deixar de pensar que ela se parecia incrivelmente com Charlotte. Mais uma vez desde que veio para Sunset Harbor, Emily sentiu que estava recebendo um sinal de sua irmã falecida, que talvez o espírito dela estivesse ali.

Charlie olhou pela janela. Quando viu Daniel, deu um largo sorriso. Emily nunca tinha visto um olhar de amor mais puro.

Daniel abriu a porta. “Ei, querida. Não quis acordá-la”. Ele pegou a garota de uma maneira tão doce e gentil que derreteu o coração de Emily.

A menininha passou as pernas ao redor da cintura de Daniel e descansou a cabeça sobre seu ombro. Emily se lembrou de seu próprio pai segurando-a da mesma forma e a lembrança aqueceu seu coração.

“Esta é Emily”, Daniel disse, girando, para que a menina pudesse vê-la.

“Ei”, Emily disse numa voz baixa, gentil.

“Oi”, Charlie disse, tímida, antes de esconder a cabeça no pescoço de Daniel.

“Acho que ela ainda está com sono”, Daniel disse. “Melhor colocá-la na cama”.

Emily assentiu. Daniel deu alguns passos para a antiga garagem, e então se voltou para Emily.

“Você não vem?”

Ela ficou ali parada, momentaneamente paralisada. Não por medo ou preocupação, mas sem acreditar que aquele momento era real. Que tudo havia se alinhado em sua vida e formado esta configuração perfeita.

“Claro”, ela disse.

Olhou mais uma vez para a posuada, sua placa orgulhosamente pendurada sobre a porta, todas as luzes agora apagadas. Parecia fantástica, incrível, uma verdadeira pérola. Havia realizado algo do qual realmente se orgulhava. Então, olhou novamente para a porta da frente da antiga garagem, não mais às escuras, agora iluminada pela luz da lâmpada. Observou Daniel entrar enquanto levava a linda menina nos braços até o quarto.

Pegou seu celular e enviou uma mensagem rapidamente para Amy.

*Desculpe. Mudei de ideia. Vou ficar no Maine.*

Caminhava devagar, sabendo que passar por aquela porta significaria muito mais do que isso. Significaria uma nova vida, uma vida mais rica e mais assustadora que qualquer uma que havia imaginado. Uma vida repleta de amor e incertezas. Uma vida que, assim que entrasse nela, nunca mais poderia sair.

Ela os seguiu e parou no batente da porta, convidada pelo brilho aconchegante no interior.

Respirou o ar da noite fresca de verão, já notando a chegada do outono, sentindo uma mudança que ninguém podia deter.

E enquanto respirava fundo mais uma última vez, entrou na casa.

## DISPONÍVEL AGORA!



### [PARA SEMPRE, COM VOCÊ](#)

#### **(A Pousada em Sunset Harbor — Livro 3)**

“A capacidade de Sophie Love encantar seus leitores é delicadamente trabalhada em poderosas e inspiradoras frases e descrições... Este é o romance perfeito para ler na praia, com uma diferença: seu entusiasmo e belas descrições nos chamam a atenção, inesperadamente, para a complexidade não apenas do desenvolvimento do amor, mas do desenvolvimento da psique dos personagens. É uma recomendação deliciosa para quem ama romances e está em busca de um toque a mais de complexidade em seus livros”.

--*Midwest Book Review* (Diane Donovan, sobre *Agora e para Sempre*)

“Um livro muito bem escrito, que narra a luta de uma mulher (Emily) para encontrar sua verdadeira identidade. A autora fez um trabalho incrível ao criar os personagens e descrever o cenário. O romance está presente, mas sem excessos. Parabéns à autora por este incrível começo de uma série de promete ser muito interessante”.

--*Books and Movies Reviews*, Roberto Mattos (sobre *Agora e para Sempre*)

PARA SEMPRE, COM VOCÊ é o livro 3 da série de romances A POUSADA EM SUNSET HARBOR, que começa com o livro 1, AGORA E PARA SEMPRE — com download gratuito! Emily Mitchell, 35 anos, abandonou seu emprego, apartamento e ex-namorado em Nova York para se mudar para a casa abandonada do pai, no litoral do Estado do Maine, querendo uma mudança de vida. Usando suas economias para restaurar a casa histórica, e com o apoio do zelador da casa, Daniel, Emily se prepara para abrir a Pousada em Sunset Harbor, à medida que o feriado do Memorial Day se aproxima.

Mas nem tudo sai como planejado. Emily aprende rapidamente que não tem a mínima ideia sobre como gerenciar uma pousada. A casa, apesar de seus esforços, precisa de consertos urgentes que ela não pode pagar. Seu vizinho invejoso ainda está determinado a causar-lhe problemas. E o pior de tudo: justo quando seu relacionamento com Daniel está florescendo, ela descobre que ele tem um segredo. E que isso mudará tudo.

Com suas amigas insistindo para que volte a Nova York, e seu ex-namorado tentando ganhá-la de volta, Emily tem que tomar uma decisão que mudará sua vida. Vai tentar fazer dar certo, assumir sua vida numa cidade pequena, na velha casa do seu pai? Ou vai virar as costas para seus novos amigos, vizinhos e projeto de vida – e para o homem pelo qual se apaixonou?

PARA SEMPRE, COM VOCÊ é o Livro 3 de uma surpreendente série de romances que lhe farão rir, chorar e continuar virando as páginas até tarde da noite, e que lhe farão se apaixonar

pelo romance novamente. O Livro 4 estará disponível em breve.



**[PARA SEMPRE, COM VOCÊ](#)**  
**(A Pousada em Sunset Harbor—Livro 3)**

## **Sophie Love**

Fã de longa data de romances, Sophie Love está muito feliz em publicar sua primeira série de livros, que começou com AGORA E PARA SEMPRE (A POUSADA EM SUNSET HARBOR – LIVRO 1), que pode ser [baixado gratuitamente na Amazon!](#) Sophie adoraria ouvir seus comentários, então, visite [www.sophieloveauthor.com](http://www.sophieloveauthor.com) se quiser enviar-lhe um e-mail, receber eBooks de graça, saber das novidades e manter contato!

**LIVROS DE SOPHIE LOVE**

**A POUSADA EM SUNSET HARBOR**

AGORA E PARA SEMPRE (Livro 1)

PARA TODO O SEMPRE (Livro 2)

PARA SEMPRE, COM VOCÊ (Livro 3)